

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

REDACÇÃO	O perigo "yankee"	97
RUY BARBOSA	O caso internacional.	99
MARTIM FRANCISCO	Viajando (XI)	131
MONTEIRO LOBATO.	Grammatica viva	143
LINDOLPHO ESTEVES	Versos	150
FERNANDO AZEVEDO	Ilusão Americana.	155
AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY	Um album de Elisa Lynch	163
FRANCISCO IGLESIAS	Cinco annos no Norte do Bra . sil (VI).	169
REDACÇÃO	Resenha do Mez	177

PUBLICAÇÃO MENSAL — EDIÇÃO DE LUXO

N. 42 - ANNO IV — VOL. XI — JUNHO, 1919

Redacção e Administração:
RUA BOA VISTA, 52
SÃO PAULO -- Brasil

RESENHA DO MEZ: VIDA NACIONAL De 15 a 15 - Os mortos do mez - Canuto Saraiva e Marechal Bormann - Artes e artistas - A. Norfini - A alma de Arinos (*Miguel Couto*) - REVISTAS E JORNAES: Psychologia brasileira do character (*Gilberto Amado*) Colonia ou nação soberana? (*Medeiros e Albuquerque*) O Brasil não poderá assignar o tratado de paz? (*Pedro Lessa*) O quarto de hora de Nogi - Sete vaccas gordas (*Micromegas*) S. Paulo no centenário (*P.*) Jaurés (*Anatole France*) NOTAS SCIENTIFICAS: O casamento consanguineo em face da Eugénia (*Dr. Renato Kehl*) VARIEDADES, CARICATURAS DO MEZ ILLUSTRAÇÕES: S. Paulo visto de aeroplano - Quadros de A. Norfini.

AS ASSIGNATURAS COMEÇAM EM QUALQUER TEMPO E TERMINAM EM JUNHO OU DEZEMBRO

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA, E ACTUALIDADES

Directores: MONTEIRO LOBATO,
LOURENÇO FILHO.

Secretario: ALARICO F. CAIUBY.

Directores nos Estados:

Rio de Janeiro: José Maria Bello.

Minas Geraes: J. Antonio Nogueira, Bello Horizonte.

Pernambuco: Mario Sette, Recife.

Bahia: J. de Aguiar Costa Pinto, S. Salvador.

Ceará: Antonio Salles, Fortaleza.

R. Grande do Sul: João Pinto da Silva, P. Alegre.

Paraná: Seraphim França, Corityba.

Amazonas: João Baptista de Faria e Souza, Manãos

Rio Grande do Norte; Henrique Castriciano, Natal.

ASSIGNATURAS

Anno 15\$000

Seis mezes 8\$000

Numero avulso. 1\$500

Assignatura com direito a registro no correio: mais 2\$400 por anno.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52

SÃO PAULO

Caixa Postal: 2-B — Telephone, 1603, Central

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao secretario.

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

SEMPRE TEMOS EM STOCK GRANDE QUANTIDADE DE
MATERIAL ELECTRICO COMO:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS de ENGOMMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 1½ WATT

ISOLADORES

TELEPHONES

ESTAMOS HABILITADOS PARA A CONSTRUCCÃO DE INS-
TALLAÇÕES HYDRO-ELECTRICAS COMPLETAS, BONDES,
ELECTRICOS, LINHAS DE TRANSMISSÃO, MONTAGEM DE
TURBINAS E TUDO QUE SE REFERE A ESTE RAMO.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

PARA PREÇOS E INFORMAÇÕES DIRIJAM-SE A

BYINGTON & Co.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745-central — S. PAULO

OFFICINAS E GARAGE MODELO

A. Dias Carneiro



UNICO IMPORTADOR DOS

**Automoveis OVERLAND e
WILLYS KNIGHT**

GRANDE STOCK DE ACCESSORIOS
PARA AUTOMOVEIS.

Depósito permanente dos Pneumaticos
"FISK."

*Mechanica-Pintura-Sellaria
Carrosserie - Vulcanisação -
Electricidade.*

EXECUTA-SE QUALQUER ENCOMMENDA
COM RAPIDEZ.

TELEPHONES CENTRAL

ESCRITORIO N. 3479 — GARAGE N. 411

Caixa Postal N. 534 — End. Telegr.: ALDICAR

RUA 7 DE ABRIL N. 38

Av. São João N. 18 e 20

Canto Libero Badaró

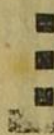
S. PAULO

Casa Britannia

MACDONALD & Co.

...

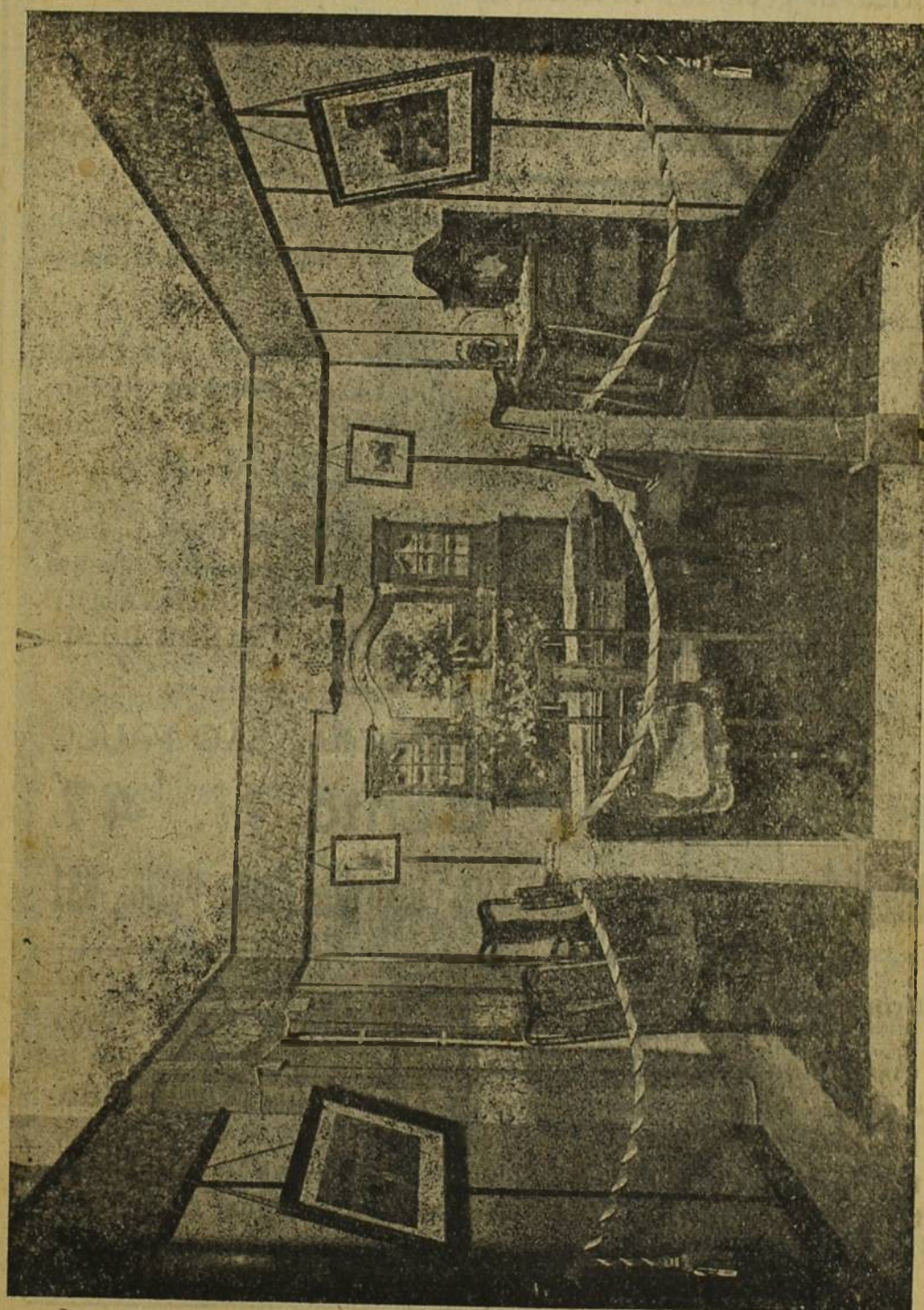
**MOVEIS
FINOS**



Teleph.: Centr. 5019

R. Libero Badard, 59

S. PAULO



PEREIRA IGNACIO & C.

INDUSTRIAS

Fabrica de Tecidos PAULISTANA e LUSITANIA nesta Capital, e LUCINDA, na estação de S. Bernardo (S. Paulo Railway).

VENDEDORES DE FIOS DE ALGODÃO CRUS E MERCERISADOS

COMPRADORES de Algodão em caroço em grande escala, com machinas e AGENCIAS nas seguintes localidades todas do Estado de S. Paulo.

Sorocaba, Tatuhy, Piracicaba, Tieté, Avaré, Itapetininga, Pirajú, Porto Feliz, Conchas, Campo Largo, Boituva, Pyramboia, Monte Mór, Nova Odessa, Bernardino de Campos, Bella Vista de Tatuhy.

Grandes negociantes de ALGODÃO EM RAMA neste e nos demais Estados algodoeiros, com Representações e filiaes em AMAZONAS, PARA', PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE JANEIRO, RIO GRANDE DO SUL

ESCRITORIO CENTRAL EM SÃO PAULO:

Rua de São Bento N. 47

Telephones: 1536, 1537, 5296 - Central - Caixa Postal, 931

Proprietarios da conhecida
Agua Mineral

“PLATINA,,

Cognominada a VICHY BRASILEIRA — A melhor Agua de mesa — Ação Medicinal — A PLATINA cuja FONTE CHAPADÃO, está situada na estação da PRATA, é escrupulosamente captada, sendo fortemente radio-activa e bicarbonatada sodica como a VICHY e é como esta agua franceza.

VENDIDAS EM GARRAFAS ESCURAS

PHENO-DANICA

== Superior Desinfectante ==



Vende-se em caixas de 50
latas de 1 litro e em latas
de 10 litros e vidros de
100 grammas

O mais perfeito desinfectante antiseptico para lavagem de casas. Não deixa manchas brancas gordurosas, e é o producto mais recommendavel para a saneação de logares humidos subterraneos.

O unico desinfectante capaz de neutralisar o cheiro pestifero dos monturos, sem reduzir-lhes a potencia fertilisadora.

Chamamos a attenção dos srs. criadores de gado e veterinarios para o uso antiseptico deste desinfectante no tratamento de febre aphtosa e molestias congeneres, bicheiras, bernas e carrapatos.

~~~~ Peçam amostras gratis ~~~~

## A. BOYE & C.

Rua Libero Badaró, 6 - Telephone, 2007-Central  
Caixa Postal N. 1410

DEPOSITARIOS EM CAMPINAS: =====

**José Milani & Comp.** - Caixa Postal, 237



# LIVROS USADOS A' VENDA

|                                                                              |         |       |
|------------------------------------------------------------------------------|---------|-------|
| <i>Dion Cassius</i> — Histoire Romaine, 10 vols. . . . .                     | 40\$000 | reis. |
| <i>A. Comte</i> — Politique positive, 4 vols. . . . .                        | 20\$000 | »     |
| <i>A. Comte</i> — Philosophie positive, 6 vols. . . . .                      | 18\$000 | »     |
| <i>Bossuet</i> — Meditations sur l'Evangile, 1 vol. . . . .                  | 3\$000  | »     |
| <i>Pindaro</i> — Oeuvres complètes, 1 vol. . . . .                           | 2\$000  | »     |
| <i>A. Bain</i> — Logique, 2 vols. . . . .                                    | 10\$000 | »     |
| <i>Leão Bourroul</i> — Hercules Florence, 1 vol. . . . .                     | 5\$000  | »     |
| <i>Stuart Mill</i> — Economie politique, 2 vols. . . . .                     | 6\$000  | »     |
| <i>Adams</i> — La Confederation Suisse, 1 vol. . . . .                       | 3\$000  | »     |
| <i>Bruntschl</i> — La politique, 1 vol. . . . .                              | 3\$000  | »     |
| <i>Passi</i> — Formes de gouvernement, 1 vol. . . . .                        | 3\$000  | »     |
| <i>Letourneau</i> — L'evolution de la propriété . . . . .                    | 5\$000  | »     |
| <i>Neymarck</i> — Turgot et sa doctrine, 2 vols. . . . .                     | 6\$000  | »     |
| <i>Tocqueville</i> — De la democratie en Amerique, 3 vols. . . . .           | 8\$000  | »     |
| <i>Lyell</i> — Principes de geologie, 2 vols. . . . .                        | 10\$000 | »     |
| <i>Mignet</i> — Histoire de la Revolution Française, 2 vols. . . . .         | 5\$000  | »     |
| <i>Monte Alverne</i> — Obras oratorias, 4 vols. . . . .                      | 20\$000 | »     |
| <i>Arnould et Pujol</i> — Histoire de la Bastille, 4 vols. . . . .           | 12\$000 | »     |
| <i>Thiers</i> — Histoire de l'Empire, 4 vols. . . . .                        | 20\$000 | »     |
| <i>Thiers</i> — Histoire du Consulat, 1 vol. . . . .                         | 5\$000  | »     |
| <i>Thiers</i> — Histoire de la Révolution, 2 vols. . . . .                   | 10\$000 | »     |
| <i>Thiers</i> — Consulat et Empire, Atlas, 2 vols. . . . .                   | 20\$000 | »     |
| <i>Henri Martin</i> — trad. P. Chagas — Histoire de France, 7 vols. . . . .  | 30\$000 | »     |
| <i>Voltaire</i> — Oeuvres, 11 grandes volumes . . . . .                      | 60\$000 | »     |
| <i>Rabellais</i> — Oeuvres, 7 vols. . . . .                                  | 12\$000 | »     |
| <i>Byron</i> — Oeuvres, 4 vols. . . . .                                      | 8\$000  | »     |
| <i>P.º Chagas</i> — Historia de Portugal, 9 vols. . . . .                    | 27\$000 | »     |
| <i>Bossuet</i> — Orações funebres, 2 vols. . . . .                           | 5\$000  | »     |
| <i>Otfried Muller</i> — Litterature grecque, 3 vols. . . . .                 | 12\$000 | »     |
| <i>Quintiliano</i> — Oeuvres complètes, 3 vols. . . . .                      | 6\$000  | »     |
| <i>Joly</i> — L'Homme avant les meteaux, 1 vol. . . . .                      | 3\$000  | »     |
| <i>Bain</i> — La science de l'education, 3 vols. . . . .                     | 3\$000  | »     |
| <i>Comte</i> — Appello aos conservadores, trad. Mignel Lemos, 1 vol. . . . . | 3\$000  | »     |
| <i>E. Veron</i> — Histoire de la Prusse, 1 vol. . . . .                      | 3\$000  | »     |
| <i>Nivoit</i> — Elements de geologie, 1 vol. . . . .                         | 2\$000  | »     |
| <i>Reinald</i> — Historia da Inglaterra. . . . .                             | 2\$000  | »     |
| <i>Léon Donat</i> — Lois et mœurs republicains, 1 vol. . . . .               | 2\$000  | »     |
| <i>Aulu-Gelle</i> — Oeuvres, 2 vols. . . . .                                 | 4\$000  | »     |
| <i>Le Play</i> — La constitution de l'Angleterre, 2 vols. . . . .            | 5\$000  | »     |
| <i>Foillet</i> — Idées modernes du Droit, 1 vol. . . . .                     | 3\$000  | »     |
| <i>Carlier</i> — La Republique americanaue, 4 vols. . . . .                  | 12\$000 | »     |
| <i>Skalkovski</i> — Les ministres des Finances de la Russe, 1 vol. . . . .   | 3\$000  | »     |
| <i>Spencer</i> — Various fragments, 1 vol. . . . .                           | 2\$000  | »     |
| <i>Lavisse</i> — Le Grand Frederique avant l'Avenement, 1 vol. . . . .       | 5\$000  | »     |
| <i>Letourneau</i> — La guerre, 1 vol. . . . .                                | 5\$000  | »     |
| <i>Lastarria</i> — Philosophie politique, 1 vol. . . . .                     | 3\$000  | »     |
| <i>Campoamor</i> — Los pequenos poemas, 1 vol. . . . .                       | 3\$000  | »     |
| <i>Thucidides</i> — Guerre du Péloponese, 1 vol. . . . .                     | 3\$000  | »     |

(Vide pagina seguinte)



|                                                                               |         |       |
|-------------------------------------------------------------------------------|---------|-------|
| <i>Porto Alegre</i> — <i>Brasiliannas</i> , 1 vol. . . . .                    | 3\$000  | reis. |
| <i>Fialho</i> — <i>Pasquinadas</i> , 1 vol. . . . .                           | 2\$000  | »     |
| <i>Seneuil</i> — <i>Economie politique</i> , 2 vols. . . . .                  | 4\$000  | »     |
| <i>Seneca</i> — <i>Oeuvres</i> , 4 vols. . . . .                              | 10\$000 | »     |
| <i>Plauto</i> — <i>Comedies</i> , 2 vols. . . . .                             | 6\$000  | »     |
| <i>Brunetiere</i> — <i>Le roman naturaliste</i> , 1 vol. . . . .              | 3\$000  | »     |
| <i>Veron</i> — <i>Histoire de l'Allemagne</i> , 1 vol. . . . .                | 3\$000  | »     |
| <i>Tiberguien</i> — <i>Introduction a la philosophie</i> . . . . .            | 3\$000  | »     |
| <i>Veron</i> — <i>La morale</i> , 1 vol. . . . .                              | 3\$000  | »     |
| <i>Eutrope</i> — <i>Histoire romaine</i> , 1 vol. . . . .                     | 2\$000  | »     |
| <i>Leroy Beaulieu</i> — <i>Le travail des femmes</i> , 1 vol. . . . .         | 4\$000  | »     |
| <i>Ferrero</i> — <i>La Europa Giovani</i> , 1 vol. . . . .                    | 4\$000  | »     |
| <i>Letourneau</i> — <i>La biologie</i> , 1 vol. . . . .                       | 3\$000  | »     |
| <i>O Panorama</i> — 15 vols. encadernados . . . . .                           | 60\$000 | »     |
| <i>Claparede</i> — <i>Psychologie de l'enfant</i> , 1 grande volume . . . . . | 8\$000  | »     |
| <i>Rouma</i> — <i>Pedagogie sociologique</i> , 1 vol. . . . .                 | 3\$000  | »     |
| <i>Baunschuig</i> — <i>Notre enfants</i> , 1 vol. . . . .                     | 3\$000  | »     |
| <i>Hugo</i> — <i>Cromwell</i> , 1 vol. . . . .                                | 3\$000  | »     |
| <i>Bervliet</i> — <i>La memoire</i> , 1 vol. . . . .                          | 3\$000  | »     |
| <i>Poincaré</i> — <i>La science et l'hipothese</i> , 1 vol. . . . .           | 3\$000  | »     |
| <i>Hartenberg</i> — <i>Traitement des neurasthenique</i> . . . . .            | 3\$000  | »     |
| <i>Theophilo Braga</i> — <i>Cancioneiro portuguez</i> , 2 vols. . . . .       | 6\$000  | »     |
| <i>Ortigão</i> — <i>Banhos de caldas</i> , 1 vol. . . . .                     | 4\$000  | »     |
| <i>Picard</i> — <i>La science moderne</i> , 1 vol. . . . .                    | 3\$000  | »     |

Nestes preços não se inclúe o porte pelo Correio  
Pedidos á "REVISTA DO BRASIL" - Caixa 2 B - S. PAULO

## EDIÇÕES DA "REVISTA DO BRASIL"

Acaba de ser posta á venda a quarta edição dos  
"Urupês"

de Monteiro Lobato, impressa em magnifico papel  
Preço: brochada, 4\$000 réis; encadernada, 5\$000 réis.

**Lima Barreto — "VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ"**

Magnifico romance da vida carioca, recebido com unanimes  
louvores pela critica nacional. — Preço; 2\$000 réis.

**Martim Francisco — "RINDO"**

Collecção dos seus melhores trabalhos de critica e humoris-  
mo, comprehendendo as seguintes partes: O casamento do  
mano, Uma pagina do futuro, Carta-careta, Um poeta, His-  
toria universal, Patria paulista, Soluções dum Tico-tico, Os  
grudes, Tribunal do Jury de S. Paulo. — Preço: 3\$000 réis.

Encontra-se á venda, igualmente, no escriptorio da "Revista do Brasil" e  
nas livrarias — **A FILHA DA FLORESTA** — pelo Prof. Thales C.  
Andrade, conto maravilhoso, para creanças. — Preço 600 réis.

Desconto aos revendedores.

Nestes preços está incluído o porte - Pedidos á "Revista do Brasil" - Caixa 2 B - S. PAULO



# The British Bank of South America Ltd.

FUNDADO EM 1863

CASA MATRIZ:

*4, Moorgate Street-LONDRES*

*Filial em S. PAULO: R. S. Bento, 44*

Capital Subscripto £ 2.000.000

„ Realizado £ 1.000.000

Fundo de Reserva £ 1.000.000

Succursaes : Manchester, Bahia,

Rio de Janeiro, Montevideo,

Rosario de Sta. Fé e Buenos Aires.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canada, Nova Zelandia, Africa do Sul, Egypto, Syria e Japão. Emitem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteados e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

RECEBE-SE DINHEIRO, EM CONTA CORRENTE  
E A PRAZO FIXO, ABONANDO JUROS CUJAS  
TAXAS PODEM SER COMBINADAS NA OCCASIÃO.



# AGUA PURGATIVA

## MINERAL GAZOZA



A agua mineral gazoza purgativa é applicada nas molestias dos intestinos, constipações de ventre, congestões, febres gastricas e, em geral, em todos os encurtamentos abdominaes.

Esta agua purga rapidamente sem produzir irritação gastro-intestinal; ella tem a vantagem de poder ser administrada em pequena dose, sendo o seu effeito immediato, sobre tudo se tomar-se logo depois uma chicara de chá. *Ella não exige nenhuma dieta.*



### COMPOSIÇÃO:

|                                            |         |
|--------------------------------------------|---------|
| Sulfato de sodio anhydro . . . .           | 96.265  |
| Sulfato de potassio anhydro . . . .        | 0.239   |
| Sulfato de magnesia anhydro . . . .        | 3.268   |
| Sulfato de cal . . . . .                   | 1.949   |
| Chlorureto de Sodio anhydro . . . .        | 2.055   |
| TOTAL das substancias fixas . . . .        | 103.776 |
| Em um litro de agua gazoza purgativa ..... |         |

PREPARADA NO LABORATORIO DA:

SOCIEDADE DE PRODUCTOS CHIMICOS L. QUEIROZ - SÃO PAULO



DROGARIA AMERICANA  
Rua Libero Badaró 144  
SAO PAULO





:: Casa Franceza ::

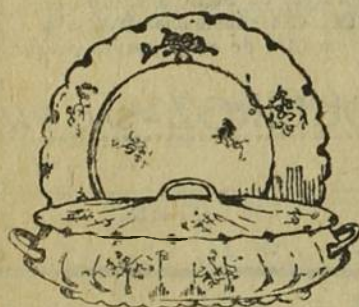
de

**L. GRUMBACH & C.<sup>IA</sup>**

Rua São Bento, 89 e 91

— SÃO PAULO —

O MELHOR SORTIMENTO EM APPARELHOS PARA  
:: JANTAR DE PORCELLANA DE LIMOGES ::

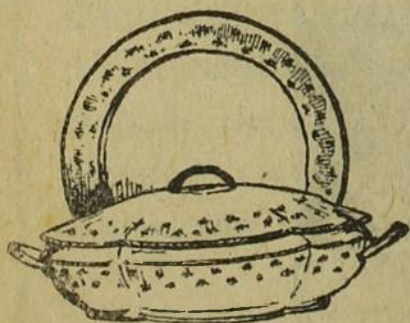


Serviço 60 peças Havi-  
land "Julietta" . . 450\$

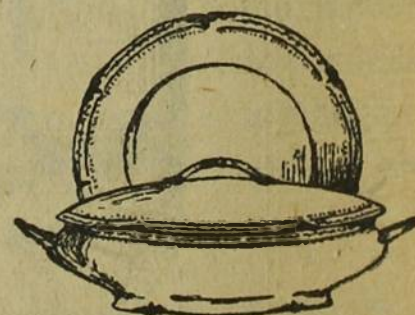


Serviço 60 peças Havi-  
land "Romeo" . . 550\$,

PORCELLANAS FRANCEZAS SÃO AS MAIS FINAS



Serviço 100 peças Havi-  
land "Plissé Or" 1:800\$.



Serviço 98 peças Limo-  
ges "Aida Or" . 1:800\$.

A MAIOR CASA EXISTENTE NESTE GENERO  
NO BRAZIL



# REVISTA DO BRASIL

Junho, 1919

## O perigo *yankee*...

Deante do capitolo dos perigos, os brasileiros temos a bôa e santa philosophia do Siddartha, que é a de não ter philosophia alguma: fincam-se os olhos no umbigo, e como o umbigo não dá mostras de maiores perturbações, deixa-se correr o marfim. Sempre assim foi, desde que houve perigos sobre a cabeça do indigena, e assim continuará sendo, emquanto houver perigos, umbigo e marfim.

Não é, pois, motivo de espanto que, levantada a discussão em torno das novas manifestações imperialistas dos Estados Unidos, o Brasil se ponha na sua attitude predilecta, sem preoccupar-se sequer com a escolha do molho com que prefira ser comido.

Que existe o perigo em questão não é necessario discutir-se. Elle tem que existir como producto mesmo da plethora de vida norte-americana, como é força que surja onde quer que uma nacionalidade ou uma raça tenha attingido a determinada fase de sua propria evolução. O perigo *yankee* existe. Prova-o a frequencia das allusões, na imprensa americana, á «missão civilisadora» dos Estados Unidos, prova-o a attitude dos chefes do Partido Republicano, contrario ao de Wilson, e, sobre tudo, prova-o o que de lá voítam dizendo os nossos intellectuaes.

Facto notavel: todo o brasileiro pasma ante as mil coisas americanas e não tem palavras que lhe bastem para exaltar as qualidades da gente que constróe «arranha céos» de cinquenta andares, e fabrica *films* interessantes como nenhuns. Mas tudo isso de longe, emquanto não foi passear a sua candida admiração pela *Fifth Avenue*. A regra de todos que por lá andam é tornarem com pareceres mudados. Verificam que os Estados Unidos são um povo forte,



organizado, sem duvida nenhuma, mas que sofre as suas mazellas como outro qualquer povo. Porque nós aqui só conhecemos a Republica do Norte pela réclame verdadeiramente á americana que ella se faz, pelos films de luxo, pela engenharia de exportação e pelos Almanagues de Ayer.

Seja, porem, como fôr, com admiração ou sem ella, quem perscruta com sentidos de bem sentir a vida *yankee*, nota-lhe accentuada tendencia expansionista. Expansionismo de um, perigo de outro... Quem ainda se não convenceu dessa realidade, ficará certamente bem edificado ao ler o seguinte trechinho do discurso do presidente Wilson ao presidente Epitacio, por occasião de um jantar, em Paris:

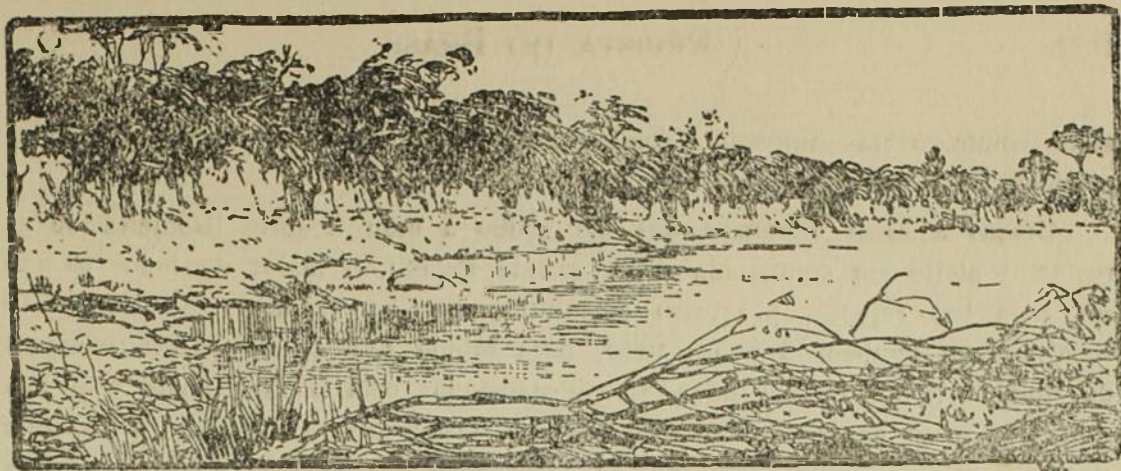
«Em occasião memoravel, tinham os Estados Unidos advertido aos governos da Europa de que considerariam acto inamistoso qualquer tentativa que partisse desses governos, de derrubar instituições livres no hemispherio occidental. Fazendo-se assim espontaneamente os campeões da America, contra aggressões da parte da Europa, não haviam dado, comtudo, os Estados Unidos, nenhuma segurança decisiva de que elles mesmos não viriam a tornar-se jamais os aggressores.»

E, em complemento, medite no que se passa actualmente no Extremo Oriente. Alli, por um instituto da Liga das Nações, ficou o Japão investido de funcções identicas ás dos Estados Unidos, na America, isto é, de orgam executivo de uma doutrina muito semelhante a de Monroe, applicada á Asia. Com isso, já da China começam a surgir os protestos do povo ameaçado, que se não conforma com o doce papel de protegido, conforme quer a Liga. Os chinezes acham que os seus protectores nipponicos estão um pouco compenetrados demais na sua missão internacional.

O Brasil, olhos no umbigo, superiormente impassivel.

---





## O “CASO INTERNACIONAL”

---

*Esta conferencia do sr. Ruy Barbosa, proferida a 4 de Abril, em S. Paulo, — não só pela belleza e elevação de doutrinas, como também, e muito especialmente, pela gravidade dos documentos que deu a publico — num paiz verdadeiramente organizado teria promovido uma forte agitação politica: as Camaras teriam discutido o caso e o Governo no minimo obrigar-se-ia a explicações. No Brasil...*

Senhores:

As honras, com que S. Paulo me acolheu, ha dez annos, nenhum dos que as presencaram, as poderá esquecer. A nação julgava-se ameaçada na sua existencia constitucional, quando, a rogos instantes da politica deste Estado, na vespera da Convenção de Agosto, acceitei a candidatura presidencial, que aquella assembléa suffragou ao outro dia. O conselheiro Rodrigues Alves se escusára ao sacrificio, que acceitei, sem lhe medir as difficuldades, nem me importar dos resultados.

### Com S. Paulo em 1910

A' carta, em que, invocado como um dos dois arbitros no caso, desaplaudira eu a candidatura militar, e lhe mostrara os perigos, vibrava intensamente no espirito da nação; e, havendo-se mister de um holocausto, que nos desempenhasse a honra, salvando, ao menos, os principios em risco, não era eu homem, que me evadissem ás consequencias da luta, renhida em torno da idéa, cuja iniciativa me pertencia. Rendi-me, commovido, subordinando o meu assentimento só a uma condição: a de que S. Paulo entrasse de corpo e



alma commigo na campanha, dando-me por companheiro de chapa, na vice-presidencia, o seu governador.

Graças a essas circumstancias me coube a mim a sorte lisonjeira de arrostar o pleito em companhia deste grande Estado, o maior de todos os nossos pela sua riqueza, progresso e cultura, mas não sómente do Estado official, senão também e sobre tudo, para minha felicidade e desvanecimento, da opinião geral do seu povo. Consubstanciados com o meu nome e o meu programma, os habitantes de São Paulo e o seu governo, deram, pelo entusiasmo sem precedentes com que se entregaram á campanha eleitoral, um espectáculo de rara belleza na historia do civismo brasileiro, elevaram a uma altura excepcional o prestigio do nome paulista, e coroaram o seu candidato á presidencia do Brasil com uma votação, de que não havia, nem ha exemplo, em relação aos mais queridos e nobres dos seus filhos.

Quando a violencia e a fraude se laurearam a si mesmas, no Congresso Nacional, deselegendo o candidato eleito, e elegendo o derrotado, a politica de S. Paulo, cedendo a considerações, que não devo julgar, mas que, de certo, obedeceriam a moveis de ordem superior, não entendeu que conviesse resistir ao attentado. Da minha parte, eu, que não teria essa attitudo, se outro fosse o candidato, não quiz, tratando-se de mim, aconselhar a repulsa; e, dest'arte, se liquidou a situação, sem o mais leve abalo da harmonia, com que juntos lutamos, juntos vencemos, e juntos, depois de vencedores, acabamos por nos ver despojados.

## O caso de 1913

Não tardaria muito que nos viessemos, de novo, a acercar uns dos outros, como nos acercámos, quando se estabeleceu o problema da successão do marechal. Nessa época, certa noite, recebi a visita do senador Francisco Glycerio e do deputado Galeão Carvalhal, em minha casa, á rua de S. Clemente. Dos dois, ainda um vive. Iam ambos, em commissão especial da Colligação, nas mãos da qual estava a solução do caso, communicar-me officialmente que a escolha das candidaturas estava assentada, sendo eu o candidato a presidente, e a vice-presidente, o senador paulista, que me falava.

A' chapa faltava apenas a acquiescencia da commissão executiva do partido aqui, para onde o senador Glycerio viria, com esse intuito, no dia subsequente, como, de feito, veio. Reunida a commissão, vingou, no seu seio, por tres contra dois, a chapa organizada. O conselheiro Rodrigues Alves, porém, declarou que sobrestava na deliberação, adiando-a para dahi a vinte e quatro horas. No prazo dado celebrou a commissão a sua assentada. Mas o conselheiro não compareceu: mandou por si um de seus filhos; e este, desembolsando um papel, mostrou nelle a copia de um telegramma, que seu illustre pae, naquella data, expedira ao sr. Wenceslau Braz, offerecendo-lhe a candidatura presidencial. A esse sopro evaporou-se a maioria da commissão, annullou-se o voto do partido, que ella representava, desmanchou-se a resolução assente, mandou-se a Colligação passear, e teve-se por destrinchado o



incidente, sem bulha, nem matinada. Eis como se faz, no Brasil, um presidente de republica pelo arbitrio de um só homem.

## O orador e o Conselheiro Rodrigues Alves

Não commento, senhores. Nem me queixo. Registo. Em 1910 envidara eu as maiores diligencias, para mover o conselheiro Rodrigues Alves a consentir na sua candidatura. Em 1913, antes daquelle incidente, suscitava eu de novo, para a magistratura suprema, a candidatura do eminente paulista. Tendo sustentado, tambem, o seu governo, quando a revolta militar batia ás portas do Cattete, não sei por que artes da minha desfortuna teria incorrido nesse desgraço seu, tão claro depois, em tantos rasgos da sua vida, para commigo.

## Quem mudou?

Como quer, porém, que seja, não tinha eu motivos de suppôr que a politica paulista houvesse concebido contra mim os sentimentos, que os factos destes ultimos dois mezes nos attestam. Se alguém mudou, certamente não fui eu. O homem de 1919 não dediz um ápice do homem de 1910. As idéas, por que hoje se bate, são estrictamente as mesmas, por que, ha nove annos, se batia. Constavam essas idéas de um programma solenne, pelo qual São Paulo foi ás urnas, enthusiasmicamente, commigo. Esse programma, não o repudiei agora. Antes o ratifiquei e reassignei, hoje, linha por linha. Com elle, inteiro, immutato, intacto, é que volvo, hoje, ás urnas eleitoraes.

Em que será, pois, que terei desmerecido, ao presente, das sympathias desses homens publicos, em cuja estima tanto entrára? Que brasileiro, do nosso, ou de outro qualquer tempo, recebeu jámais, da politica ainda hoje reinante no grande Estado, expressões tão extraordinarias, não só de admiração quanto á sua pessoa, mas de coadunação com as suas idéas? Como se inverteu isso tudo? O homem é o mesmo, as mesmas as suas convicções, o seu rumo o mesmo. Se, pois, não variei, são elles os que variam, elles os que se desdizem, elles os que recuam. Recuar, de que? Da liberdade, que eu advogava, e advogaveis commigo? Da democratisação do regimen, que eu queria, e vós querieis commigo? Das reformas progressistas, que eu sustentava, e vós commigo sustentaveis?

## Retrocesso

E', então, um passo retrógrado, que daries na evolução do Estado. Se em mim o que, presentemente, vos desgostaria, não é o individuo, haviam de ser os principios, então, a que o seu nome se acha associado. Estarieis, portanto, retrocedendo. Até onde? Quando os governos desandam, quasi sempre lhes está pelas costas, o precipicio, que temem pela frente. Até onde o retrocesso? Quando a politica retrográda, cada recuo occasiona, successivamente, outro, até á queda mortal. Os que medram no desenvolvimento mate-



rial, desmedrando na moralidade, estão perdidos. A riqueza accelera o progresso; mas bem cedo acaba por apodrental-o, se o cultivo do espirito a não preserva de se corromper.

Não se concebe um S. Paulo engrandecido na opulencia, no luxo, no goso, um S. Paulo florescente, soberbo, radioso, mas moralmente gasto, materializado, encharcado no desprezo do ideal. Não se admite um São Paulo sulcado de estradas, coberto de lavoiras, ridente de jardins, cidades e escolas, mas, nos centros da sua vitalidade humana, nos elementos da sua organização institucional, roído, brocado, gasto, nessa velhice prematura da juventude avariada, a mais triste, a mais cruel, a mais velha das velhices.

### Não se contou com o povo

O situacionismo paulista, agora, me rejeita e se desquita da minha companhia. Mas consultou elle, por ventura, antes desse repudio, moralmente inexplicavel, o sentimento paulista? Não: consultou sómente as arcas do seu thesouro, as legiões da sua policia, a disciplina das suas facções, a inconsciencia dos seus operadores eleitoraes, a corrupção dos seus jornalistas; e, não contentes de empapar o seu territorio todo nesses vicios, os exerce em grande na nossa metropole, e os leva a toda a parte, onde quer que haja, na sociedade, na imprensa, no corpo legislativo, almas á venda, consciencias de aluguer, nomes offerecidos á prostituição politica, pennas, cabeças, corações em almoeda.

Com o povo, não, com o povo não se contou, a não ser para desdenharem da sua cordura, da sua impotencia, da sua inutilidade; e com o povo é que eu estou, á porta da rua, no tópo das escadas, ainda hontem subidas e descidas pelos consulares da grande corrupção, que a turba, nos theatros, avergôa de opprobrios, e o officialismo, nos palacios da nossa democracia, enche de liberalidades.

Murmura de balde a multidão achincalhada. Mas os elementos de regeneração que ella accumula no seio, lhe asseguram para não longe o triumpho. Outrora, os termos destes prognosticos se contavam por tempos. Hoje é por dias. O mosso, paulistas, não andará distante. Não sereis mais callosos que os «mujiks» da Moscovia nem mais submissos que os conscriptos da Allemanha.

### Mabaças

Os dados que acerca deste assumpto divulgaram os jornaes, e cuja fidedignidade, na especie, não passou por contestação, revelam entre a maneira como se bifou, em 1913, aqui, a minha segunda candidatura, já vencedora na Colligação, e o modo como, este anno, daqui surraturearam a terceira, quando já considerada victoriosa entre os situacionismos estaduaes, de quem depende, na constituição inescrita do regimen, a escolha dos presidentes, — esses elementos de averiguação, digo eu, revelam entre o character dos dois episodios uma coincidência bem singular de meios e manobras.



No caso de 1913, acceita pela maioria dos directores do partido situacionista a chapa do meu nome, o chefe balda a resolução adoptada, simulando espalhar a para o outro dia, e, no intervallo, a substitue pela sua, brindando, *ex-proprio Marte*, com a candidatura já dada a outrem, o sr. Wenceslau Braz.

No caso de 1919, o conselho (não sei se lhe erro o nome) o conselho, directorio, ou coisa equivalente, do mesmo partido, abraça, por doze contra tres votos, a minha candidatura, encarregando um congressista estadual, com um congressista federal, de lhe negociarem o concurso dos outros Estados; e os dois emissarios, trampolinando vergonhosamente com o mandato recebido, como não conseguissem encartar a do sr. Altino Arantes, agenciaram a do sr. Epitacio Pessoa, trocando nesta a que tinham recebido a incumbencia de promover.

Não pôde soffrer duvidas, senhores, que os dois lances, no zorro da trama e no raro da moralidade, são mabaças.

Bem sabeis que, nem numa nem na outra hypothese, a ludibriada maioria dos directores se desaguisou com os que a ludibriaram. Donde se vê que em ambas, bem sabiam estes o que faziam.

## Povo de um lado, governo do outro

Muitas vezes, de mim para commigo, entro senhores, a matutar sobre esta contradicção entre os sentimentos com que me aprecia o povo de São Paulo e os com que me desapreciam, geralmente, os seus governos. Mas, por mais que scisme no enigma, ainda lhe não achei senão uma sahida: a de que as situações paulistas me aborrecem, justamente porque a população paulista me estima. Parecerá extravagante a decifração. Mas é a mais curial do mundo. Nada mais consoante ao uso e regra. No Brasil republicano, quando o governo está de um lado, podeis apostar, certo e recerto, que o povo está do lado opposto.

## Primeiros prodromos

Debaixo da administração Arantes, porém, não são estes indícios de agora, os primeiros do aborrecimento e desamor que lhe inspiro, sem atinar por onde lhe terei cahido em desgraça. Já em 1916, me dava elle mostras taes da sua entranhada malevolencia, que eu não as poderia perder, nunca mais, de vista.

Foi aqui, foi á sombra do governo de S. Paulo, que o monstruoso desvario do sotaministro das Relações Exteriores contra o embaixador brasileiro em Buenos Aires veio buscar prestigio e guarida. Não errou porta. O presidente do Estado acolheu o sotasecretario com um almoço cordial; e um cordial discurso, alvoroçadamente dado logo á estampa, acabou de assentar as cataplasmas officiaes sobre o escandalo, de que vinha contuso e embostelado o supplente do sr. Lauro Muller.



## As tres phases

Estas reminiscencias me conduzem naturalmente, senhores, ao caso internacional que, em relação a mim, se desdobra, com feições caracterisadoras, em tres phases memoraveis: a embaixada a Buenos Aires, a simulação do convite para a de Pariz e a candidatura á presidencia. Nesses tres lances nasce, evidentemente, das mesmas influencias a hostilidade, que me visa a pé quedo, mal encapotada e de tocaia. Nelles tres a acção alleman, antes da nossa belligerancia e após ella, descoberta ou cobertamente, assignala a sua presença, com a collaboração da politica brasileira. Nos dois ultimos, porém, no embelêco da embaixada a Pariz e na mistela da candidatura presidencial, a solapa teutonica veio, inesperadamente, emendar com outra obra de sapa estrangeira, no trabalho subterraneo das quaes a barbaria deu de rosto com a civilisação, ajudando-se uma á outra, sem prévio entendimento, na destruição do homem, a quem, sobre todos, os alliados e, especialmente, os notte-americanos, devem a participação do Brasil na guerra das nações. Escutae, brasileiros, e aprendei. *Erudimini.*

## O convite de 1916

Tenho ainda commigo a carta que, em 1916, aos 10 de Junho, enderecei ao sr. Lauro Muñer, e que este, em pessoa, me foi devolver, esse mesmo dia, de noite, na casa de meu filho Alfredo Ruy, declarando-me que o presidente, de modo nenhum, acceitaria a minha excusa, e que o seu secretario não voltaria a elle sem que eu a reconsiderasse; porque o governo não podia tornar atrás e não tinha quem me substituisse naquella missão.

Cahi no erro de annuir; e com esse desattender ao conselho dos meus presagios, recebi a lição, que me aproveitou no caso da embaixada a Pariz; mas entrei na zona hostil, onde me vejo pago de cada um dos meus serviços mais reaes ao Brasil com as mais grosseiras maldades.

## O discurso de Buenos Aires

Não necessitaria eu de allegar mais justificações á posição que assumi, em Buenos Aires com o discurso alli proferido na Faculdade de Direito e Sociencias Sociaes, uma vez que elle recebeu do Congresso Nacional a consagração mais autorisada, a da competencia entre todas competente, com o acto do corpo legislativo, que mandou reproduzir nos seus anaes, fazendo-as assim suas as minhas palavras.

Não deixarei, porém, de recordar as com que, naquella corporação de mestres, expliquei a minha attitude.

«Não me occupo, dizia eu, de politica, senão com o aspecto juridico dos acontecimentos. Não é o embaixador do Brasil, cuja missão, de mais a mais, já está concluida, o que vós outros recebestes e elegestes membro honorario do vosso corpo docente: é unicamente o jurista. Mas, para trazer o espirito absorto nestas questões, existe, ainda, no jurista, a consideração da



parte, modesta, porém notoria, da parte assidua, laboriosa, intensa, que tomou nos trabalhos da ultima Conferencia da Paz e o cargo, em que está investido, ha nove annos, de membro da Côrte Permanente de Arbitramento. O meu caso vem a ser o do juiz, que pergunta pelo codigo das leis, cujas regras pôde ser chamado a applicar, o caso do legislador que treme pelas instituições, em cuja elaboração collaborou, o caso de um signatario daquelles contractos, que busca saber se entendia o que fez, se não se observa o que ajustou, se contribuiu para melhorar os seus semelhantes, ou para os enganar e fraudar.»

Estas declarações alli enunciadas entre os applausos do ministro das Relações Exteriores e do nuncio apostolico, numa assembléa que reunia o escol da politica, da sciencia e das letras argentinas, esclareceram a minha situação, deixando-me á vontade, para dizer o que eu queria: para formular a nova expressão da neutralidade, a sua verdadeira expressão actual, para fulminar com a espuria a neutralidade entre a barbaria e a justiça, para mostrar á neutralidade real os seus novos deveres, para sustentar que ella ainda estava em tempo de renunciar a esse abstencionismo criminoso, para chamar a America, os Estados Unidos, o Brasil ao cumprimento dos seus deveres de clamar e romper, de reagir ou protestar.

## Camara e imprensa Argentina

Essa maneira de interpretar o meu papel, alli, naquella occasião, de assumir, depois da missão diplomatica, já consummada, a missão juridica, de levar á tribuna, depois de esgotado o meu mandato politico, a voz do embaixador da Conferencia da Paz, o protesto do signatario das convenções de Haya, a sentença do membro da Côrte Permanente, bem se pode medir quanto calou fundo na consciencia dos nossos bons vizinhos pelo acto do presidente da Camara dos Deputados, que, declaradamente, se absteve de comparecer ao meu embarque, para se achar presente no momento, á sessão daquella assembléa, e, deixando, como deixou, a presidencia, dar-me a mim, na mais solenne e commovente das allocuções, os agradecimentos de sua nação, por haver eu escolhido a tribuna argentina, para advogar as idéas, que dalli advogara.

Que maior glorificação poderia eu receber em desaffronta dos abocanhadores brasileiros, em cujos dentes anda atassalhada a obra de civismo e de humanidade, que tão alto nos elevou no conceito internacional?

Pouco depois do sr. Demaria na presidencia da Camara, com a sua moção alli unanimemente adoptada, a «Nación», na imprensa, aos 6 de Setembro, dava aos resultados da minha embaixada este relevo:

«No Brasil, sobre tudo, sente-se fundamente, como aqui, a obra de aproximação e comprehensão realisada pelo vigoroso talento de Ruy Barbosa, que desempenhou no nosso centenario o cargo de embaixador com a dignidade de um homem livre de uma democracia livre.

«O sr. Ruy Barbosa não podia ser na politica internacional de nosso



paiz differente do que sempre foi na politica internacional do seu proprio paiz. *Dahi a sua palavra ter tocado o sentimento civil, o que vale dizer pacifico, republicano, de ambas as nações.* («Jornal do Commercio», 6 de Setembro de 1916.)»

## A camara Franceza

Em França a Camara dos Deputados consagrou solennemente com a designação da «data historica» a do dia em que o congresso brasileiro votou a publicação do meu discurso da Faculdade buenairense nos seus annaes.

O «Temps», no seu editorial de 13 de Abril de 1917, recordava as palavras, em que eu, naquella discurso, dissera: «Entre os que destroem a lei e os que a observam, não ha neutralidade admissivel. Os tribunaes, a opinião publica e a consciencia não são neutros entre a lei e o crime.»

Transcrevendo-as assim, o grande orgam pariziense as commentava, dizendo:

*«Estas palavras, pronunciadas ha dez mezes, nos traziam por antecipação o éco da mensagem do presidente Wilson. Ellas punham em plena luz o problema juridico e moral, que os nossos exercitos diligenciam resolver com o seu sangue. Ellas fixavam as métras do futuro.»*

Desta sorte a opinião da França, pelos seus mais eminentes interpretes, me dava a honra de acreditar que as idéas da minha conferencia de Buenos Aires, não só balisavam o futuro internacional, mas se *anteciparam ás do presidente Wilson* na sua celebre mensagem.

## A opinião americana

Mais que tudo isso, porém, me cumpre notar aqui a consideração com que o espirito norte-americano recebeu aquella attitude, aquelle discurso, aquellas idéas.

Os cidadãos dos Estados Unidos residentes na Europa dirigiram, em Outubro de 1916, ao presidente Wilson, a mensagem estampada em 27 desse mez do «Temps», e da qual, no dia immediato, o «Jornal do Commercio», num despacho do seu correspondente especial em Pariz, nos ministrava este resumo, que acaba por uma transcrição textual:

*«A mensagem dos norte-americanos domicillados fóra do seu paiz, publicada hoje, contém referencias á acção generosa e nobre do Brasil, emprestando seu apoio moral á causa dos alliados, e recorda a manifestação com a que a Camara dos Deputados do Rio de Janeiro demonstrou a sua solidariedade com as idéas expostas em Buenos Aires pelo notavel jurista brasileiro senador dr. Ruy Barbosa, por occasião da sua conferencia de Julho, na Faculdade de Direito da Universidade daquela capital.*

«Transcreve a mensagem as palavras do dr. Ruy Barbosa, appel-



*lando para a estreita união de vistas dos povos do Novo Mundo, em opposição aos despotismos da força bruta, e conclue pelo seguinte commentario:*

*«Já que nos não pertenceu essa iniciativa, sigamos, ao menos, esse exemplo, e, uma vez que nos não foi dado assignalar uma data historica com o nosso protesto, creemos uma data duplamente historica por effeito da nossa solidariedade com essas idéas.*

*«Adoptem as palavras de Ruy Barbosa e façam quanto puderem por emprestar-lhes maior força todos os americanos, que amam realmente o seu paiz, e têm fé nos principios da independencia americana.»*

Aqui está, senhores, como a colonia americana do velho continente me considerava e distinguia. Reconhece ella que «a iniciativa» do papel da America, nesta guerra, pertencia ao embaixador brasileiro em Buenos Aires, ao seu discurso naquella cidade; reproduz-lhe a linguagem; consigna que ella criou «uma data historica»; lamenta não se ter formulado o protesto, alli aconselhado; pede aos seus concidadãos que, «ao menos, sigam esse exemplo»; exorta, enfim, «os americanos todos, que amarem realmente o seu paiz», a «adoptarem as palavras» desse estrangeiro, e a «fazerem quanto possam, por lhes dar a maior força.»

Nem é tudo, senhores. Numa correspondencia escripta de Nova York, pelo sr. Leopoldo Graham, cidadão norte-americano, á «Nacion» de Buenos Aires sobre certas tendencias mal vistas do pan-americanismo, e transcripta em Pariz, no «Brésil» de 15 de Outubro de 1916, essa testemunha insuspeita assim depunha, concluindo:

*«Accrescentarei que o entusiasmo causado, recentemente, em Buenos Aires, pelas declarações do eminente homem de Estado e jurista brasileiro o sr. Ruy Barbosa tem exercido, indubitavelmente, uma influencia restrictiva sobre o governo de Washington, e muito contribuirá para diminuir as probabilidades de que esse governo siga um rumo tendente a subtrahir-lhe as vantagens de relações commerciaes mais estreitas.»*

## Diferenças

Nestas palavras do correspondente norte-americano da «Nacion», onde se attribue ao meu discurso de Buenos Aires *«uma indubitavel influencia restrictiva»* sobre a politica do governo de Washington no continente americano, transluz a differença essencial entre a maneira, pela qual o embaixador brasileiro á Argentina comprehendia a posição de sua terra ante os Estados poderosos, e o modo como outros embaixadores têm encarado esta situação.

A meu ver, é pela sua dignidade que as nações militarmente fracas se tornam respeitaveis ás fortes. Outros, pelo contrario, são de parecer que é pela sua humildade. Como se vê, entre as duas politicas, a minha e a delles,



ha uma divergencia radical, um verdadeiro abysmo. A minha quereria um Brasil á argentina. A outra nos daria um Brasil á cubana.

Bem pode ser que esta seja mais commoda que aquella... ao menos para os que se incumbem de a executar. Porque não ha nada como as grandes amizades; e as com que se aquinhôa o ministro de um estadito, quando se reduz a corteão da potencia, junto a cujo governo o acreditam, é uma dessas melgueiras, pelas quaes vale a pena dar a vida. Mas a cartilha, por que eu rezo, a por que rezei em Haya, e em Buenos Aires, a que por rezaria em Pariz, é outra: é a de zelar, com discrição, mas com firmeza, o pundonor de minha terra não dando a suppor que ella seja capaz de sorrabar a ninguém.

### Satisfacções à Allemanha

O governo do Rio de Janeiro foi chamado a contas pelo governo de Berlim, para se descarregar da culpa, em que o envolvia, aos olhos da Allemanha, a imprudencia do seu atrevido embaixador. Da resposta não se sabe senão a summa, pelas agencias allemans. Mas é de crer haja sido bem trajada á prussiana; visto como, segundo essas agencias o Brasil se explicou a contento do kaiser, isto é, disse bem da sua justiça á maneira allemã. Naturalmente lançaria ás ortigas o embaixador como um tresloucado, um diplomata sem geito para a coisa, de cujos serviços a republica sentia ter lançado mão em tão má hora. E, se foi isto só, bem pouco foi; pois, se não mente a fama, houve uma grande autoridade (Deus lhe fale nalma), que, declarou ella, se estivesse no poder, teria dado cabo de mim com o raio de uma demissão. Valha-me Nosso Senhor Jesus Christo!

Felizmente houve, na imprensa brasileira, quem dêsse o troco á fanfúria allemã e á pascacice brasileira. Haja vista a nota, que *A Noite* estampou, em Setembro de 1916, no dia 4.

Eil-a, senhores:

«A Agencia Wolf explicou em Berlim que o Brasil se justificára perante a Allemanha do estranho procedimento do embaixador Ruy Barbosa em Buenos Aires e do Parlamento brasileiro, com respeito ao entendimento do principio de neutralidade.

«Parece que qualquer reflexão sobre o assumpto levar-nos-á á convicção de que andou levianamente a nossa chancellaria, dando explicações em caso que ellas não podiam ser pedidas.

«Desde que appareceu o teór exacto do monumental discurso do embaixador Ruy Barbosa, a «situação ficou fartamente esclarecida. As palavras de s. exa. não podiam, nem queriam valer sinão como estudo de um jurista, membro do Tribunal Arbitral de Haya. Não poderia o governo brasileiro ser questionado sobre o valor dessas palavras, uma vez que aquelle que as enunciara, deixara bem claro ao enuncial-as a qualidade em que o fazia. A pergunta do governo allemão ao governo brasileiro só poderia, por desnecessaria, ser uma impertinencia.



«Nem o governo brasileiro, nem o governo allemão, tinham a menor sanção sobre actos de quem, ao commettel-os, fazia-o como membro de um Tribunal Internacional, superior a todos os governos e a todos os paizes.

«Toda e qualquer conversa sobre esse assumpto devia ser repellido pela nossa chancellaria.

«Restava o acto do Parlamento brasileiro.

«Para explicação de seus intuitos e da extensão de seu entendimento, fallecia á nossa chancellaria competencia para dal-a. Nem ao governo allemão cabia pedil-a, visto que elle bem deve saber o que valem os votos de um Parlamento num paiz de representação popular.

«Tudo, pois, quanto sobre o assumpto conversasse o governo brasileiro seria com grave offensa ao bom senso e ao prestigio da Nação.»

### ...difamação ministerial

A germanice ministerial, porém, não estava ainda contente com a hajulice das satisfacções, que dera. Era mister alguma coisa mais, alguma coisa, que regasse os bofes ao sr. Paoli, alguma coisa como emporcalhar a reputação do embaixador brasileiro, não aqui só, mas até no paiz onde elle acabava de representar o Brasil. Vêde, senhores, que ralé de miseraveis, mas, ao mesmo tempo que raça de imbecis!!

Com estas duas qualidades não se recua diante de nada. O governo argentino despendera sommas enormes com a régia hospedagem, que nos agasalhou. A sociedade portenha liberalisou-nos obsequios, distincções e honras, de que se dizia não haver, até então, exemplo nas relações delles comonosco. Força era corresponder a finezas tantas, ao menos com a mais ligeira e trivial das cortezas. Devidamente autorizado, pois, dei um jantar, a cuja mesa se assentou o presidente da Republica, e convidei a sociedade buenairense a um chá, que o melhor della honrou com uma affluencia desusada. Não fui eu, mas a legação brasileira, quem ajustou o chá e o jantar. Não fui eu, mas a nossa legação, quem pagou o jantar e o chá. Não me passou, alli, pelas mãos um real, que meu não fosse. Não abri, alli, uma conta. Não deixei, alli, uma divida. Não gastei, alli, um vintem, que não fosse do meu.

Pois, não obstante, senhores, de tal modo se mecheu o monturo ministerial, que acharam meio de apparentar, contra mim, uma estrallada á brasileira, onde se acabou por mostrar que, lançadas todas as contas, a embaixada, com ordenados, ajudas de custo, viagens, recepções e tudo, nos custara a somma colossal de duzentos a duzentos e poucos contos. Essa historia toda sahio do Itamaraty, onde se ageitou sob a direcção do sub-secretario de Estado, e, debaixo dos olhos deste, se entregou ao cozinheiro de um dos fréges da publicidade ministerial, donde, com a succulenta graxa, o devido alho e as competentes môscas, se atirou, com um «sáia!», ao appetite dos clientes dessas tascas.

Era, porém, no estrangeiro, era na propria Argentina, donde eu me retirara coberto de honras, todas grangeadas para o Brasil, era ahi que o go-



verno brasileiro me queria detrahido, enxovalhado. O telegrapho recebeu dos porcalhões o embrulho, com a espórtula desembolsada pelo Thesouro. O jornal, que alli o reeditou em castelhano, é o mesmo que, ainda agora, quando aqui se debatiam as candidaturas presidenciaes, nos enviou, por duas ou mais vezes, umas apologias do sr. Lauro Muller, nome de que ninguém, afóra elle e os seus, se lembrava para tal serventia. E dalli voltou, outra vez, de torna viagem, o prato d'alhos, graxa e môscas ás vitrinas de sensação da nossa publicidade.

Eis senhores, até onde tem baixado a nossa administração internacional. De balde esquadrinhareis os vãos mais furtivos da chronica escandalosa nos annaes da diplomacia, em busca de alguma coisa, que se meça com esta, na torpeza do trabalho de invenção. Os nescios não viam que se escarravam a si mesmos e lambuzavam a cara com o muco dos proprios pulmões. Como no ditado: «Cuspo para o céu, cae-me no rosto».

Era o paiz que elles enlodavam e não a mim. Não a mim. Não a mim; porque não me custava mais do que uma vassourada a varredela desse lixo Mas ao Brasil; porque natural é que se ajuize de uma nação pelo seu governo. Na Republica Argentina essa indecencia internacional, a flagrancia da grosseria dessa analyse pública do nosso ridiculo desembolso com o custo de pequeninos obsequios rendidos ao paiz, de que acabavamos de receber tamanhos, e a que nos haviamos mostrado anciosos de render a mais alta homenagem com a enviatura de uma embaixada, essa indecorosidade monumental cahiu no desprezo de toda a gente. Viu-se que não podiam estar com os sentimentos de uma nação qualquer, por baixa que seja, quanto mais do Brasil, que tem dado cópia bem diversa da sua fidalguia, os actos de ministros e diplomatas desta láia.

## O «Jornal do Commercio»

No Brasil a impressão causada entre todos por esse accesso de alarvaria diplomatica era a de que achamos a imagem bem nítida nesta nota do «Jornal do Commercio», na edição de 30 de Agosto de 1916. Vale a pena o relembrar-a:

«Vemos, com sincero pesar, que ainda não acabou a arritante questão em má hora suscitada pelo espirito leviano de alguns a proposito da embaixada brasileira nas festas do Centenario de Tucuman.

*«A essa representação deu o eminente sr. conselheiro Ruy Barbosa todo o brilho excepcional de seu genio e de tal modo se houve que, ao regressar ao Rio, foi recebido entre as acclamações do povo, que não lhe ragateou homenagens. Mas, nesta terra, parece que não se respeita mais coisa nenhuma e, em poucos dias, a apothese da chegada era transformada, pelos outros, num dissidio, que ameaça prolongar-se, para nossa vergonha.*

*«Observa-se já, nas almas retas, uma tristeza geral pela continuação desse espectáculo imprudente, entretecido de nonadas, com o desenterro*



de episodios mortos, que não devem servir a vida inteira para repasto de orgulhos mal contidos, ou, de outro lado, para revides excusados, por mais respeitáveis que hajam sido, a seu tempo, e possam ainda ser, essas expansões, pelo seu evidente fundo de patriotismo.

«E' um desserviço clamoroso que se presta, já não diremos á *causa da concordia, tão superiormente servida no Prata pela longanimidade percursiante do embaixador sem par, mas ao proprio socêgo do Brasil*, tão necessitado, neste momento, de harmonia entre os seus filhos e infelizmente tão conturbado pelas paixões ruins, que só servem para augmentar a confusão ambiente. As pessoas de responsabilidade estão no estricto dever de não participar, directa nem indirectamente, *dessa furia maligna que tudo envenena e conspurca sem causa e sem base, com acinte a pessoas e pouco ou nenhum caso pelas conveniencias de outra natureza, que deviam igualmente ser attendidas com o maior escrupulo.*

«Se tivéssemos autoridade para fazer um appello, aqui o deixariamos expresso numa supplica, para que *guardemos ao menos isto, que já nos vae faltando: o respeito de nós mesmos*, que é uma condição essencial de compostura, ou se traduza em veneração pelos grandes homens, mortos ou vivos, ou signifique apenas a consciencia do proprio decoro pessoal»

## A volta do Ministro do Exterior

Já uma semana antes annunciara a imprensa que o presidente da Republica, atalhando, logo em começo, a excursão do sr. Lauro Muller aos Estados Unidos, que se dizia haver de ser longa, o chamára ao seu posto, onde lhe estavam exigindo a volta as loucuras do seu deploravel substituto.

Mas, o nobre ministro, que attendeu logo ao appello, não vinha com boas tenções. O que o preocupava era varrer-nos a testada, que o embaixador a Buenos Aires atravancara de certos fardos incommodos ás nossas relações com a Alemanha. E' o que bem claro está nos discursos, que o secretario das Relações Exteriores veiu semeando pelo nosso litoral em seu regresso ao Rio de Janeiro.

Do primeiro delles temos o resumo, evidentemente authenticico, feito ou revisto pelo autor e dado a lume no «Jornal do Commercio», na sua folha de 9 de Outubro, em um telegramma de Belém, depois estampado em todos os periodicos daquelle Estado.

Ahi se nos depara este concludentissimo trecho:

«Depois de varias considerações sobre o jubilo de que estava possuido ao ver-se tão desvanecedoramente recebido no extremo norte do seu paiz, disse que sentia a verdade das palavras com que o orador o saudara, mesmo quando *alludindo á actual situação internacional se referira ao facto de ser o Brasil paiz soberano, livre, dotado de plena*



*consciencia do seu valor e deveres, e que não podia, portanto intervir em questões para as quaes não o chamavam interesses, nem direitos.*

*Disse ter de affirmar, ainda uma vez, não ser a neutralidade a indiferença ou cumplicidade, e sim manifestação de consciencia, soberania e dignidade de um povo, que zela pela sua honra, que se orgulha de possuir historia fulgurante, que lhe dá a segurança do brilhantismo do seu futuro, não podendo absolutamente servir de papel misero ao lado das outras unidades.*

*Se sua acção na chancellaria brasileira tem dado logar a manifestações e contrariedades, é porque não busca gloria inconsciente, que se esborôa facilmente, e sim a certeza de servir os interesses do seu paiz, que necessita de todos os seus filhos, disciplinados e cohesos, trabalhando conjuntamente, embora divergindo ás vezes.*

*Discutamos a politica interna, mas não hesitemos em seguir, na politica internacional, o unico caminho compativel com a nossa dignidade.»*

Estes periodos tentam, avidentemente, ser, ponto por ponto um revide irrespondivel á minha oração de Buenos Aires, ás iléas alli por mim desenvolvidas sobre a neutralidade, sobre os deveres do Brasil na grande guerra, sobre as nossas obrigações de não abandonar sem protesto aos azares da barbaria crescente os principios, as leis, as convenções que assignámos em Haya.

Dois dias depois, um telegramma do Recife, impresso no mesmo jornal, nos proporcionava á leitura, não uma summa, senão um topico tenxtual de outra allocução, a que o ministro das Relações Exteriores acabava de proferir, naquella capital, resaudando o governador de Pernambuco, em resposta ao brinde, que este lhe dirigira.

Ahi sobresáe este lance, que a historia politica do Brasil deve inscrever:

*«Volto ao meu torrão natal e é grande a minha satisfação em ver o nosso querido Brasil. Venho como republicano e como homem de governo, para servir á Republica e á minha patria. A bondade do sr. governador quiz ver nos serviços, que enumerou, meritos, que não me assistem. Um só se poderá apontar: é o da sinceridade, é o do esforço que emprego, para supprir as deficiencias do meu saber»*

*Neste momento, tão grave para o mundo, nós nos temos procurado garantir, segundo as tradições da nossa historia, dentro das lições do direito internacional, que nós aprendemos no convívio universal, no respeito aos tratados, que assignámos, e que, até hoje, não rasgamos, procurando a união de todos os homens, e fazendo com que os odios fiquem sobre o Oceano, e a paz reine sobre a America. Essa convicção não é um estado de indiferença, e, um dia, quando a razão voltar, quando se ouvirem as vozes dos neutros, quando se respeitarem as convicções, que estão postergadas, então se comprehenderá esta grande verdade. Mas, até lá, o nosso dever é manter a politica, que está na consciencia de todos os homens, uma vez que nem o direito,*



*nem os interesses, nem os mefındres, nem as offensas attingem a nossa patria. O nosso dever é abrir o campo deste paiz vasto e liberal, que é o Brasil, para a actividade de todos, e conservar para com todos a mesma amizade.»*

## Expressões dos discursos ministeriaes

O ministro brasileiro fala «nos tratados, que assignámos», occultando que mais solennes, os mais importantes desses tratados, os que assignaramos na Conferencia da Paz, estavam rôtos pelas aguias dos Imperios Centraes, e que não era possível subsistirem, para abrigar os Estados pequenos, quando os exercitos dos grandes Estados não bastavam para impedir que as ambições germanicas os dilacerassem. Quer que «os odios fiquem no Oceano, e a paz reine sobre a America, como se os portadores do odio, os tigres da guerra submarina, respeitassem estas plagas americanas, para onde não tardariam a nortear os seus assaltos. Sustenta, em summa, que «nosso dever é conservar para com todos a mesma amizade», isto é, que entre a Europa liberal e a autocratica, entre a Europa do direito internacional e a Europa conquistadora, entre a Europa, onde nunca se accenderam appetites contra a nossa terra, e a Europa, que já nos carimbava, nos seus mappas, como projecção territorial da Allemanha, tão boa era, para o Brasil, uma, quanto a outra.

## Sangue allemão

Não havia ahi, porém, nada que admirar. O que falava pela bocca do nosso ministro, não era o sangue brasileiro: era o sangue teutonico, de que s. exa. é oriundo. Em 1911 o sr. Lauro Muller se declarava *«ligado por um respeito filial ao Rheno de seus paes»*, e se ensoberbecia *«do nobre povo, de que descende»*, assoalhando-se com entono *«brasileiro de sangue allemão»*. Em 1915, quando a guerra contava um anno, ou mais de um anno, de horrores, falando, já ministro do Exterior, em Porto Alegre, ao Club Germania, num banquete com que este o obsequiava, gabou-se de estar entre os teuto-brasileiros, accrescentando que *«nos filhos deve prevalecer o sangue dos paes.»*

Estes factos se acham documentados e estudados num escripto, com que o sr. Medeiros e Albuquerque collaborou nas columnas d'«A Noite», aos 16 de Abril de 1917. Eis os topicos essenciaes dessa comprovação:

«Os raros defensores da attitude do dr. Lauro Muller procuram fazer crêr que elle só é combatido por causa do seu nome. Se, de facto, assim fosse, nenhuma accusação seria mais inepta. Os protestos, que se levantam contra os actos do dr. Lauro Muller, vêem exclusivamente da confissão por elle reiteradamente feita de que é tão allemão como brasileiro. A's que já foram publicadas — e que não soffreram a menor contestação — vale a pena juntar hoje mais uma.

Já aqui se transcreveram dois trechos de um discurso pronunciado



pelo dr. Lauro Muller, em Berlim, em 1911. Num delles, o ministro actual do Exterior dizia: «Dahi resulta tambem que nós, *brasileiros de sangue allemão*, cheios de orgulho pelo nosso Amazonas, somos ligados por um *respeito filial ao Rheno de nossos paes*.» Em outro lugar elle se confessava orgulhoso *«do nobre povo de que descende.»*

Foi, portanto, o dr. Lauro Muller que fez em publico o exame da sua propria psychologia. Mas não o fez uma só vez. Em 1915, já como ministro, passou por Porto Alegre, quando ia para a Republica Argentina. Em Porto Alegre a sociedade *Germania* lhe offereceu um banquete. Respondendo ao orador que lhe levantou o brinde official, o dr. Lauro Muller pronunciou um discurso, que foi publicado lá, no «Correio do Povo» e aqui transcripto n'«A Noite», de 12 de Maio, 1915.

Nesse discurso, falando das diversas raças que povoam o Brasil, alludia aos teuto-brasileiros, em cujo numero estava. E accrescentou *«que nos filhos devia prevalecer o sangue dos paes.»*

Assim, não é a questão do nome, que não tem a menor importancia, o que faz combatermos a acção actual do sr. ministro do Exterior: são as suas repetidas confissões de que se sente allemão. Não somos nós: é elle quem o diz. Que o diz e que o repete. Que o diz, que o repete e que o prova.»

«E' mesmo interessante notar a gradação desses dois discursos, um proferido em 1911 e outro em 1915: no primeiro, o sr. Lauro Muller se confessava tão brasileiro como allemão; no segundo, vae até dizer que se sente mais allemão do que brasileiro, pois que nelle *prevalece o sangue de seus paes*.»

Adiantando a proposição, nem sempre exacta, de que *«nos filhos prevalece o sangue dos paes»*, e alardeando a sua descendencia de paes allemães, o indiscreto teuto-brasileiro estabelecia, elle mesmo, que, na sua individualidade, a patria allemã se acha acima da brasileira, o sangue brasileiro está subordinado ao sangue allemão.

Não somos nós os que o dizemos: é elle. Mas, se assim é, fallece de todo em toda competencia á sua individualidade, mais germanica do que nacional, para discutir com qualquer filho desta terra pontos de vista brasileiros, quando em desaccôrdo com ponto de vista allemães. Nem se póde admittir que um homem de origem, sangue e sentimento tão confessadamente allemães, possa chegar a ser um homem publico, senador, ministro, senão na terra de seu sangue, na terra de seus paes, na sua Allemanha.

Quando mesmo, porém, não houvesse a sua confissão, para estabelecer o cunho germanico da sua personalidade, ahi estariam os seus actos e os sentimentos que nelle se revelam. A crueldade da sua dissimulação, a sua indifferença ao uso dos meios exigidos pelos seus fins, o seu habito de acariciar e apunhalar são as qualidades caracteristicas dessa mentalidade, peculiar ao germanismo, em que se entretecem moralmente num só estofo a guerra, a politica e a espionagem.



## O discurso do «Jornal do Commercio»

Quando se annunciou o meu discurso do «Jornal do Commercio», pronunciado em Abril de 1917, não se mediram intervenções pessoaes, conversinhas e rogos, para que eu, nesse comício, não atacasse o governo. Respondi que o não faria e não o fiz; porque não era tal o meu intento. Mas, ao mesmo passo que me cercava esse trabalho de blandícias, para que se não escoriasse a pelle do ministro, pela sua secretaria se expedia uma circular, que eu vi em varios exemplares, advertindo aos membros do corpo diplomatico acreditados no Rio que lhes não era licito ir ouvir-me, porque eu ia «falar mal do governo». Excepto o ministro da Belgica, a quem, naturalmente, não se afigurou legitimo, em boa diplomacia, o expediente, os outros todos se deram por avisados, e não compareceram. Achaes que elles obedeceriam ao lembrete, se não soubessem que era official?

Eis aqui o caso, tal qual «A Noite» o narra aos 16 de Abril de 1917:

«Chegara, ha dias, ao nosso conhecimento que os senhores ministros das nações alliadas belligerantes haviam recebido cartas pedindo-lhes que não comparecessem á manifestação da Liga Brasileira pelos Alliados ao conselheiro Ruy Barbosa, sabbado ultimo, porque o eminente senador bahiano falaria mal do governo junto ao qual são aquelles ministros, acreditados. E, hoje, tivemos entre mãos duas dessas cartas, recebidas por dois representantes de duas daquellas nações, cartas essas escriptas com caracteres fóra do cummum e sem assignatura, nas quaes se lia, entre outras coisas, isto: *«Ruy Barbosa parlera mal du gouvernement auprès du quel vous êtes acredités. Vous ne pouvez pas l'écouter.»*

«Essas cartas, ou melhor, esses bñhetes, não tinham, como dissemos assignatura alguma, nem nenhum signal caracteristico pelo qual se pudesse descobrir a sua origem. Quem terá sido o genial autor dessa perfidia, praticada junto de todos os ministros alliados? Seja quem fór póde-se gabar de ter conseguido o seu fim: dos destinatarios das cartas anonymas, o unico que compareceu á manifestação foi o sr. ministro da Belgica. E' um pequeno incidente, que póde servir aos historiadores futuros.»

## O torpedeamento do «Paraná»

Infelizmente, senhores, quando o sr. Lauro Muller traçou com a sua espada virginal a extrema entre os dois imperios, deixando o das vagas ao odio, e reservando á America o da paz, não consultara nem a Guilherme, nem a von Tirpitz; e o resultado veio a ser que, bem depressa, os dois dominios entraram um pelo outro, mergulhando o da paz no do odio, e invadindo o do odio ao da paz.

Quando, aos 4 de Abril de 1917, o primeiro navio brasileiro sossobrou ao choque da guerra submarina, havia de ter começado a dar fé o nosso ministro do Exterior de que, não podendo os navios do continente ameni-



cano, consignado por s. exa. á bemaventurança *da paz*, navegar em sêcco, a travessia do oceano, deixado por s. exa. aos horrores *do odio*, os exporia aos botes deste, não obstante a genial partilha do sr. Lauro Muller na oração de Recife.

O papel da nossa chancellaria, como hoje lhe chamam, por essa ocasião, ainda não recebia em cheio a luz da verdade. Creio, porém, que, com certos documentos, até agora inéditos, da nossa diplomacia, lograremos deramar sobre esse episodio interessante alguma claridade.

Aos 5 de Abril de 1917 a nossa legação em Pariz telegraphava á secretaria das Relações Exteriores esta noticia:

«N. 39 Acabo receber telegramma do consul Havre, dizendo: Paraná torpedeado esta noite dez milhas de Barfleur guarnição salva tres homens mortos. — (Assignado) — *Magalhães.*»

Respondendo, na mesma data, a esse, o nosso ministro das Relações Exteriores, por um telegramma, tambem de n. 39, com o escrupulo que todos lhe reconhecem, perguntava «*se o submarino prestou qualquer soccorro.*» Quem havia de curar das attenuantes allemans, senão o ministro brasileiro?

O telegramma do commandante do «Paraná», dirigido á Companhia Commercio e Navegação, que o estampou, em 7 daquelle mez, nos jornaes do Rio, exprimia-se deste modo:

«Cia. Commercio e Navegação. Rio. «Paraná» torpedeado torpemente sem aviso á meia-noite. Quarto machinista e dois foguistas foram mortos, ficando ferida grande parte da tripulação, em consequencia da explosão. Espero que me remetta, urgente, creditos. Fomos salvos depois de 12 horas em botes das torpedeiras francezas. *Foi um cumulo o procedimento barbaro dos allemães.* (assignado) PEIXE, commandante do «Paraná».

Este depoimento era categorico. Capitulava, designadamente, de allemães os torpedeadores. Outro telegramma, entretanto, dado á luz pelos jornaes dahi a quarenta e oito horas, já hesitava em reconhecer a nacionalidade, terminantemente designada no anterior.

Eis os seus termos:

«Affirmamos que o torpedo attingiu o navio a bombordo, no compartimento das machinas, um metro abaixo da linha de fluctuação. Depois da explosão, o submarino veio á superficie e atirou-nos cinco tiros de canhão. *A maior parte da equipagem viu. Foi impossivel reconhecer a nacionalidade.* Todos os officiaes vão bem: o ferido é o foguista, cujos ferimentos são leves. Protesto feito no consulado e no tribunal. (assignado) PEIXE, commandante do «Parana».



Como é que o que no primeiro se déra por liquido, já entra em questão no segundo? Naturalmente, posto em torniquete o commandante do navio, para declarar, fóra de toda a duvida, se, realmente, estava certo da nacionalidade. receiou, titubeou, e se esquivou á resposta. Mas, seriamente, senhores *poderia ter sido francez, ou inglez, o submarino, que torpedeasse uma embarcação empregada em transportar mantimentos para os alliados?*

Circumstancia curiosa. Segundo a lista da tripulação do «Paraná», exarada n'«O Paiz» de 7 de Abril de 1917, o primeiro machinista era Oscar Sperb, allemão (a julgar pelo nome), naturalizado ou não, ou descendente de allemães. Pois esse individuo mereceu ao ministro das Relações Exteriores a honra de ser singularizado neste telegramma especial:

«N. 42. Desejamos que, entre as pessoas do navio «Paraná», que forem inquiridas, esteja o *primeiro machinista Sperb*, chamando-se a depor o maior numero possivel de brasileiros natos.»

Todos os «brasileiros natos» eram amalgamados anonymamente nessa generalidade, e só o allemão, por naturalidade ou descendencia, se destacava numa unidade singular, com aquellas instrucções particulares. Por que?

Abrindo-se, como se abrira, a investigação logo depois do torpedeamento, natural era que se envidassem todos os meios por acudir a anciedade publica, excitada e clamante no Rio de Janeiro. Em vez, porém, de lhe accelerarem a satisfação, queurgia dar-lhe, o de que se occupavam os brasileiros do Itamaraty, era de catar, para o allemão do «Paraná», o privilegio de uma consideração, que lhe assegurasse preeminencia exclusiva entre os demais tripulantes.

Evidentemente, a recommendação, com que rematava esse despacho telegraphico, de se chamar a depôr o maior numero de «brasileiros natos», não entrava alli, senão para esbater a impressão do carinho, em que se envolvia, pelo muito zelo de nosso chanceller, o brasileiro não nato, se cabe este euphemismo aos allemães de casca brasileira.

A opinião publica, entremettes, insistia pela acceleração do inquerito. Mas, como não lhe pintassem bem ao ministro as conclusões, a que essa averiguação parecia tendente a chegar, segundo as noticias recebidas, abriu-se outra porta ás tentativas de justificação alleman, ideando-se, no Itamaraty, *um inquerito suplementar*, que, com os devidos rodeios e cautelas, se determinava, em 10 de Abril, ao nosso ministro na França, mediante este telegramma:

«SSS. Rio Janeiro — 534 — 51 — 10 — 6 h. 15 — V. MALTE  
Ministre Brésil. Pariz. N.º 49. Num dos telegrammas endereçados diariamente PEIXE e que Companhia publicou, aquelle commandante PARECE DIZER QUE NÃO PODE ASSEGURAR NACIONALIDADE SUBMARINA. Muito convém que esse ponto fique averiguado inquerito suplementar se preciso para não demorar remessa inquerito já feito que continuamos aguardando anciosamente (a). Ministre Extérieur.»



Este telegramma era expedido, como se vê, no dia 10, já depois das 6 horas. Ainda então continuava o nosso ministro a ter duvidas sobre se era, ou não, germanico o submarino criminoso. Nessa mesma data, porém, deve ter sobrevivido a comunicação do inquerito impacientemente aguardado; e tão inequivocas vieram a ser, a tal respeito, as suas conclusões, que logo aos 11 de Abril recebia o sr. Paoli a nota, pela qual suspendiamos as nossas relações com o imperio allemão.

Ainda assim, porém, não perdia de todo o nosso ministro as esperanças no seu alvitre do inquerito addicional. Eram já os 12 do mez, quando o cabo telegraphico transmittiu a Pariz este derradeiro despacho, inédito como os anteriores:

«SSS Rio de Janeiro. 48 — 20 — 12 — 14 h. 2 —

V M T E. C T F — 11 W —

«Ministre Brésil. — Pariz.

«N.º 52. Recebido seu 45. *Inquerito supplementar parece agora dispensavel, entretanto vossencia pôde fazel-o reservadamente. Ministre Extérieur.*»

Ora por que ainda, em taes alturas, aquelle supplemento de inquerito? E, a fazer-se, por que *reservadamente*? Uma de duas. Ou os resultados, em que dera o inquerito concluido eram decisivos; e, neste caso, por que, para que, a bem de que insistir numa inquirição já concludente? Ou, se não era concludente, com que direito se renunciaria ás averiguações, ainda possiveis? Mas, em ambos os casos, como se ha de explicar a clausula *de reserva*, num assumpto que impacientava a opinião, e em que, portanto, ella não podia deixar de ter conhecimento de tudo?

Entanto, á vista da suggestão insinuada nos termos facultativos do telegramma do ministro do exterior, a legação de Pariz não se animou a deixar de proceder ao inquerito suppletivo. Este, porém, se consummou, sem deixar intersticio, por onde escapasse a responsabilidade germanica no dencia, a que só resistiam os escrúpulos judiciais do nosso meticoloso chanceller.

## Suspensão de relações com a Allemanha

A força da opinião publica, entretanto, a despeito dessas esperanças, que lutavam contra si mesmas, arrastara o governo á suspensão de relações. Mas a nota ministerial de 7 de Abril é o documento mais claro do conflicto, em que, no animo do ministro, o sentimento do seu dever não comatentado, responsabilidade visivel sempre, desde o começo, com uma evi-seguia abafar a reacção do seu sangue.

O organ do governo brasileiro, alli, só encontra phrases expressivas, para traduzir «o grande *pezar*, que tem, em reconhecer que é *forçado*, á vista do quanto se passa, a *suspender* as relações diplomaticas e commer-



ciaes, com a Allemanha.» «Ao cumprir», diz elle, «*esse penoso dever*», aproveitou a ocasião, para ter a honra de, ainda uma vez, apresentar as seguranças de sua «alta consideração» ao ministro da potencia, que nos acabava de assassinar tres brasileiros, torpedeando, como essa nota mesma accentua, um navio nosso, «torpedeado e, depois de torpedeado, ainda alvejado com cinco tiros de canhão», não tendo sido «intimado a receber a visita para averiguação do seu character de neutro», não recebendo aviso de que ia ser posto a pique, nem acudindo os torpedeadores com «a minima assistencia humanitaria ás pessoas, que nelle se encontravam», e que, depois do torpedeamento, ainda foram alvo de bombardeio.

Estas circumstancias, terrivelmente criminadoras, não as poudes a nota ministerial esconder.

Mas ás vidas brasileiras alli cortadas, apenas se allude, nesse papel de envolta com os «interesses commerciaes», prejudicados no tragico incidente. O organo do nosso governo não achou, para esses crimes, attentatorios, não só dos direitos humanos, mas tambem dos da nacionalidade brasileira, não achou, para taes crimes, ao menos uma expressão de equivalencia ás do «grande pezar», ás do «penoso dever», com que traduzia os seus sentimentos pela cessação das nossas communicções com o imperio do kaiser.

Notae, senhores, que, a respeito do abalo dessas relações, não se ousava o nome de *rompimento*, nem, sequer, o de *interrupção*, que já é rotura. Utilisava-se o mais anódino de todos: o de *suspensão*, onde ressumbra o cuidado em não arriscar incompatibilidades ulteriores e já se insinua a volta futura «às relações *amistosas*», cujo estremecimento se deplora.

Sobre essas aberrações inacreditaveis, onde se sentem os instinctos ancestraes do ministro, o vigor das suas origens alienigenas, em luta com a nacionalidade que elle representa, e o proprio governo, de que é membro, um eminente jornalista brasileiro, o sr. Medeiros e Albuquerque, teve a felicidade inestimavel de traduzir a sentença da justiça, com uma lealdade e precisão dignas de ser recolhidas pela historia nas suas inscrições lapidares.

«Ninguém ignora», dizia elle, «que se não fosse a iniciativa pessoal do sr. presidente da republica, francamente secundado pelos dois ministros militares e outros membros do governo, talvez ainda hoje estivessemos fazendo o joguinho das notas diplomaticas. Assim que a noticia do torpedeamento aqui chegou, o sr. Paoli apressou-se em pedir um inquerito á Allemanha. Era sua intenção publicar uma daquellas respostas, que a Allemanha costuma dar, negando mesmo as mais meridianas evidencias. Se a nota alleman chegasse antes do inquerito brasileiro, estabelecer-se-ia uma situação embaraçosa.

«O sr. ministro do Exterior, que só isso desejava, fez o possivel para se chegar a esse resultado. Se não fosse a presteza da «nossa Legação em Pariz e a intervenção directa e pessoal do dr. Wenceslau Braz, a nossa chancellaria, aqui, retardaria o mais possivel a decisão brasileira, para o sr. Pauli ter tempo de fazer o seu jogo.

«Forçado, porém, ao rompimento, o nosso Ministerio redigiu uma nota, que é um modelo. *Nella as unicas manifestações de pezar, não são pela*



*morte dos marinheiros brasileiros, aos quaes apenas se faz apenas uma allusão commercial.* Nella, todas as manifestações de pezar são pelo penoso afastamento do sr. Pauli e pela *suspensão* das relações.

«Evidentemente, ninguém pediria que a nossa nota fosse redigida grosseira ou mesmo impolidamente. Mas a polidez tem limites. Limites forçosamente muito estreitos em certos casos. Dois adversarios cortejam-se; mas não se apertam as mãos, nem se abraçam effusivamente. Não é, no documento em que se censura a outrem o assassinato de tres brasileiros, que se devem esquecer todas as referencias de pezar por essas mortes, pondo em contraste o *penoso dever* da separação e a *alta consideração* pelo representante do assassino. E na nossa nota só o que apparece, como triste, doloroso, despedaçador é a suspensão das relações com a Allemanha. Não se sabe mesmo como se deixaram de dizer nella algumas coisas desagradaveis aos tres responsaveis por este lamentavel facto, que aliás já o jornal official do partido do sr. Lauro Muller qualificara como *individuos perigosos á manutenção da paz e da ordem publica...*»

## Os Estados Unidos declaram a guerra

Nesses entrementes desdobrava abril os successos que iam lançar os Estados Unidos na guerra contra os Imperios Centraes.

Aos 6 do mez o presidente Wilson proclamava o estado de guerra com a corôa da Allemanha, o Senado americano votava o primeiro credito militar, e o secretario da Marinha mobilisava as forças navaes, communicando o governo de Washington ás outras republicas americanas a posição, que assumira.

Quasi todas, se não todas ellas, se deram pressa em responder a essa cortezia, definindo a sua situação ante a belligerancia, que se acabava de romper entre os dois continentes, e a alliança, que entre elles, ao mesmo tempo, virtualmente se contraia. A chancellaria brasileira, porém, ruminou, remoeu e remanchou a resposta até aos ultimos dias do mez, até aos 28, quando, cedendo a algumas farpas e fisgas da imprensa, fizemos a nossa entrada... não de leão... para declarar a nossa *neutralidade* na guerra entre os Estados Unidos e a Allemanha.

## Entre les deux...

Os norte-americanos registam no seu annuario, ás cincoenta e tres paginas do volume, essa data, na qual, já com os torpedos allemães ás ilhargas, já com as nossas veias sangradas por elles, com as aggravantes da traição e noite, com as da cobardia e inhumanidade, com as da crueza e da evasão, com todas as aggravantes concebiveis, ainda recalcitravamos, ainda resmoneavamos, ainda respingavamos á honra, declarando-nos indifferentes entre a democracia de Washington e a estratocracia de Berlim, para não sairmos da mônica do discurso do Recife, para não desnaullerizarmos a nossa administração das Relações Exteriores, para mantermos entre



os amigos e os inimigos, entre os Estados Unidos e a *Mitteleuropa* o nosso *entre les deux mon coeur balance*.

## Polica bifronte

Eis aqui está, senhores, (prescindindo agora do lado civico da questão) como, fazendo-se o mal e a caramunha, chorando-se pela Allemanha, e *flirtando-se* com os Estados Unidos, se assignalava o intimo da verdade nessa politica de duas caras, cuja ultima phase culminou no americanismo actual, que exclue, renega, denigre os verdadeiros amigos, os amigos velhos, experimentados e desinteresseiros da amizade americana, para buscar nos velha-coutos do bochismo os serventuarios da conciliação entre os dois hemispheros do nosso continente.

## A viagem do Sr. Paoli

No entretanto outras especulações, ainda mais zorras, occupavam o árbitro da orientação brasileira na grande collisão entre o mundo autocratico e mundo liberal. O nosso ministro do Exterior, que, aos tres annos, quasi inteiros, de guerra entre a democracia e o cazarismo, ainda pendia escandalosamente para este, e que vovera dos Estados Unidos, como Bernstorff, impenitente no seu visceral germanismo, — emquanto a America do Norte ensaiva as azas d'aguia, para transpor o oceano, e desempatar a luta indecisa, tratava aqui, no seu cantinho de caranguejeira, de dar o que quer que fosse á Alemlanha em desconto da cartada, que se perdera com a suspensão das relações.

Agora era mistér, ao menos, no agenciar dos interesses germanicos, acautelar a bagagem do ex-ministro Paoli e dos ex-consules allemães no Brasil. No *Foreign Office*, em Londres, e, em Pariz, no *Quai d'Orsay*, não se ignorava que, deixando o Brasil, o representante do governo allemão carregaria com todo o archivo secreto da espionagem, que nas suas mãos tinha o centro de organização e irradiação, não só por todo o Brasil, mas por toda a America Meridional. Convinha que não desamparassemos o allemão nessa extremidade. Era um serviço bom de semear para contas futuras. Mas do que fez a nossa chancellaria nessa obra de enchemão não se poderia ter vislumbre, se me não tivesse chegado ás mãos o documento reservado, que ora vos vou lêr, e de que espero acompanhareis o ordume denso, retrincado e subtil, palavra por palavra.

E' um longo telegramma, que o nosso ministro das Relações Exteriores, passou, em 1917, data de 20 de Abril, ás nossas legações em Pariz e Londres.

Eil-o, senhores:

«SSS — Rio — 635 — 266 — 20 — 1 h. 55 V.M L T.

«Ministre Brésil — Pariz.

«55. — *Confidencial*.



«Communique por nota representantes alliados dariamos passaporte Enviado extraordinario allemão pessoal Legação, consules, familias e serviaes, conforme relação apresentada. Pedi solicitassem respectivos governos *salvo-conducto* *podessem livremente passar até Noruega*, bordo vapor «Rio de Janeiro», Lloyd Brasileiro, propriedade governo brasileiro, exclusivamente destinado essa missão. Enviado Extraordinario francês respondeu salvo-conducto sob condição vapor seguir directamente porto alliado, *exame bagagem e outros artigos*, accrescentando censurado impertinente destino final fosse um porto Hollanda que além do mais supprimiu sua propria navegação por falta segurança. Enviado Extraordinario inglez tambem impoz condição exame em porto inglez. VOU PASSAR NOTA COMMUNICANDO vapor «Rio de Janeiro» IRA\* CADIZ. Hespanha, CONSIDERANDO GOVERNO BRASILEIRO substituidos salvos-conductos concedidos para Noruega e CONSIDERANDO INEXISTENTE EXIGENCIA DE ESCALA PORTO ALLIADO ou inglez e destino Hollanda *visto ser agora perspectiva feita para PAIZ NEUTRO*.

«DISTANCIA EXCLUE IDE'A DE QUE POSSAM LEVAR DAQUI PARA SUA PATRIA QUALQUER CONTRABANDO de GUERRA. Queira maxima urgencia obter desse governo declaração de que NENHUMA RESTRICÇÃO fará das indicadas ou outras para a *viagem directa* do Rio de Janeiro a Cadiz, assegurando salvo-conducto passageiros mencionados na lista já acceita. Não parece habil nem cortez neste momento em que cada vez mais nos aproximamos que se esteja pondo difficuldades indirectas a uma viagem *que o sr. presidente da Republica está resolvido que se faça em qualquer caso*. Mudança viagem para Hespanha sendo acceita nas condições indicadas permittir-me-á EVITAR RESPONDER DESAGRADAVELMENTE ás restricções *sobre tudo francezas*, porto destino. (assignado) Ministre Exterieur.»

Seria crível, senhores, que um ministro do Brasil, um ministro das Relações Exteriores, o chefe da nossa diplomacia, houvesse escripto este acervo de impertinencias, indelicadezas e desatinos?

### Allemanha e Brasil

Não bastava termo-nos, desde o nosso protesto, encolhido tanto na linguagem, incomparavelmente mais inexpressiva que a do uruguayo e a do argentino, comquanto o tratamento germanico nos não houvesse guardado as atenções observadas com a Argentina e o Chile. Era esta a maneira como o governo de Berlim traçava angariar as sympathias das duas unicas republicas da America do Sul militarmente interessadas, suppondo que, deste modo, conseguiria insular o Brasil, e desinteressar as duas potencias da sorte de nosso paiz no assalto que o governo de Berlim projectava e tinha preparado contra a nossa integridade territorial.

De todo o continente americano, o Brasil era o paiz mais interessado



no desenlace desta guerra. Porque em nenhum dos outros a colonisação allemã assumiu a forma de uma occupação territorial, apparentemente pacifica e civil até agora, mas aparelhada, pela exclusividade absoluta do seu germanismo. para os rompimentos dos laços de sujeição ao Brasil, a sua desagregação, a sua annexação á Allemanha.

Esse perigo, a sua contingencia, a sua evidencia, a sua imminencia, accentuavam-se, ultimamente, no contraste entre as indignidades, com que nos tratava o governo allemão, sua sobranceria, sua arrogancia, seu menosprezo, e as condescendencias que teve, ao menos até certa altura, com a Argentina e o Chile, cujas relações elle buscava desviar da sua antiga, provada e natural amizade com o Brasil.

Aqui, como em toda a parte, se desenvolvia o systema allemão de fomentar a intriga e as hostilidades nas fronteiras, quando não no proprio territorio dos paizes, contra os quaes volve a sua avidez. Assim, com a Inglaterra, nas Indias, no Egypto, na Irlanda. Assim, com a Russia, na Grecia, nos Balkans, na Persia. Assim, com a França, na Hespanha. Assim, com os Estados Unidos, no Mexico.

Dantes a guerra era de armas, e nos campos de batalha. Só penetrava no territorio dos belligerantes pela invasão e com a occupação. Hoje o vara e agita com conspirações, as insurreições, as destruições, que o exercito da espionagem, innumeravel, omnimodo, omnipresente, leva por toda a parte, com as machinações diplomaticas, que por toda a parte se insinuam, e com a corrupção da publicidade, com a penetração da venalidade, com as alliciações do suborno, que em todos os paizes do mundo se tem sentido, de que até o governo americano se queixava, na grande mensagem de Wilson ao Congresso.

## Ainda o caso Paoli

Nós, em resposta, não nos contentamos de pôr a surdina á voz obsequente e ganida; não nos contentavamos de nos amarrar á neutralidade, quando os Estados Unidos, em condições iguaes ás nossas, entravam na guerra. Ainda queríamos acobertar com as nossas fraldas a espionagem sul-americana do sr. Paoli.

Com esse intuito, muito diversamente do modo como se houveram, no caso do sr. Bernstorff, os Estados Unidos, o nosso governo, sob a pressão do nosso chanceller, deliberou dar á legação allemã despedida a mais solenne e honrosa das saídas, proporcionando-lhe, a ella e aos funcionarios consulares allemães, num navio brasileiro especial, uma viagem de estado, e assegurando-lhes de antemão, pela sua intercessão instante com os governos alliados, em uma nota que a tal respeito lhes dirigiu, a mais livre passagem atravez das zonas de guerra e das esquadras belligerantes.

Nesse documento, estampado nos jornaes aos 13 de Abril, o governo brasileiro pede a cada um daquelles *«providencie para que nem o «Rio de Janeiro» encontre impedimentos na sua travessia, nem o sr. A. Paoli e toda a sua comitiva soffram qualquer embaraço até seu porto de destino.»*



Do longo telegramma confidencial que, pouco ha, vos li, já vistes que o governo da França e o da Gran Bretanha não estiveram pelos autos. Queriam devassar o coute, que a chancellaria brasileira se empenhava em dar á bagagem, isto é, aos papeis de segredo, ao thesouro mysterioso, evidentemente guardado nas malas do pessoal allemão, diplomatico e consular.

O nosso chancellor, porém, não abre mão da sua catureira. Olho de alliados não bisparia os arcanos da honrada espiagem teutonica. Por lhe evitar a ella o desgosto, o chancellor brasileiro tenta mudar a derrota ao «Rio de Janeiro». Não aportaria em costas alliadas. Não surgiria em portos da Hollanda, ou da Noruega. Governaria a Cadiz, terras da Hespanha, sugidoiro amigo

Eis o que o Itamaraty resolve. Mas não sem arrumar ao *Quai d'Orsay* e ao *Foreign Office* com algumas lições boas e duras. Esta, por exemplo, que é supimpa: «*A distancia exclue a idéa de que possam levar daqui para sua patria qualquer contrabando de guerra.*»

Ora vejam lá: quem tal suspeitaria? Contrabando de guerra, só para longe terra. Para Hollanda ou Noruega seria possivel. Para costas de Hespanha, que esperança!

## O Presidente está resolvido

Mas as bellezas, nesse papel, vão em crescendo. Após a que se acaba de admirar, rebrilha esta outra: «*Não parece habil, nem cortez, neste momento em que cada vez mais nos aproximamos, que se estejam pondo difficuldades indirectas a uma viagem, que o sr. presidente da Republica está resolvido que se faça em qualquer caso.*» Que tal, senhores, a explosão de *habilidade e cortezia*? Que tal o annuncio da resolução fatal, assumida pelo sr. Wenceslau Braz, de passar por cima de Clémenceau e Lloyd George, de Pariz e Londres, da França e da Inglaterra, para assegurar ao ministro do paiz, com quem cortaramos relações, o privilegio de atravessar á solta, com o mais formidavel dos contrabandos de guerra, com o archivo dos seus espiões os mares policiados pelo poder naval da Alliança?

## Dilemma aos Alliados

Mas, de surpresa em surpresa, eis como acaba o admiravel exemplar de literatura diplomatica: «*Mudança viagem Hespanha, sendo acceita nas condições indicadas, permittir-me-á evitar responder desagradavelmente ás restricções sobretudo francezas, porto destino. Transmitta este, urgencia, Fontoura, Londres, para agir urgentemente.*»

Caso tragico, senhores. Os governos alliados estavam entre a parede e a espada. Mas que espada, amigos meus! A do sr. Lauro Muller. Jesus! Dizia o padre Vieira que, «ordinariamente, quem tem muita espada, tem pouca lingua». Mas, Santo Breve da Marca, o caso de uma tarrasca irman da de Carlos Magno, com um palmo de lingua e uma bainha de guela como a do Inimigo. — esse caso, quem o vira, que não desmaiasse? Eram de



metter pena os apuros da Republica franceza e do Imperio britannico entre o sr. Paoli e o sr. Lauro. Não havia por onde sahirem. O *mangiar questa minestra, o saltar questa finestra*. Ou concordavam na viagem allemã rumo Hespanha, ou veriam, «sobre tudo os francezes», como o chanceller brasileiro lhes havia de «responder desagradavelmente».

Seria possivel que o presidente da Republica houvesse autorizado taes rodamontadas?

## A viagem não se fez

Não sei por que janella saltaram Lloyd George e Clémenceau. O que sei, é que *non mangiarono quella minestra*. Nem a França, nem a Inglaterra empallideceram com as roncadas do Itamaraty em soccorro do ministro e dos consules allemães. Nenhuma dessas potencias conveiu em que o ministro Paoli arribasse para a sua terra com o espolio inestimavel da espionagem teutonica na America do Sul. Não se realisou a viagem do *Rio de Janeiro*, apesar «do presidente da Republica estar *resolvido* a que ella se fizesse *em qualquer caso*»; e o ministro allemão, em vez de se fazer ao mar com o seu sequito de espias graduados, via de Castella, em um navio do governo brasileiro, rodou pelas fronteiras do Rio Grande do Sul, com a sua carga de malas, nas quaes, segundo uma reportagem d'«A Noite», não admittiu jámais que mexessem, tendo-as sempre ao seu lado, com incessante vigilancia, debaixo dos seus proprios olhos.

## Pirraça e criancice

Não sei se os ministros do Exterior, em taes casos, esperneiam como crianças. O que, porém, se me representa, é que foi um desses accessos, um desses espasmos, o que turvou ao nosso chanceller aquella sua invejavel serenidade quando, no meio de tantos desastres, aos 30 de Abril, se lhe inteiriçou e sacudiu o punho, expedindo ao governo britannico e ao francez, mediante a nossa legação na capital ingleza, este despachosito de pirraça:

«Ministro do Brasil. — Londres. — Queira *fazer sentir ahi* que governo brasileiro tem recebido declarações de dedicação espontanea dos nossos patricios *descendentes de allemães*, que, *como os patricios descendentes de paizes europeus latinos*, se declaram promptos cumprir com lealdade seus deveres de brasileiros. Transmitta Magalhães, Pariz. (a.) — Ministre Extérieur.»

Que seria, se essa novidade espantosa, de alta diplomacia e raro interesse nacional, chegasse aos ouvidos de Jorge V e Poincaré? Naturalmente, nos mandariam pedir, ao menos emprestados, os nossos teuto-brasileiros, para limparem o coração aos teuto-britannicos e aos teuto-francezes dos resquicios de herdado germanismo.

Mas por nosso mal, ao que me dizem, os nossos ministros em Londres



e Pariz, mais sisudos que o chefe, não *fizeram sentir* coisa alguma dessa criada a nenhum dos dois gabinetes. E assim, mais uma vez, escapamos de fazer rir o mundo á nossa custa.

### Muda a politica internacional

Destarte acabou, na presidencia passada, o periodo allemão. Esse guinchinho telegraphico era o derradeiro canto do cysne de Lohengrin. Cinco dias depois, aos 3 de Maio, se exonerava o sr. Muller, e dahi a dois lhe assumia a successão o sr. Nilo Peçanha, sob cuja direcção a nossa politica internacional, graças a Deus, procurou novo rumo, fazendo-se na volta directa da Europa occidental, em vez de continuar a pairar e bordejar, ineio ao mar meio á terra, entre os nossos amigos e os nossos inimigos.

A herança, que se offerecia ao seu successor, era a dessa suspensão de ralções, que não abalára as sympathias da nossa chancellaria pela obra do kaiser, que nos envergonhava' diante da Europa e dos Estados Unidos, que nos apresentava ao mundo como um paiz, onde um governo de tendencias germanistas levava de rôjo uma nação absolutamente consorciada em sentimentos com os adversarios da Allemanha.

A respeito dessa posição hybrida e adulterina, dessa politica sem nome nem sexo, nunca occultei o meu sentir. «O Estado de S. Paulo» o presumiu, em 1917, na sua edição de 13 de Abril, em uma entrevista minha com o seu correspondente, o sr. Sertorio de Castro:

*«O sr. Ruy Barbosa considera o rompimento de relações uma medida inefficaz, lembrando a propósito que era pensamento corrente seu «que o governo do Brasil devia acompanhar a attitudo dos Estados Unidos»* Entretanto os Estados Unidos, sem pautar a sua acção pela influencia de nenhum caso concreto, mas apenas pela defesa dos direitos dos paizes neutros, ameaçados pela guerra submarina, romperam relações e nós nada fizemos para acompanhá-los nesse acto e quando se declararam em estado de guerra. Cumpre accrescentar que não houve acto de declaração de guerra, mas sim o reconhecimento do estado de guerra. «Nós nos limitamos a romper relações. Assim procedendo, o Brasil não conquista a amizade de nenhum dos belligerantes, nem tampouco a dos Estados Unidos.

«Sustenta desde a sua conferencia de Buenos Aires que a Allemanha declarou guerra a todos os paizes neutros do mundo, desde que deliberou com a campanha submarina, destruir os seus navios e matar as tripulações e passageiros. Não importa que a Suecia, a Dinamarca e outros paizes neutros se tenham conformado com esse attentado, conservando-se inertes. Terão suas razões para isso. Nós, sem quebra da nossa dignidade, e apenas por mêdo ou por germanophilismo é que não podíamos acompanhá-lo nesta attitudo. Acha que o momento é de extrema gravidade. Sua exa. diz em seguida: — «Se nos Estados



Unidos onde ha vigilancia do governo, os allemães têm praticado numerosos e repetidos attentados, que não se dará no Brasil, onde podem agir livremente?»

Mas, nesta segunda phase, bem que tivesse um dos maiores contentamentos da minha vida, o de ver o Brasil desabracar-se das influencias, que o retinham á beira do seu dever, sem ousar cumpril-o, e abraçar de todo, com a declaração de guerra, a causa alliada (resultado para o qual todos sabem, aqui e no exterior, o contingente de acção decisiva, que me coube), não vi deduzirem-se dessa premissa as consequencias, de que ella não se poderia separar.

O dr. Nilo Peçanha não teve sobre o presidente da Republica todo o ascendente necessario, para lhe destoldar o animo das apprehensões, que o velavam quanto aos riscos da victoria allemã. As alterações ministeriaes, que cuidou se lhe prometteram, que eu lhe aconselhara como condições preliminares á sua entrada no Ministerio, e que, evidentemente, eram necessarias para lhe assegurar tranquillidade, efficiencia, liberdade no governo, não se lhe deram nunca. O que, em tal estreiteza, logrou elle realisar, era o mais que se poderia na situação insegura, a que se expuzera. Mas não era o que elle queria, nem o que relevava, para que nos conselhos da alliança entrassemos com o credito de sinceridade, com a seriedade, com a autoridade, que importava.

## Fraquejar com a Allemanha

Dahi a fraqueza da nossa posição, com que os alliados nunca se illudiram. Nunca tivemos a coragem da nossa attitude. Não nos utilisamos das vantagens da occasião, para extirparmos da nossa terra as daminhas e inveteradas raizes do germanismo. Não demos á nossa contribuição para a guerra a importancia, que devia ter.

Tudo porque, das taes *altas regiões*, como lhe chamam, sendo, por via de regra, as menos altas da mentalidade nacional, não se espancou jámais a crença na invencibilidade allemã, a desconfiança da efficacia alliada, o temor de uma liquidação contraria, mais dia menos dia, á nossa resolução de esposar a causa adversa ao prussianismo. Era mister, que, se elle acabasse vencedor, tivessesmos, para pleitear, no seio delle, as nossas attenuantes, as condescendencias, transigencias e inconsequencias, que assignalaram a nossa dubiedade, num periodo, onde era necessario não vacillar, fosse qual fosse o lado, que elegessemos.

## Contraste

Ainda ha pouco, a Suprema Côrte dos Estados Unidos, confirmava a sentença pronunciada na instancia inferior contra Eugenio Debs, chefe do partido socialista e um dos candidatos á presidencia da Republica no quadriennio



vindouro, como incurso no crime de sedição por discursos em que contrariara o concurso dos Estados Unidos á guerra.

No Brasil, pelo contrario, onde aliás curtimos, não só o Estado de sitio, mas o estado politico de guerra, com todas as restricções do direito commum, que só esse estado comporta, a censura, desvirtuada, adulterada, invertida, pesava sobre a nossa liberdade constitucional, convertendo-se na mais odiosa das armas de compressão, em beneficio da politica reinante nos Estados brasileiros, em beneficio dos seus régulos e reizetes, como aqui em São Paulo, — entretanto que, naquelles, desses Estados, onde sobrauecia a colonisação alleman, e em outros, se deixava a rédea solta ao jornalismo germanista, para atacar os alliados, calumniar a causa por nós espositada, e chocalhar á vontade o mais insolente derrotismo.

## Factos

Haja vista, senhores, o curso, que seguiu, em Santa Catharina. «O Dia», organ official do governo desse Estado, e de que nós deu amostras inolvidaveis «A Noite», no seu numero (entre outros) de 16 de Abril de 1917, exhibindo «O germanismo official de Santa Catharina» nos documentos, que lhe suppeditava aquelle periodico, prussianisante de não sei quantos costados.

Haja vista o caso dos cinemas de Joinville, onde é de rigor inevitavel que todos os programmas e annuncios de taes diversões populares sejam redigidos e estampados em puro allemão, sob pena de não terem concorrência, porquanto, naquella colonia do governo de Berlim, a maioria da população, falando alguma coisa a nossa lingua, lê-la, absolutamente não o sabe. Tal o depoimento de um actor portuguez, colhido tambem pela «Noite» na sua folha de 15 do mesmo mez, com o intuito de nos demonstrar «A germanisação no Brasil».

Haja vista as declarações, que, na «A Rua» de 20 do corrente Março, estampou o sr. Dunshee, a que o povo chama *Deutsch* (pronunciem *doitche*) sobre a sua volta á camara dos deputados, que o seu ultra-allemnismo o obrigara a deixar. Este senhor 'diz alli coisas como estas:

«Restava mais de mez ainda para que se ferisse o pleito, quando fui procurado aqui, por dois influentes elementos de Santa Catharina que, em nome dos teutos-brasileiros, propunham a apresentação do meu nome como candidato avulso por aquelle Estado, convencidos que estavam de que a parte tomada por mim, nos debates da Camara, sobre a guerra com a Allemanha, me determinara o prejuizo da perda do mandato.»

«Correu o tempo, continuará a correr e, mais tarde, veremos quem tem razão: se eu, ou se os que se empenharam na attitude do Brasil, contraria á Allemanha. O meu caso, hoje, tem outro aspecto. O conselheiro Rodrigues Alves falleceu. Os teutos-brasileiros continuam na mesma disposição de apoio ao meu nome. E' muito provavel que volte á Camara.»





*Tempestade*

(QUADRO A OLEO DE A. NORFINI)



*O Gigante morto*

(AQUARELLA DE A. NORFINI)





*Cavallos no Campo*

(QUADRO DE A. NORFINI)



*O repentista vencido*

(AQUARELLA DE A. NORFINI)



«O eleitorado tanto vota no monarchista, como no republicano; no germanophilo, como no declaradamente alliado. O essencial é que haja a recommendação dos chefes politicos.»

Entretanto, a guerra ahi está, e, na America do Norte, este homem seria capitulado em sedição por todos os tribunaes, como Eugenio Debs, o candidato presidencial do socialismo. No Brasil, é um membro, em elaboração, da Camara Federal, aonde nos anuncia vae volver com o mesmo entono germanophilo de outrôra, para aguardar alli a volta da fortuna, que breve converterá em desbarato a victoria alliada e em victoria o desastre allemão.

### Singular belligerencia

Seria um não se acabar nunca, se vos quizessemos apenas submeter aos olhos, de cada genero, uma dessas singularidades, que imprimem á nossa belligerencia a mais singular das physionomias.

Aos 6 do mez passado, por exemplo, segundo a lista, que nos depara um vespertino carioca, dos passageiros chegados ao Rio, pelo «Frisia», ou por elle transportados para Santos, vemos, de enfiada, nada menos de vinte e quatro inculcados como brasileiros, mas cuja verdadeira naturalidade se denuncia em vinte e quatro nomes, dos mais genuinamente allemães que entre allemães se conhecem.

Se brasileiros fossem realmente, por que não atravessaram a Suissa, e sahiram pela França? Por que, para volver ao Brasil, elegeriam por sahida a Hollanda, aguardando alli com essa paciencia toda, o primeiro paquete hollandez? Sendo brasileiros, outrosim, por que se conservaram no territorio inimigo, depois de rotas as nossas relações, depois de annunciada, por nós a guerra á nação, em cujo solo estavam? Neste caso porém, como se poderiam deixar estar nesse paiz, no imperio germanico, a não ser na condição de prisioneiros? Mas, como prisioneiros, de que maneira, e quando, se teriam desembaraçado se, por occasião do armisticio, não se tratou de prisioneiros da nossa nacionalidade?

Mais. Alli mesmo se enumeram, declaradamente, como «allemães» não menos de outros treze passageiros, conduzidos por aquelle navio, não só para Montevidéu, e Buenos-Aires, mas tambem para o Rio.

Outra, da mesma especie, sendo ainda mais expressiva. «O Imparcial» de 18 de Março proximo findo, (a pag.<sup>a</sup> 12) estampa uma lista de immigrantes, recebidos em 1918 nos portos brasileiros, lista fornecida pelo director do Serviço do Povoamento ao ministro da Agricultura. Pois bem: nessa lista se regista, com declaração official, o ingresso de um allemão.

Pois será tudo isso, realmente, *estar em guerra* com a Allemanha?

Vamos, porém, a uma ainda melhor. Esta não consta de jornaes: mas nem por isso é menos exacta. Ao declarar-se por nós a guerra ao Imperio do kaiser, a inspecção militar, no Rio Grande do Sul, exigia a exhibição de passaportes aos allemães, que alli pelas nossas vias ferreas transitassem. Mas o governo do Estado logo se interpoz contra essa providencia, aliás de character impreterivel. As autoridades da estrada não con-



descenderam. O governo estadual, porém, tangeu os pausinhos no Rio, e, dahi em diante, cessou a medida, que não calhava aos interesses germanicos. Com este bello regimen, os subditos inimigos passaram a viajar, alli, pelos caminhos de ferro brasileiros sem exigencia dessa condição de vigilancia policial, e, já dispersos, já em grupos, ou lotes, entram pelo Estado Oriental, ou pela Republica Argentina, a terras de Santa Catharina e do Paraná, aonde vêm, livremente, ora agenciar os seus negocios, ora dar conta das commissões de espionagem ou politica alleman, commettidas ao seu cargo. Que linda maneira de ser belligerantes!

Já vos constou de outra nação, que a usasse?

Agora outra, não menos séria. Tive nas minhas mãos traslado autentico dos documentos officiaes, donde extraio a narrativa. A firma alleman Zaller, Willinger & Comp., de Porto Suarez, na Bolivia, consignara 490 couros a Ernesto Carvajal, consul desse paiz em Corumbá, com a nota de *transito* para Montevidéu.

Deste abuso deu aviso o nosso consul em Assumpção ao inspector da Alfandega de Corumbá; e este, como seja notoriamente vedado, enquanto durar a guerra, o commercio entre inimigos do paiz, residentes no exterior, com brasileiros, ou estrangeiros residentes no Brasil, deteve as mercadorias, não consentindo no pretenso *transito*, a que as destinavam. O consul boliviano, consignatario dos couros, representou á autoridade aduaneira contra o seu acto. Mas ella o manteve.

Reclamaram, para o Rio, os interessados ao ministerio da Fazenda, que lhes deferiu, sob o pretexto, claramente insustentavel, de não ser «perturbado o transito de productos bolivianos». O inspector explicou, mostrando que não se tratava de productos bolivianos, mas de mercadorias negociadas por allemães, nem de *transito*, mas de nova *exportação*, visto como os generos, que se importavam da Bolivia, por consignação a um estrangeiro domiciliado em Corumbá, dahi se remetiam para Montevidéu.

Perdeu o tempo a autoridade fiscal brasileira. O Ministro da Fazenda insistiu na sua arbitraria vontade, que se executou, mas não entregando á Alfandega os curos ao consignatario, senão para que este os devolvesse ao porto da sua procedencia.

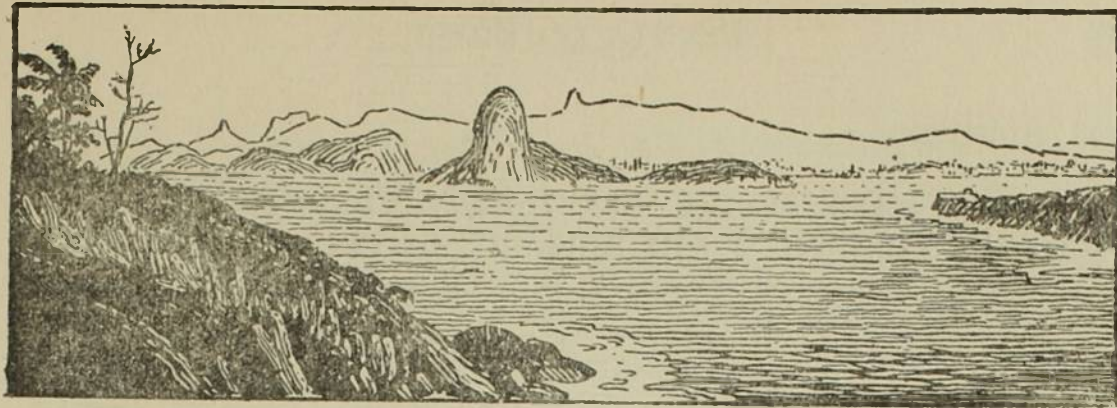
Dest'arte se observou em parte a lei, graças á honestidade e constancia do inspector desautorado, a que o povo de Corumbá testemunhou, em calorosa demonstração, o seu apreço. Mas o pobre funcionario perdeu immediatamente o logar; e se viu preterido, successivamente, a 21 de Agosto e 31 de Outubro do anno transacto, em duas promoções, a que tinha direito. nessas datas, o de mais antiguidade, nos quadros a que pertencia

Eis, senhores, como se galardoam no Brasil a probidade e a competencia nos servidores do Estado. Eis como, criados na violação habitual de todas as leis, violamos as mais imperiosas e categoricas de todas as leis: as leis de guerra. Eis como nós desempenhamos dos mais elementares deveres dessa belligerancia, a que nós declaravamos associados, mas em relação á qual nem os compromissos de legalidade sabiamos guardar

(Conclúe no proximo numero.)

RUY BARBOSA





## VIAJANDO <sup>(1)</sup>

(Coizas do meu Diario)

1913

Na Madalena — Abril, 12

— Do decantado templo, cuja imperfeição é notoria, pouco vi: fiel ao seu nome, Madalena estava em concertos. Não recebia visitas. Excetuou-me rapidamente.

Do altarmor, branco, a interromper-lhe a penumbra, bem poderiam ser dispensados uns insensíveis anjos cujas azas deveriam demandar recintos menos empoeirados. Rodeiam o edificio estatuas dezeguaes, que se abrigam em aberturas eguaes esburacando exteriormente as paredes. A de Santa Cristina está vizivelmente engasgada, mas a de S. João Crizostomo prova, pela veemencia do gesto e supremacia do olhar, que o «boca de oiro» nunca fez papel triste.

Columnas corintias imitando templos romanos; cupolas bizantinas; auzencia dum plano comprehensivel; arte incerta... Pois si é nesta egreja que a aristocracia prefere celebrar seus cazamentos! Fraquissima autoridade em questões matrimoniaes, nem por isso deixou a padroeira de ser canonizada. Irregularidades da logica.

---

(1). Vide numeros de Agosto a Maio.



### Nos medicos

— Biexaminaram-me em horas diferentes, dr. Landouzy, dr. Huguier e seu ajudante dr. Hubert. Por cento e sessenta francos descobriram-me uma porção de molestias. Por duzentos matavam-me!

Prescreveram: «evite constipações, coma devagar, mastigue bem, não fume, nada de frutas verdes, deite-se cedo.» Para chegar a esse resultado eu não precisaria de exames e consultas. Até hoje ninguém me receitou constipações, insomnias e fumo, nem frutas verdes.

Tenho no parlamento collega que, todos os annos em fim de sessão, com entono replicante, lê um mesmo discurso de oitenta paginas, caligrafia meuda, receitando para os males do Brazil agricultura e gado. Meteu-se-lhe a certeza de que o auditorio aconselha a abolição dos bois e da lavoura. Esse homem acaba medico em Paris.

### Na Comedie Française — Abril, 13

— Nunca ouvi falar francez tão bem! Nunca ouvi pronunciar os adverbios com a intuição de Siblot e a muzica penetrante de Cecilia Sorel.

Reprezentou-se o «Cazamento de Figaro». Gozei, extasiadamente gozei daquelle classico monologo que aformozeia o 4.º ato. Disse-o George Berr com tal sentimento, com tanta compunção de magoa, que aos soluços finaes eu não sabia si aplaudisse com a platéa, si gemesse com o artista! E, como elle, muito ensaiados todos; nem uma vacillação, nem meio gaguejo: uniformes, entendidos todos na interpretação do pensamento de Beaumarchais, mas duma uniformidade que não constrangia a intelligencia do auditorio, interprete tambem duma obra que, por superiormente humana, independia da epoca e do local onde nascera.

Em certo estado do espirito, e ouvindo uma produção extraordinaria, o teatro serve mais para pensar que para divertir; e eu sabia que o «Cazamento do Figaro» era filho, e dos melhores, da filozofia democratica do seculo XVIII. Não lhe perdi, dos cinco atos uma palavra sequer!

Palmeei Leconte, uma vitória da arte. Moça, linda de rosto, não bonita de corpo, encarregada do secundario papel de Querubim, mero incidente da inimitavel comedia, Leconte, no 3.º ato, peso argucioso da sena, pela malicia no manejo da ingenuidade, pelo discernimento apaixonado com que modula a voz e segue as vibrações do bandolim, empolga a sensibilidade de dois mil espectadores, exige o



aplauzo, prolonga o louvor, e por momentos faz esquecer que alli estejam platéa, teatro, peça!

— De passagem, e porque dispunha ainda de tres quartos de hora para chegar á «Comedie Française», ouvi, de Pièrre Brisset, trechos de conferencia argumentante de o homem descender de sapos e raãs.

O conferencista falava por conta propria.

Abril, 14

— Vizitando. Vizitado. Estive com oito patricios. Nove se queixaram do Brazil. Nem um elogiou o governo.

. . . . .

O grande zero — Abril, 16

— Como se explica o silencio da filozofia grega a respeito do budismo que lhe ficava tão territorialmente proximo? Porque essa religião, a maior, a mais adotada, a mais duradoira, transbordou para a China, não penetrando no ocidente mais vizinho, mais facil de estradas, mais adeantado em navegação? Porque não foi informador o seu contato com os sucessores de Alexandre? Porque, vizitantes de suas extremidades occidentaes, a desconhecerao Pompeu, Lucullo, Julio Cezar, Trajano e Gordiano, generaes letrados? Com estas perguntas no raciocinio, entrei no «Museu Cernuci», apregoada exposição de coizas budistas.

Audacioza ladroeira! Logração descarada.

Logo ao ingresso dois budas dissimlhantes: um, chinez, mongolico, de olhos transversaes, cabeça diminuida; de olhar doce e estúpido, completamente indiano o outro. Evito-os. Subo escada e asneira: o patamar é quazi impedido por um buda de quatro cabeças circumdadas por dezeseis braços. Penetro. Lá dentro? Budas, budinhos e budões, e mais um buda grande, do volume de tres homens, rodeado de mostradores onde estão, pequenos duma pollegada, chusmas incalculaveis de budas.

Influenciado por Julio Ribeiro, tresli ha trinta annos nas leis de «Manu»; bramanicamente cogitei da terrivel syllaba «Aun», chegando até a desconfiar de que filozofára a pretexto de sudras e em defeza do paria-tchandala. Estou pagando esses pecados.

Neste mundo o outro é exploradissimo. Decadente embora, o budismo explorador ainda tenta e arranja alguns negocios; não funciona improdutivamente como empreza reli-



gioza. O principe Arda-Chidi, seu fundador, tambem nasceu de virgem immaculada, e foi tambem tentado por demonios.

— Abundam as reliquias, apesar de proibidas pelos orthodoxos. Nellas enxertadas, mas transparente allusão á «mãe do divino» (anterior á propria civilização de Creta), vejo uma «Nossa Senhora» com um cristinho esverdeado, contrafeito. Tolice maior: na primeira sala, curvando-se para reconhecer quem chega, estão um Confucio desdentado e uma Siva muito encardida. E toda essa salada teologica sem um catalogo que dezatrapalhe a curiosidade! Apenas, grudada, pode ser lida em alguns objetos a declaração de terem vindo da colleção Stoclet ou da colleção Kann: o que me adeanta tanto como si me fizesse andar para trás.

Venço escadinha impertinente. Mostram-se prateleiras pejudadas de garrafas verdazues, verdeclaras e verdescuras: ingerencia da floresta indiana nas crenças e na arte falha do ariano primitivo? Emprego meia hora mais, vendo coisas que eu já conhecia e reparando noutras que já lêra. Desço. Sento-me perto do Budagrande, e pergunto-lhe com a mais meditada das pachorras:

— Que fizeste, Sidarta - Gontama - Çaquíámuni, que fizeste, que fizeste, Buda-Chedi, do immenso poderio que a condescendencia humana te concedeu? Em que contribuíste para o acrescentamento da intelligencia na face da terra? Onde a tua astronomia? Onde a tua geometria? Onde o desdobramento da tua industria e dos teus titulos de credito na escrituração do progresso? Que fizeste para a autonomia do individuo? Que, para a higiene das populações que te acolheram as doutrinas? Teu nome não aparece na bussola, na imprensa, na construção naval, na eletricidade. Pezada é a tua arquitetura. Paralitica de pernas, inerte nos braços, tua escultura avilta o gosto e entontece a arte. Tua pintura é insensata. Nunca foi ouvida a tua oratoria.

Como reação, foste inferior ao poder que derribaste. Tua liturgia é venal. Tua metafizica é desvairada: aceitaste as transmigrações bramanicas para as conduzir ao não-ser; substituíste o deus-uno, o deus-creador, por um deus-força, por um deus-motor a influir na natureza vizivel, que ora afirmas e ora negas! Produziste o monaquismo, a penitencia, a apatia.

De cantor de Sacuntala, o maior poeta da tua raça, só se salva para a gloria da imaginação humana o que buscou inspiração nos vestigios da filozofia que combatestes.

Da condemnação no grau maximo das penas estabele-



cidas pela critica historica só te livra a circumstancia atenuante de não haveres, como tuas irmãs do ocidente, incluívê a mexicana, solidificado o militarismo, dilatando por seculos o sacrificio de vitimas humanas.

Grande zero! Zero podre. Dezinfeta, com a tua ausencia, a normalidade da civilização. Rumo ao nada, grande zero!

### No Parque Monceau — Abril, 16

— Corrigindo a meteorologia official, o sol está aquecendo Paris. Busco o «Parque Monceau». Brotos lhe embellezam as arvores. Expande-se a natureza. Centenas de crianças, gordas, correndo, rindo. Muitos berços. Muitas mães. Como a franceza tem sido calumniada! Grupos de meninos, em exercicios fortes, encetam amizades que, algumas, escapando á ruindade da sorte, lhes constituirão na velhice um dos maiores prazeres. Recordar tambem é viver.

Conversando com um operario cuja perspicacia me agradara, e pensando ambos no espetaculo que nos deleitava, comecei a ver uma França que eu ignorava mas desejava: uma França firme, futuroza, com a especie em marcha e o porvir em preparo.

. . . . .

### Na Bolsa do Trabalho — Abril, 16

— Funciona este directorio socialista, aqui perto do Hotel Moderno, em solido e vasto edificio que o governo facilitou ao operariado defronte dum bom quartel onde ninguém se queixa de falta de armas embaladas. Nas ruas proximas ha enxertos de espionagem.

Fiz-me compreendido. O segundo companheiro a quem me dirigi atravessou commigo divizões e subdivizões, salas de grandes assembléas, e pequena de grandes deliberações.

— Prepara-se uma «grève»; ha outra, na Belgica, em regular andamento. Tudo coordenado; tudo sem motim, sem derramamento de sangue. Evidentemente o operariado é a ordem. Evidentemente o operario é o mais competente gestor dos seus direitos, dos seus deveres, dos seus interesses, dos direitos, dos deveres, dos interesses da maioria social, portanto. No Brazil, sei-o praticamente, nem um operario contribuiu para o esfacelamento das finanças nacionaes. Podem allegar essa innocencia os politicos, que só julgam illicito o que lhes não traz lucro?



## Escola Classica do sacco do Alferes

— E' loucura ir a «Folies Dramatiques». Pratiquei-a, impellido pelo dezejo de decifrar os tres pontos de interrogação que integravam o annuncio da «Virgem Insultada» de André Manprey.

O panno de boca é vermelho, vermelhas as trezentas e tantas cadeiras da platéa, vermelha de bluzas a artista que inaugura o papel de Rigoleta, e pela cor vermelha termina o drama com o assassinato do commissario Cochonillo. Praticado perante duzentos e muitos espectadores. facultou-lhes esse terrivel crime a decizão de cazar a ingenua Luiza com o advogado Breguet que lhe jurara amor eterno no começo do terceiro ato: terceiro e ultimo, o que impede o matrimonial, que logicamente se deveria efetuar no quarto.

Plena arte dramatica do bairro da Saude. Quantas saudades me dezcavou a «Virgem Insultada!» Fui numero essencial, em Janeiro de 1875, em Tatuhy, na inauguração do teatro. Fui orador official, tendo como ajudante na eloquencia o ajudante farmaceutico Caneiros Bastos. Discorri com ardor; uma allusão a Palma ia motivando delirio no auditorio. Palmeado o meu discurso, um caboclo, Fabiano, de nome, abraçando-me, assim me felicitou: «Vossa senhoria quando fala parece um cavallo parelheiro.»

— A' porta, indifferentes ao sacrificio de Cochonillo, dois soldados muito altos e largos, reencontrados, trocavam amabilidades. Indago-me: para que quer a França soldados grandes? Na guerra moderna, quando o corpo a corpo mais raro se torna, o menor alvo mais probabiliza a vitoria. Menor que o russo, bateu-o o japonês.

## Metafisica — Abril, 17

— Excursionista, percorro a «Galeria Lafayette», o «Bon Marché», a «Belle-Jardinière». Centenas de carros entregando encomendas. Empregados aos bandos. Boliço e reboliço. Roupa, muita roupa, para todos os tamanhos, todas as cores, todos os feitios; tudo quanto se imaginar para tapar o corpo, limpa-lo, corta-lo, raspa-lo, auxilia-lo, prepara-lo. Botinas, canivetes, papel de carta, tezoura, sedas, velludos, chitas, guardanapos, morim, vestidos de cauda, romances de Rosni, fosforos, relógios, panellas, cadeiras de balanço, camizas, ventozas, meias, lenços, chapéus, perfumarias, fro-nhas, chinellos, estatuetas, cintos, toalhas, lapis, barbante,



gravatas, joias, rolhas, escovas, bengalas, calices: tudo o que ha ou possa haver, ha e haverá nessas trez casas. Quanto ao enroupamento uma pessoa núa pode, em meia hora, alli se vestir para a vida inteira.

Progresso! Do pitecantropo, aproveitador do couro do irracional para se vestir contra o frio, ao pelintra que prova e não paga um terno de roupa por quinzena, que distancia!

— «Felix Potin»: comida á qualquer hora para todas as fomes, para todos os preços, para todas as gulas, para todos os paladares, para todos os fastios. Carnes e mais carnes. Ovos aos milhares. Massas, conservas, queijos; montanhas de pão; vinhos e aguas mineraes em quantidade para afogar o oleitorado opozicionista do Cubatão; verduras, doces, frutas, comidas frias...

Ninguem melhor que Apuleio expoz o sistema da alma do mundo. Faltou, porém, ao retorico um «Felix Potin» que lhe encaminhasse o estudo comparativo do microcosmo com o grande todo.

Aquella multidão que, pezando e pagando alimentos, adur parece comprar materia prima para dejeções, está realmente apromtando em cada individuo esse calor central cuja differença de gradação com a atmosfera determina, no corpo humano o aparecimento da pelle. Identico processo produziu na crosta do planeta, o fenomeno da vegetação.

E da vegetação tira o homem o melhor dos seus alimentos, entre os quaes é sempre conveniente dezinhar as batatas. Reciprocamente filiadas, eternamente unidas: a civilização e as batatas!

. . . . .

Abril, 18

— Caça-me o filho dum politiqueiro do antigo 5.º distrito da provincia de S. Paulo. Relata-me coizas rezervadas para mim e para o publico. Ouço-o assim como quem conversa com uma prima velha: escuto-o pensando noutras coizas: na valentia dos bulgaros, no exercicio illegal da medicina, na regularização do serviço domestico, etc.

Tempo é capital que não volta. Na minha idade, um dia perdido é um dezastre.

. . . . .

Pena de morte — Abril, 19

— Lecombe, endereçado á guilhotina, trepou ao telhado da prizão, lutou contra os soldados a tiros de telha,



fe-los recuar, e, cabeça abaixo, atirou-se sobre o lagedo. Morreu como um bravo.

— Repugnantes, as particularidades dos cinco guilhotinamentos, hoje demanhã em Versailles. Porque não cloroformizam a vitima? Porque lhe não evitam o secular minuto do terror? Ha, na Allemanha, o degollamento a machado; fôra mais clemente o acido prussico. Na China ha o martirio da gota d'agua; mais generosamente rapido seria cravar um alfinete no ouvido do condemnado.

Este capitulo do direito de punir (?) tem, no Brazil, uma originalidade atroz. Durante o longo reinado de Pedro II havia, de direito, a pena de morte, mas de fato a sua revogação. Veiu a Republica; revogou de direito a pena de morte, restabelecendo-a porém de fato.

No Paraná, em S. Catarina e Rio Grande do Sul, ha poucos annos, com apoio de republicanos eminentes, os fuzilamentos se normalizaram. Nelles perdi tres amigos: Batovy, Serro Azul e, intimo este, dr. Alfredo de Paula Freitas. Relatava o coronel Moreira Cezar que, na chave combinada com o marechal Floriano Peixoto, a frase «ponha em lugar seguro» significava ordem de fuzilamento. Um dos executores da pena de morte, o general Ewerton Quadros, era espirita fanatico.

#### Socialismo — Abril, 20

— Volto á «Bolsa de Trabalho». Fica-lhe á vista, obeza, a estatua da «Republica», em cujos baixorelevos, aliás minuciosos de cronologia, faltam duas certidões de obito: 18 Brumario de 1799 e 2 de Dezembro de 1851.

— O momento operario justifica a dezuzada concorrencia. Em Berlim o dezassombro de Liebknecht denuncia estar a caza Krupp, a maior contribuinte dos cemiterios no ultimo seculo, comprando deputados para manter agitações e renovar armamentos. Na Belgica o proletariado reclama acrescimo de direitos politicos, decide paralização de trabalhos, regulariza a distribuição de alimento ás crianças e aos hospitaes, collabora em summa na direcção social.

— Expliquei como pude a realidade do cazo brasileiro. Filha duma metropole em decadencia; mescla de indio, etiope, e caucazeo predominante; sem aristocracia legalizada e sem indole para suporta-la; com a tendencia democratica facilitada desde o fracasso da tentativa feudal em 1532-49: estava a nação brasileira, praticamente, adeante da França



e da Italia em desenvolvimento socialista. Esclareci: tanto á estupidez da nossa policia, parceira de roletistas, perseguidora de operarios e ladra habitual do seu mobiliario, como ao erro sindicalista num paiz sem classes, onde patrão e criados têm o mesmo prato, o mesmo medico e quazi a mesma roupa, e onde afinal de contas todos são operarios, deve o Brazil o relativo atrazo em que se acha quanto á solução legal do problema do quarto estado.

Em S. Paulo (acrescentei referindo-me ao meio nacional que mais conheço), onde infelizmente a tontice dos delegados policiaes os convenceu de que, só elles, representam a sociedade inteira, já se não trata propriamente duma incorporação do proletariado, mas de razoavel regulamentação do trabalho e do exercicio do capital: do direito que a esses dois contendores equitativamente assiste.

Seis mezes de estudada propaganda, um anno de reciproca tolerancia, acentuei, e a contento geral encerraremos no Brazil a, aqui, perigozissima contenda.

. . . . .

#### Amizade. Precocidade. Bestialidade — Abril, 21

— Quem tem muitos amigos não tem nem um. Quem tem um amigo é rico; quem tem quatro é opulento; quem acredita ter mais é tolo.

— Izidoro Haas. Vizito-lhe a sepultura. Depois de pais e espoza era eu a pessoa que elle mais estimava; meu coração sempre lhe pagou capital e juros dessa divida. Encontramo-nos, acazo feliz!, em estrada no interior paulista, e de momento começámos trinta e sete annos de amizade intima, de franqueza, de confiança, de preocupação reciproca, de lealdade permanente.

Amizade corajoza! Em 1884, no terror subserviente, foi Izidoro a unica pessoa que se animou a ir á estação férrea esperar minha familia que viera por terra emquanto eu, que a bordo não enjoou, vinha por mar enjoando os outros. Na prizão, debaixo do travesseiro, encontrei bilhete de Izidoro: soubera antecipadamente do meu quarto e dos meus guardas... Duas são as classes de amigos: os meus amigos e os amigos do meu. Izidoro pertencia á primeira.

— Roberto Haas: nove annos; voz, ao mesmo tempo, estridente e agradável; diz cançonetas com intelligencia esportissima.

Constante, mas injusta, é a ironia contra as precocidades. Raras vezes, é certo, os meninos prodigios pagam



em merito os encomios recebidos na infancia. Sobrepujamos mais tarde, quazi sempre, os innotados; sofreram insuccesso, nos exames para admissão, Tolstoi, Prevost-Paradol, Sarcey, Taine, Brunetière, Claude Bernard: e ninguém lhes vaticinava as culminancias a que atingiram!

Não sei, porém, de precocidade que tenha falhado completamente. Explicavel: deziquilíbrio, anormalidade, só excepcionalmente poderá o precoce progredir: em regra, ou morre ou muda. Heinechen, que aos tres annos conhecia latim, francez, historia, geografia e o Pentateuco, só viveu um anno mais, ao passo que o sr. Jorge Tebiriçá, agronomo suiso, promete vida longa.

A' turma dos precoces opõe-se a dos pasmados. Esses, sim, quaesquer que sejam as circumstancias, correspondem sempre ás promessas de sua juventude e á expectativa dos de sua geração. Um pouco menos palerma, um pouco mais pateta, não varia o pasmado, de insignificancia e de rumo. Em todas as questões, deciziva, a ignorancia lhe serve de leme, e de bussola a atrapalhação.

Roberto, a precocidade que cauzou esta nota, é brasileiro paraense, neto de francez alsaciano. Melhor: é o primeiro estudante de sua classe.

— Num bonde. Tenho o prazer dum sinistrinho. Automovel aristocratico recebe um esbarro. Forma-se ajuntamento. Soldados tomam notas. Aproveitando o alvoroço, uma mulher procura viajar sem bilhete. Debate. Chocam-se opiniões. Intervenho citando o verso da Eneida

*Scinditur incertum studia in contraria vulgus;*

ninguem me dá e ao mantuano importancia; dou-a eu á mulher pagando-lhe a da passagem. Desço. Vejo grupo de curiosos. Um hercules de feira parte correntes e levanta pesos descommunes, discursando não receber senão um soldo de espectador que o queira favorecer. Deixo dissimuladamente cair no tapete vinte francos. Imperturbavel, recolhe-os o hercules proseguindo nos seus exercicios

Duas despesas inuteis. Duas bestialidades no meu passeio. Eu seria o mais millionario dos brasileiros si só houvesse despendido 9\$500 todas as vezes que tive em mãos uma nota de 10\$000.

Abril, 22

— Expõe-se a perder tempo quem vai a exposições de segunda ordem. Na de humorismo, rua La-Boetie,



apenas Pièrre Stephen lembra as minuciosidades engraçadas de Bordallo Pinheiro. O muito caro J. Remandat desta vez conseguiu, por haver concedido ao lombo dos porcos a fôrma de bochechas femininas, evitar o descaso publico; prevenido, eu já sabia que o talento desse artista pertencia á familia do impossivel!

Salva-se, salvando-se duma impressão funeraria, a pequena e sofrivel exhibição de tapetes turcos.

Graçola: no subsolo, com o distico «Exposição Universal, de 1913», numa sala dividida por grades baixas, estavam quatro pares de botinas sob o titulo «Seção de transportes», e, sob o de «Instrucção Publica», uma pedra de ardozia, dois lapis, tres canetas e quatro livros velhos.

### Chantilly — Abril, 23

— Partilhei com o intelligente dr. Jozé Virgilio Cardozo o convite de d. Luiz para uma vizita a Chantilly, o mais regular dos muzeus francezes e presente da familia Orleans á terra que os desterrou.

Tudo delicado e ordenado. Magnificante, o trisecular mobiliario. Reunião dessa simplicidade e gosto que, a datar do seculo XVI, intentou em França tal qual reacção contra a Renascença, Chantilly, antiga propriedade de intellectuaes, sî inferior a Fontainebleau em valor artistico, vizivelmente superior lhe é em organização, em classificação sobretudo.

Um pouco enfermo, guia-nos o principe com pacientissimas informações. Não o achou em falha qualquer das nossas perguntas. Discutia, ensinava, elucidava. Dava-nos prazer tanta intellectualidade num patricio. D. Luiz é a maior rezerva da patria. Sabe do Brazil tudo o que os seus perseguidores ignoram.

— Venho preparado. Marquei de vespera, mais ou menos, o que devia admirar. Vou á «Capella», obra de talhe artisticamente ennobrecida por esplendido altar em marmore; fica-lhe atrás a urna que contêm o coração dos Condés. Na livraria, treze mil volumes, illude-me, como a todos, a porta estreita da entrada. De madeira mas muito bem fingidas, obras de Ennio, Annibal e Silla, perdidas lamentavelmente. De 1534, uma rarissima e conservada edição das «Antiguidades Judaicas», de Jozefus, me esgravata a inveja com incentivos de furto.

Na sala das batalhas, «Galeria do Principe», o esma-



gamento da infantaria espanhola em Rocroi apropriasse-me do elogio, mal podendo saltitar minha memoria na variedade de telas que a confundem. Entre os esmaltes de Leonardo de Limouzin sobresae o tipo simpatico da duqueza de Montpensier. A «Napolitana Chorando», de Robert, é duma tal veracidade que harmoniza a gente com o pezar alheio. Na sena dos «Dois Foscari», parece, estamos a ler o trecho do bardo inglez no colorido anhelante de Delacroix. Na «Joanna d'Arc», de Chapu, os braços chamam, o collo apaixona como que reclamando um collar de beijos. Pela abundancia de idéas, surpreende a «Surpreza» de de-Gruze, o celebre pintor de crianças: é de enfeitiçar a menina olhando ao longe, receioza sem medo, curioza sem espanto.

Limitada, valioza sem ser estupenda, a colleção numismatica. Não me demoro examinando-a. Apressa-me o ultimo, e melhor, dos meus apontamentos. Já minhas conhecidas de divulgada copia, eram as «Tres Graças». Original, o quadro? Sim. Afirmam os competentes: insistindo no trabalho, o proprio Rafael deliberou aumental-o.

Si me não chamam, fico aqui a olhar, a comparar as tres deidades, á espera de adjetivos que lhes traduzam as perfeições. Mais as olho, mais as comparo, mais dou preferencia... ás tres.

(Continúa)

MARTIM FRANCISCO







## GRAMMATICA VIVA...

*De como se formam locuções familiares.*

Itaóca é uma grande família com presumpção a cidade, entalada entre montanhas, lá nos confins do Judas, precisamente no lugar onde o demo perdeu as botas. Tão insulada vive do resto do mundo que escapam á compreensão dos forasteiros recém-chegados muitas palavras e locuções de uso não só corrente como diario. Entre ellas esta, que seriamente impressionou um grammatico em transito por ali: Maria, da cá o pito!

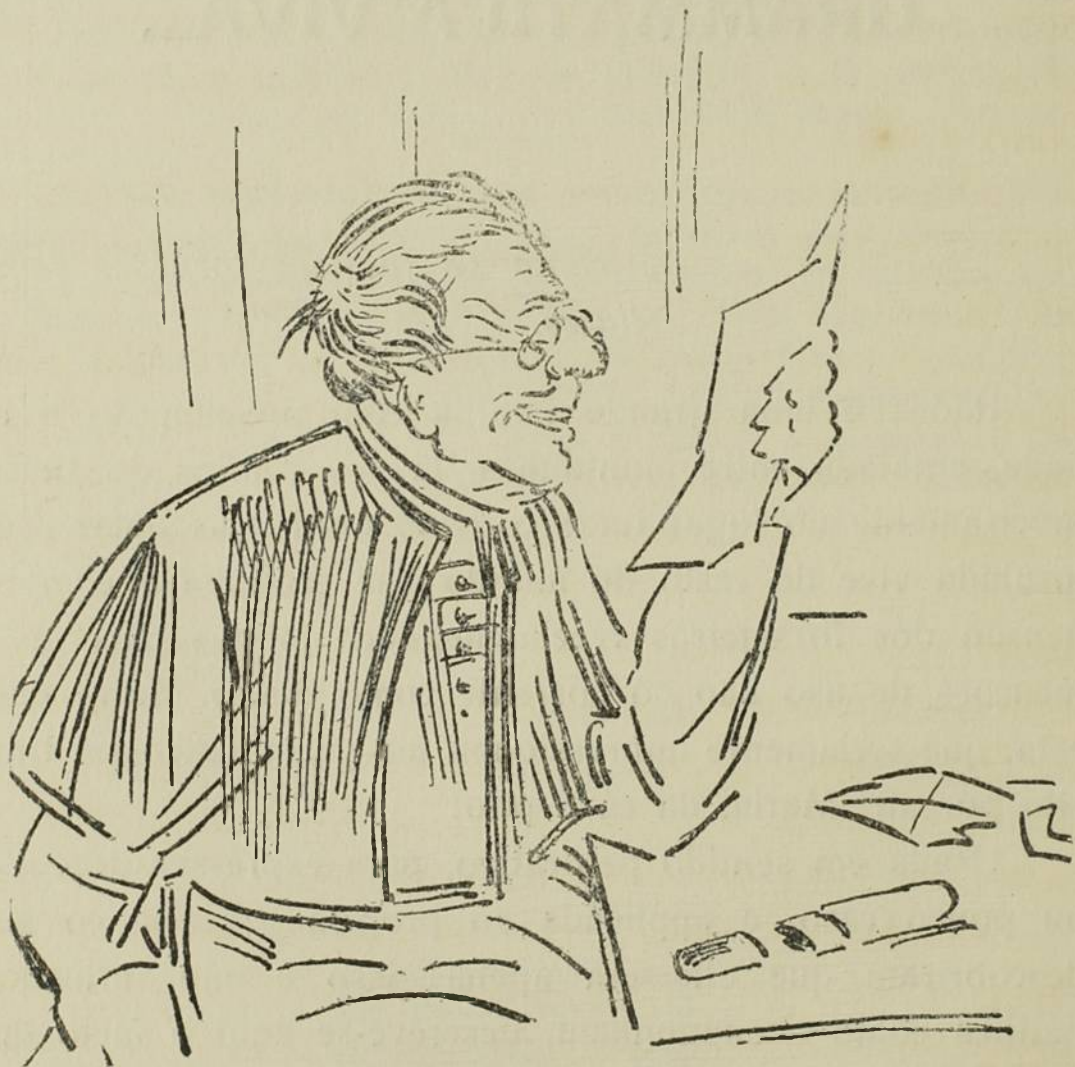
Usada em sentido pejorativo, para expressar decepção ou pouco caso, e applicada ao proprio grammatico mal descobriram que elle era apenas isso e não influencia politica como o suppunham, descreve-se aqui o facto que lhe deu origem. E pede-se perdão aos grammaticões de verdade pelo crime de introduzir a anedota na tão sisuda e circumspecta sciencia de torturar crianças e ensandecer adultos.

\* \* \*

O reverendo tomou do estojo os velhos oculos de ouro, encavalgou-os no batatão nasal, e leu pausadamente



a carta do compadre, que dava notícias da saúde, pedi-  
as, e communicava a proxima «ida para ahi do doutor  
Emmerencio do Val, nosso ex-ministro em Vienna d'Aus-  
tria, homem de muito saber e distincção de maneirãs,  
um desses diplomatas á antiga, como já os não ha nesta  
republica que etc. etc.» em viagem de recreio pelo interior  
a matar saudades do paiz.



O reverendo coçou o toitiço com dedos sornas, e  
releu a carta demorando o pensamento nas palavras que  
pintavam o alto figurão itinerante em via de honral-o  
com a sua nobre presença.

Verdade é que dispensava tal honraria, boa sécca á  
pacatez glacial do seu viver abbaciaal, repartido entre mis-  
sinhas de cinco mil reis (mais um frango), cachimbadas de



muito bom fumo de corda e os pitéus (senão ainda a ternura, como propalavam más linguas) da sua optima caseira e afilhada, a Maria Prequeté. Culpa toda sua, aliás. Quem lhe mandára a elle possuir a melhor casa de Itaóca e ser, modestia á parte, um homem de luzes ñotorias, autor de varios acrosticos em latim?

Já d'outra feita hospedára um eloquente inspector agricola, e, logo depois, o tal sabio que colleccionava pedrinhas — grande falta de serviço! Um diplomata agora... Ahn! a coisa variava.

Que viesse, respondeu ao compadre, mas que não esperasse encontrar na roça desses «confortos e excellencias de vida que é d'habito nas grandes terras.»

Escrepta a resposta foi o reverendo á cosinha confe-renciar com a caseira acerca da hospedagem, e longa-mente confabularam sobre que pato seria sacrificado (si o patão de peito branco ou aquelle, mais novo, com que a viuva do João das Bichas lhe pagára a missa, a gatu-na!); sobre a toalha de mesa e a roupa de cama, sobre o tratamento a dispensar — V. Excia., V. Senhoria; V. Diplomacia... Após longo bate-bocca, salpicado de injurias em calão e algum latim, assentaram no pato da missa, na toalha rendada e no V. Excia.

Combinados estes preliminares, uma nuvem de nostalgia ensombrou a casa nedia do reverendo. Os olhos penduraram-se-lhe no vago, saudosos, e de lá só desciam para envolver, com ternura viciosa, o velho pito de barro que lhe fumegava na mão.

Notou a Prequeté aquellas sombras, e:

— Acórda, boi sonso! A mó' que está hervado?...

O reverendo abriu-se. Era o pito. Eram já saudades do velho pito... Pois não ia privar-se desse amigo de tantos annos durante a estadia do «empata»? Era educado.



Não queria impressionar mal a um homem de rara distincção de maneiras. E o pito, se é bom, é também plebeu, e mais que plebeu, chulo, Reconhecia-o, reconhecia-o... Entretanto tres, quatro dias — sabia lá a quantos iria a sécca? — de abstenção forçada, sem que a bocca sentisse o contacto bemaventurado do saboroso canudo amarello de sarro?... Doloroso!...

E o reverendo sorveu com delicia uma baforada macissa. Tragou-a. Depois, recostada a cabeça no espaldar, semicerrados os olhos, semiaberta a bocca, deixou-se fumegar gazosamente como uma piúca de queimada. Coisas boas da vida!...

Mas que remedio? O homem fôra diplomata, e em Vienna d'Austria! Confabulára com archiduques e cardeaes... Homem de requintes... Era forçoso transigir com o pito, o rico pito, aquelle amor de pito... Sim, porque a dignidade do clero antes de tudo. Lá isso...

— — —  
Dias depois nova carta annunciou que «o tal das Europas» amanhã de tarde repontaria por ali.

Grande alvoroço de saia e batina. A Prequeté arregaçou as mangas — braços a Machado de Assis tinha a morena! — e poz de pernas para o ar a casa. Varreu, esfregou, escovou tudo, demoliu teias de aranha, limpou o vidro do lampião, matou o pato, e desfez com decoada cinquenta pingos de gemma d'ovo que constellavam a batina nova do padrinho.

— Arre! que até parece uma gemmada! reguingou, entre reprehensiva e caçoista. Depois, relanceando-lhe o olhar para o alto da cabeça,

— Chi! a corôa está que é uma tapéra! — exclamou. E, expedita, zás, zás, dá-lhe uma alimpa de tesoura.

— E o breviario? — interpella de subito o padre.



Andava sumido ha tempos o raio do livro; procura que procura, foi descoberto, afinal, no quarto dos badulaques, feito calço d'uma commoda capenga. A Prequeté — maravilhosa caseira! — c'uma dedada de unto põe-n'o escorreito e envernizadinho, a fingir com tanta perfeição uso diario que nem Deus desconfiaria da marosca.

— Que mais? — disse ao cabo, plantando-se a distancia para uma vista de conjuncto no seu restaurado padrinho. E como d'alto abaixo tudo estivesse a contento,

— Está mesmo *pshutt!* concluiu, brejeira, borrifando-lhe por cima um chuvilho d'agua Florida para disfarçar o ranço.

Ficou o padre um amor de reverendo, liso e bem amanhado como um conego de oleographia. Elle o reconheceu ao espelho, e nadando nas delicias daquelle carinho sem par — e muito agradavel a Deus, pois não! pois não! — sorria-se babosamente com a casa inteira.

— Esta diabinha!...

\* \* \*

A arrumação conclusa, da corôa do padre á cosinha, postou-se Prequeté de vigia á janella, indagando os extremo da rua, enquanto o reverendo, lindo como no dia da primeira missa, passeava pela saleta chupando as deradeiras cachimbadas do dia. Subito.

— Evem vindo o *reis!* exclamou a atalaia.

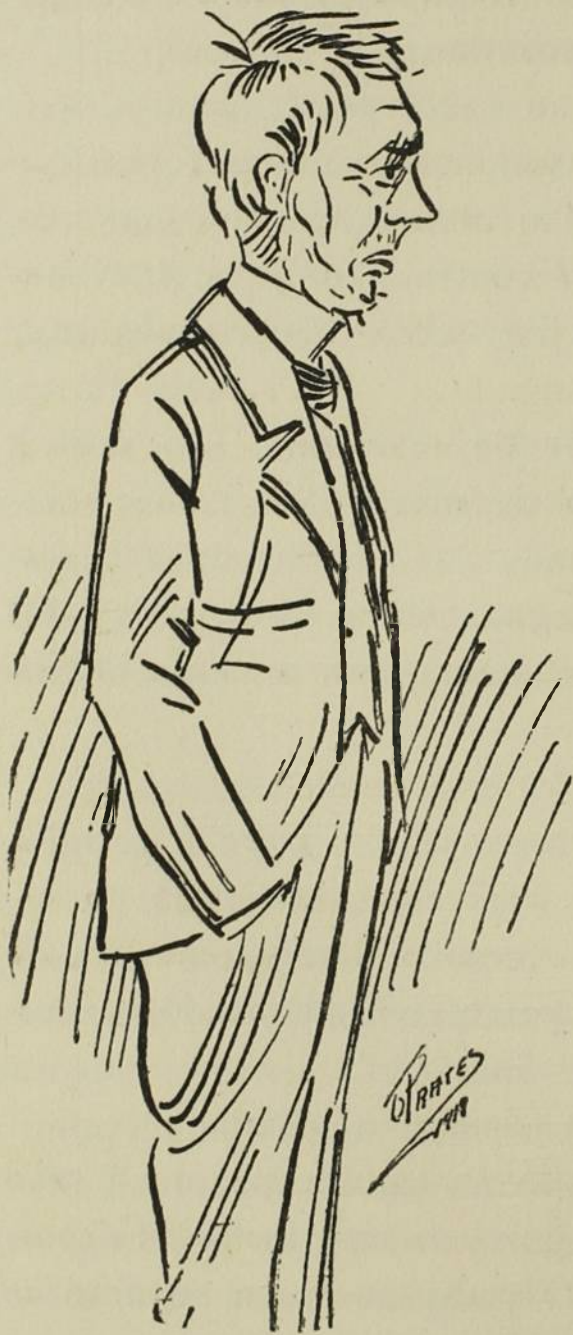
O reverendo metteu o pito na gaveta, passou ã mão no breviario e rumou para a porta da rua. Instantes depois defrontava-o um cavalleiro. O padre correu a segurar-lhe a redea e o estribo.

— Queira apear-se V. Excia., que esta choupana é de V. Excia. Sou o padre vigario, humilde servo de V. Excia.

O diplomata, como que resabiado com tão respeitosa



acolhida, deixou-se descavalgar. Mas sem garbo, esquadão e reles, como ahi um pulha qualquer. Entrou. Trocaram-se rapapés, palacianos da parte do reverendo, mal achavascados, — quem o diria! — da parte do cor-



tezão que conversára archidukes e cardeaes. Houve etiquetas revividas, sempre claudicantes do lado diplomatico. Houve cerimoniaes.

Mas o doutor não era positivamente o que se esperava. Já no physico desiludia. Em vez d'uma figura fina, de mûndano, sahira-lhes uma magrella de barba recrescida, roupa surrada, chãmbão e alvar. Emfim — pensou lá comsigo o reverendo — o habito não faz monje. Quem sabe sob estas apparencias vulgares, e talvez rebuscadas, não luz o espirito de um Talleyrand ou as manhas d'um Metternich?

Foram-se para a mesa. No decurso do jantar accentuou-se a desillusão. O homem comia com a faca, baforava no copo, chupava os dentes... Um puro alarve!

O reverendo observava-o por cima dos oculos, e piscava para a caseira, que, pela fresta da porta, torcia o nariz á pifícia excellencia excursionista.



Ao trincar do pato, desastre. O doutor deixou cair ao chão um osso, que apanhou logo, muito encalistrado. Depois, ás voltas com uma aza do palmipede, falseou-lhe a faca, resultando espirrar-lhe na cara um chuvisco de arroz. A Prequeté por sua vez espirrou lá dentro uma risadinha de mofa, acompanhada de um mortificante:

— Ché!

O reverendo entrou-se de duvidas. Era lá possível que o Dr. Emmerencio do Val fosse um estupor daquêlles?

A' sobremesa caiu a conversa em politica e o doutor desmanchou-se em sandices typo quatro de boa torração. Emquanto asneava, o padre matutava lá comsigo:

— E eu com cerimoniaes, e eu com bobices, querendo até privar-me do pito por amor dum Zé-faz-fôrmas destes! Fumo-lhe nas ventas e já!

Nisto veio o café. Emquanto o injerem o doutor entra a discorrer de remedios, pharmacias e projecto de estabelecimento.

O reverendo, decifrando o enigma, deteve a chicara no ar.

— Mas, então, o senhor...

— Sou pharmaceutico, e venho estudar a localidade a ver se é possível montar aqui uma botica. Portei em sua casa porque...

O padre mudou de cara.

— Então não é o Dr. Emmerencio, o diplomata?

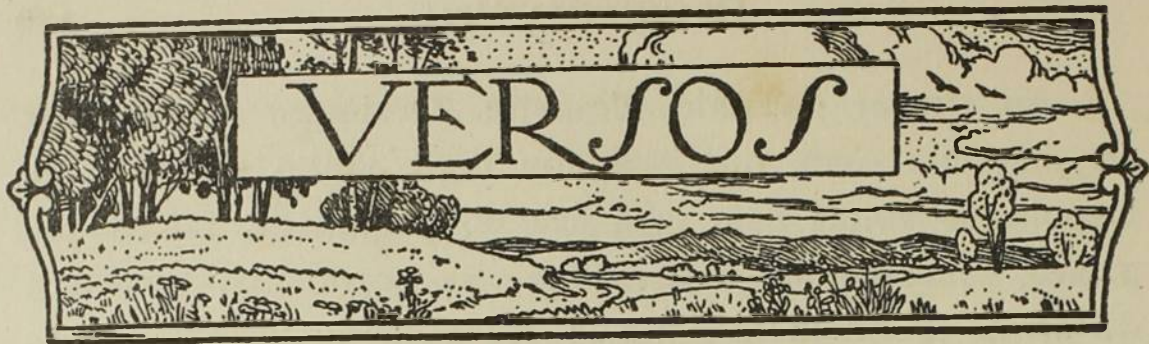
— Não tenho diploma, não senhor, sou pratico...

O padre sorveu d'um trago o café e refloriu na cara sorrisos de beatitude; depois, desabotoando sem pressa a batina, atirou com os pés para cima da mesa, expelliu um succulento arrôto de bemaventurança e berrou para dentro:

— Maria, dá cá o pito!

MONTEIRO LOBATO





## PALAVRAS AO CÉU

*Cultor apaixonado do Verso, que entende como uma arte serena e pura, o Pe. Lindolpho Esteves, si bem que pouco conhecido, é um dos nossos grandes poetas. Dizem-n'o bem estas composições, tiradas ao acaso de seu livro «EXILIO», a ser publicado proximamente.*

*Céu, bello céu azul  
das aquarellas limpidas e calmas,  
suave região de amor ampla e longinqua,  
onde se abrem os olhos dos que sonhãm...  
Pelas manhãs, sorrindo sobre as arvores,  
na encenação fugaz d'uma paizagem,  
lembras o longo véu, no ar ondulando,  
que deixa para traz linda amazona...*

*Porém quando anoitece,  
e de fulgidos astros te povoaas,  
— europeis que te enfeitam qual ao manto  
de velludo cahindo sobre os hombros  
maguados de uma Virgem Dolorosa —  
O' bello céu, como tão bem imitas  
alguem, que conhecendo as nossas maguas,  
num pranto, enche de luz nossas cabeças...*



*Agora é que compreendo  
por que, por toda a terra, os infelizes  
mortaes erguem os olhos, procurando  
consolo para todas as angustias...  
E sei por que, na solidão das noites  
esquecidos de tudo, andando aos pares,  
silentes, de olhos cheios de ternura,  
os amantes, olhando-te, suspiram...*

*Nessas horas os poetas,  
como as aguias reaes, alçam o vôo  
nas azas da illusão, em ti buscando,  
a suspirada patria das chimeras,  
e, extase, pairando sobre o mundo,  
correm atraz dessa dourada espuma  
de sonhos, a fluctuar na Via-Lactea,  
como n'um rio eterno e silencioso...*

*A! fui assim outrora...  
Eu era poeta e não fazia versos  
e, como elles, sonhando erguia os olhos  
para entender tuas estrophes de ouro...  
A! quantas cousas ternas solletrava  
nessas velhas estrellas, sempre novas,  
que me alhejavam deste mundo torpe,  
mas que povoavam de illusões meu ermo...*

*A minha alma era um lago,  
— pupilla azul ingenuamente aberta —  
refulgente de dia aos teus encantos  
e, de noite, espelhando os teus thesouros.  
Que me importava que tu fosses vasto  
si o mesquinho pedaço que eu possuia  
de céu, a palpitár-me dentro da alma,  
pela illusão, valia um céu inteiro...*

*Infelizmente, agora,  
ao meu olhar o teu azul infindo,*



*pelas manhãs de sol, evoca apenas  
um bem que eu desejei e nunca tive...  
E por sobre a minha alma revôltada,  
como a envolvel-a n'uma sombra ardente,  
fluctua a mesma escuridão vasia  
das tuas longas noites sem estrellas...*

*Porque me offereceste  
um seio azul ridente de esperanças,  
— esplendida mansão propicia ao sonho —  
qual a mãe que offerece o seio ao filho?  
Agora, como quem adormecendo  
n'um jardim e accordasse n'um deserto,  
eu sei que o teu azul todo era engano  
e todo o teu sorrizo, uma mentira...*

*Céu, bello céu azul  
das aquarellas limpidas e calmas,  
á noite, todo constellado de astros...  
Em vão te peço a inspiração antiga;  
Não me redouras mais a debil fronte;  
e, da minha vigilia, apenas ficam  
uns pobres versos que ninguem comprehende,  
como amargos despojos dos meus sonhos...*

---

## OS ELEPHANTES

(Leconte de Lisle)

A Luiz Augusto de Campos

---

*Como um mar, cuja praia a vista não descobre,  
muda e presa no leito, arde a areia infinita;  
enche todo o horizonte um vapor cor de cobre  
do lado da região que a turba humana habita.*



*Nem vida nem rumor. Fugindo ao céu que abaja,  
o leão, farto, procura a mais longinqua fumaça;  
sob os tamarindaes, vem beber a girafa  
na mesma fonte azul da panthera nocturna.*

*Na espessura do ar, onde o sol rubro circula,  
nem uma ave sequer passa batendo as azas;  
às vezes, na modorra, uma serpente ondula  
as escamas que á luz scintillam como brazas.*

*Queda-se immoto o espaço e dorme tudo. A prumo  
cae de cima o calor. E lentos, mas despertos,  
os elephantes vêm caminhando no rumo  
que os leva ao ermo natal, atravez dos desertos.*

*De um ponto do horizonte, elles vêm levantando  
o pó, que sóbe ao céu em vermelhas columnas;  
vê-se que para não sahir da róta, o bando  
desmorona, com os pés, as areias das dunas.*

*A' frente, o velho chefe arrasta a mole obesa  
que é como um tronco rude e gasto ao temporal;  
bamboleia a cabeça e ao caminhar retesa  
o enorme corpanzil, sob a espinha dorsal.*

*Sem apressar a marcha ou detel-a á preguiça,  
o bando inteiro segue envolto em pó vermelho,  
fazendo, sobre a areia ardente e movediça,  
fundos sulcos atraz do elephante mais velho.*

*Trazem a orelha em leque e os olhos em torpor,  
e, entre as presas, a tromba. Os vapores infectos,  
subindo-lhes do ventre alagado de suor,  
toldam o ar incendido e coalhado de insectos.*

*Pouco importam a mosca atroz, a sede, a fome  
e o sol que lhes caustica o dorso em chaga viva,  
si elles vão a pensar nessa região sem nome,  
mas que servio de berço á raça primitiva...*



*De novo elles vão ver os rios e as cachoeiras  
que o hypopotamo busca, ao sol, para nadar;  
e onde vinham beber, esmagando nas beiras  
os juncos, sob os pés, á branca luz do luar.*

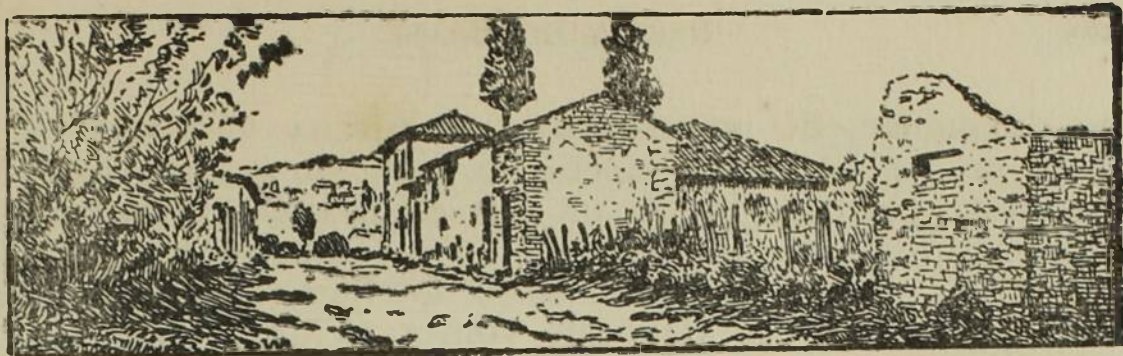
*E assim lentos, mas sem que nada os amedronte,  
investem pelo areal, a sonhal-a mais perto...  
E a linha negra ondeia e some no horizonte,  
deixando para traz, immovel, o deserto...*

LINDOLPHO ESTEVES

(do «Exilio»)







## ILLUSÃO AMERICANA

---

*O Monroismo está em jóco, e ainda bem que está em jóco... Estudando-o sob um dos seus mais interessantes aspectos o sr. Fernando de Azevedo analisa aqui as illusões heroicas de Cuba e do Mexico, e bem assim as nossas inefaveis illusões sentimentaes, em face da politica imperialista de Tio Sam.*

### ILLUSÕES HEROICAS — Cuba e Mexico - Estados Unidos.

A proposito da drenagem dos titulos brasileiros do mercado europeu para as praças «yankees», tem vindo á baila a doutrina do monroismo, que a Liga das Nações, em sua segunda edição, consagrou, e que na sua extensão abusiva pretende que a solidariedade dos Estados americanos implique para a grande nação da Norte America um direito de «contrôle» geral e de hegemonia, arvorando esse paiz em «Dom Quichote do novo mundo». O que não seria apenas uma politica degradante para os nossos brios, mas visivelmente ameaçadora de nossos creditos, porque, isolando por assim dizer a America da Europa, quando «a America não é dos Americanos, mas sim da humanidade», teria a doutrina por fim, tornando o mundo novo o mais possivel independente e separado do antigo, alcançar por esta insustentavel autonomia juridica, o complemento de uma autonomia economica em beneficio exclusivo do despotismo da plutocracia americana.

Mas esta grita patriotica levantada contra o fetichis-



mo da politica de approximação americana — á qual se ergue no Itamaraty um santuario, com um sacerdocio diplomatico a dedicar-lhe as ultimas escorralhas de incenso, e se sacrifica, com a autonomia de nossa politica externa, um pouco de nossa dignidade e intelligencia — levou-nos a uma injustiça flagrante contra o Mexico e Cuba, cuja situação nos sacódem aos olhos como um abantêsma para a imprevidencia e para o sentimentalismo da politica indigena.

Por serem de facto as consequencias, a que de certo nos arrastaria a nossa politica externa, eguaes ás que Cuba e Mexico já soffreram ou ás que os ameaçam, seria pecar por nimia benevolencia para comnosco pôr no mesmo pé de egualdade com a nossa orientação diplomatica, como se igualmente fossem attentatorios á dignidade nacional, os acontecimentos politicos de que provieram a retalhação do territorio mexicano, e a «capitis diminutio» da soberania de Cuba.

O que é certo é que da parte d'estes dous paizes a historia de suas desgraças se justifica e se illumina de illusões heroicas, por cuja esteira luminosa mareáram, aquella ilha no aneio de sacudir o jugo hispanico, e este paiz, na lucta épica sustentada por seu elemento sadio, em defeza da independencia contra partidos espurios, em revoltas custeadas e habilmente manobradas, em proveito proprio, pela insólita diplomacia da Casa Branca.

O erro da politica mexicana — politica mascula e tempestuosa — outro não tem sido senão desconhecer a missão, que se arrogou a America do Norte de intervir em seus negocios, e occupar uma posição superior aos outros estados e portanto ao estado visinho, cujos pruridos de independencia e arranques de altivez, como já lhe haviam custado a perda do territorio e sangrentas luctas internas, lhe tem valido por parte dos Estados Unidos esta ignobil campanha de diffamação systematicamente organizada, pela qual, aos olhos nos desenrolam palpitan-tes em seus films de arte rara essas scenas de cannibalismo, retratando-nos o Mexico de perfil, para maldosamente nos deixarem á imaginação mal informada pelo seu telegrapho a construcção de uma região salpicada de sangue e afogada na selvajeria...

No emtanto este Mexico, em cuja politica interna ora surrateira ora ostensivamente tem intervindo os Estados Unidos, retalhando-a em partidos e bandos para melhor a dominarem, segundo o velho lemma do «*Divide, ut im-*



*peres*»; este Mexico, cuja ferocidade, a nos basearmos nos informes americanos, levaria ás lampas a barbaria do imperio romano, este Mexico, com seus homens de faca e calháu e de caras de arremetter, já era desde o governo de Porphyrio Dias, como em 1896 notava o *Harper's Magazine*, a nação rica e prospera, em que «a vida, a propriedade e os direitos civis tinham uma garantia absoluta, tornando-se (são palavras dignas de registo) o paiz mais seguro de toda a America».

Ao Mexico descrevem-no os Estados Unidos, a côres negras, pintam-no barbaro, porque o vêm rebelde e quasi invencivel; desacreditam-no, porque soube elle ter peito ás ameaças, quando lhe tomaram o pulso á indomavel energia; diffamam-no, porque é preciso fazer passar em julgado «seu banditismo» e crear um ambiente internacional adequado a futuras expansões de uma politica imperialista; vilipendiam-no emfim, pelo telegrapho e pelo film, para lançarem poeira aos olhos pasmos das outras nações americanas. para as quaes ensaia o passo o «Dom Quichote do novo mundo», a quem era inevitavel cortejasse emfim alguma «republica de Sancho Pansa».

A sorte do Mexico, que reage fazendo-se temido, é, pois, bem preferivel a de um paiz, qual o nosso, onde, como nos tempos de Nero, em que (no dizer de Tacito) *inertia pro sapientia fuit*, a inercia passou por sabedoria, a covardia por prudencia, a bajulação por diplomacia. As «illusões heroicas» de suas luctas internas merecem os loiros, que não se regateiam á virtude infeliz, e são tão nobres como o objectivo alvejado pelos insurrectos cubanos no seu movimento justificavel de approximação do governo americano, cujo auxilio agenciaram; movimento nobre, pelo sentimento de independencia que o inspirou, quando lhes não bastavam as forças, que lhes dava o desespero, para vencer, e se lhes inflamava a confiança n'um paiz, de que não tinham a receiar maior mal do que padeciam. O espirito tyrannico e dominador, com que a Hespanha pretendia abafar a insurreição em Cuba, pelo general Weyler, e nas Philippinas por Blanco e Polavieja, deu ensanchas á intervenção dos Estados Unidos n'esta guerra, na qual a opinião publica americana, não contente de sympathica e abertamente tomar partido pelos revolucionarios, reclamava do governo federal, a favor d'estes, a intervenção effectiva, que não se realizou logo no governo de Cleveland, não só porque se oppunha o presidente ás tendencias *chauvinistas* de certos americanos, como



tambem porque, apesar de votos expressos do Congresso mandando considerar os insurrectos como belligerantes, não queria arriscar-se, em fins já do governo, aos azares de uma guerra com a Hespanha.

De resto, por um lado o thesouro já exgottado a este tempo pela crise do credito publico, devido não só á plethora do metal branco e, logo depois, do metal amarello, como tambem ao receio da *free conage* d'este metal; e de outro lado a lucta eleitoral em 96 entre Bryand, que desfraldava a bandeira do *soft money*, e Mac-Kinley, que se propunha a restaurar os valores americanos com o *sound money*, quando aggravaria aquella medida, e esta manteria a crise monetaria, haviam estes factos de retardar forçosamente, para depois da victoria do *mac-kinleismo*, a intervenção dos Estados Unidos em favor dos insurrectos na guerra cubana.

Em favor dos insurrectos, na apparencia; e, de verdade, em favor dos grandes interessês, que emergiriam do protectorado da pequena republica a nascer, á sombra do monroismo, da inhabilidade da Hespanha, que no protocollo preliminar da paz se comprometia a abrir mão dos direitos sobre Cuba, á cessão de Porto Rico, das Antilhas Hespanholas e de Manilha, ficando entregue ao tratado de paz a sorte das Philippinas, que com igual ardor propugnavam sua independencia.

A attitude de Washington, rompendo relações com Madrid, sob o pretexto de libertar os cubanos das crueldades dos generaes hespanhoes, e de defender na grande Antilha os interesses dos americanos, a que adviessem prejuizos das peripecias da insurreição, lembra-me a resposta feliz, que a Palmerston deu um dia o grande Gladstone, cuja politica exterior aliás foi por vezes impopular pelas tendencias ao imperialismo, por elle atacado ao principio de sua carreira.

Discutia-se a questão do judeu Pacifico, cuja nacionalidade britannica se reputava duvidosa, quando o *Foreign Secretary*, para cohonestar o bloqueio dos portos da Grecia, dizia n'um discurso celebre, que «da mesma maneira, que outr'ora o cidadão romano se julgava ao abrigo de toda a injustiça, quando podia dizer: *Civis romanus sum*, devia tambem o cidadão inglez, onde quer que estivesse, ter a certeza de que o olho vigilante e o braço vigoroso da Inglaterra saberia protegê-lo contra a injustiça». Gladstone, n'um discurso não menos celebre, a que Palmerston chamou «discurso de mestre», revidou dando-lhe um qui-



náu sobre a egualdade das nações e o principio de sua soberania:

«Que era um cidadão romano? Era membro de uma casta privilegiada; fazia parte de uma raça conquistadora, de uma nação, que trazia todos os outros povos acorrentados pela força de seu poder. Para elle era preciso um systema excepcional de leis; para elle deviam ser reivindicados principios, que se recusassem a todo o mundo. E' este o conceito que faz o nobre lord das relações que devem existir entre a Inglaterra e os outros paizes? Pretende elle reclamar para nós o direito de occupar uma posição eminente a respeito das outras nações? E' claro que elle adopta em parte esta ideia van de que nós temos a missão de censurar o vicio e a loucura, os abusos e as imperfeições nas outras regiões do mundo.»

Ora não é este conceito que faz a America do Norte das relações entre ella e as outras nações do continente americano? O que o monroismo na guerra de Cuba e nas luctas contra o Mexico reclamou não é exactamente este direito de occupar uma posição preeminente a respeito das outras nações? Não se têm os Estados Unidos arrogado a missão biblica de governar as Americas, e talvez o mundo, de censurar os abusos e os vicios alheios? e não pensam muito naturalmente que aquelles que hesitam em reconhecer sua missão, não pôdem ser impellidos senão por intenções hostis ou pela animosidade pessoal, e que neste caso devem ser logo, por parte de sua diplomacia, objecto de uma guerra conquistadora?

\* \* \*

## ILLUSÕES LYRICAS — Ytamaraty - Casa Branca.

A's «illusões heroicas» da guerra de Cuba e da politica do Mexico se contrapõem porém, as «illusões lyricas» da diplomacia brasileira, rebaixada a satellite em torno de um paiz, cuja população eponyma não pertence, como a nossa, ao tronco latino; que tem uma ethnologia, um ideal, uma religião e um temperamento diversos, e cuja insolencia, avivada por um egoismo sombrio e por preconceitos cegos nos deveria levar a uma politica antes vigilante do que accommodaticia.



O perigo do despotismo economico se esboça em toda sua nitidez, nos horizontes internacionaes, como um corollario da supremacia commercial do americano, ao qual a situação geographica e seu character nacional asseguram uma esmagadora superioridade sobre os outros povos da America, a que aliás não faltam estas qualidades de assimilação, acclimação e imitação, onde tomaram os Estados Unidos elementos para ameaçarem a concorrência nos grandes mercados do globo, para erigirem em senhor omnipotente o movimento capitalista, restabelecendo o perigo do militarismo allemão sob uma fórmula mais avassaladora — a do despotismo economico.

O ambiente da grandeza, que alli se respira, este desenvolvimento extraordinario, comparado ás lentas evoluções europeas, era bem o meio mais propicio para avultar o orgulho americano, cujas raizes se embebem na gleba nutriz das doutrinas religiosas ancestraes, e que agora attinge á plena intumescencia com a gloria repetida de se terem sahido os Estados Unidos mais engrandecidos e fortificados das luctas, em que se empenharam e em que se crystallizou a convicção de que esse paiz, como já em 1896 notava Coubertin, recebeu do céu «a missão especial de renovar o mundo, construir o estado ideal e mudar a sorte dos povos».

Da ideia de renovação — a ideia-força que domina a civilização transatlantica, era natural a transição para o *instincto de dominação* dessa politica, segundo a qual a America Central e America do Sul não passariam de «terrenos de caça reservados» á grande nação norte-americana. Este não é o pensar apenas da sua diplomacia passageira, é o *ideal nacional* subterraneo nascido do espirito dos puritanos enxotados da mãe-patria pela perseguição, e aos quaes atormentava «o aspero desejo (são palavras de Pierre de Coubertin) de uma regeneração individualista, concebida de maneira estreita, mas sincera» e de quasi cem annos de luctas contra os indianos, a Inglaterra, a França e a Hespanha. A conjuncção d'estas causas deu origem a este «typo extranho do Kentuckien», amante do whisky, do duello e das cartas, *fou d'éloquence*, querendo tudo amplificar; typo bizarro, a que se devem a annexação do Texas, a invasão da California, a guerra contra o Mexico; que estendeu o territorio patrio de um a outro oceano; que teve por porta-voz no senado o celebre Henry Clay, junto ao qual se sentavam Welster e Calhony, todos inebriados do mesmo sonho de grandeza,



e que levou, enfim, ao proprio Wilson a espanejar na Europa seu manto messianico, inculcando-se, com seus 14 principios, amigo da verdade a ponto de lhe respeitar a sombra, mais disposto a ser victima da injustiça, do que a pratical-a, para depois, nos salões do Quai d'Orsay, cortar pela magestade e cantar a palinodia deante do monroismo, cujos partidarios, pela sua influencia temivel, levavam á parêde o idealismo da Casa Branca...

Mas que admirar n'este ideal de dominação e n'este messianismo insolente, se no proprio paiz era até ha pouco irritante a animosidade dos americanos para com os descendentes directos de estrangeiros immigrados, se elles (o testemunho é de Kirk Munroe) affectavam ares de superioridade petulante para com seus concidadãos de recente adopção, pelos quaes não occultavam desprezo e aversão, quando foi a corrente immigratoria que imprimiu á prosperidade de seu immenso territorio este surto maravilhoso de progresso?

Este sentimento de orgulho está-lhes na massa de sangue e tem a prova cabal «na absorpção do emigrante europeu pela civilisação transatlantica, e em sua rapida *americanisação*, que indica um poder inegualavel no elemento absorvente» tendo-se verificado que, *malgré tout*, uma geração da Europa parece perder toda a influencia sobre os filhos daquelles que a abandonaram para se fixarem no novo mundo e que ahi chegaram a crear-se uma situação, modesta embóra.

E' que ha no ar respirado, na existencia vivida, nos sonhos de gloria, no puritanismo de sua religião, alguma cousa, que prende a mocidade «que a penetra de enthusiasmo e lhe inacula de certo modo todas as paixões e todas as heranças americanas».

O que, em parte, porém, nos deixa incrustados n'esta politica sentimental, politica de pannos quentes e aguas mornas, é talvez a ignorancia completa d'este paiz, que quasi se nos descobre sómente atravez da cinematographia lisongeira, do telegrapho cortezão, do livro de propaganda e do nosso diplomata enfatuado — o melhor instrumento de propaganda americana—, cabendo-nos a exhortação de Henri Ramin, em 1897, sobre o perigo tedesco, concluindo suas impressões da Allemanha: «E' tempo de nossa mocidade certificar-se da verdade e formar *de visu* uma opinião exacta e ideias, que, sejam quaes forem, serão sempre melhores do que a ignorancia».

Mas não é tão funda esta ignorancia que não saiba-



mos que pela doutrina do monroismo se arrogam os Estados Unidos o papel de protector e chefe das republicas americanas, que este paiz «tem o *instincto de dominação* e todos os meios de o exercer», e que este estado de espirito encerra os germens do despotismo internacional, apoiado pelos millionarios americanos, que, fazendo fortuna, «reconhecem preencherem uma funcção social e politica».

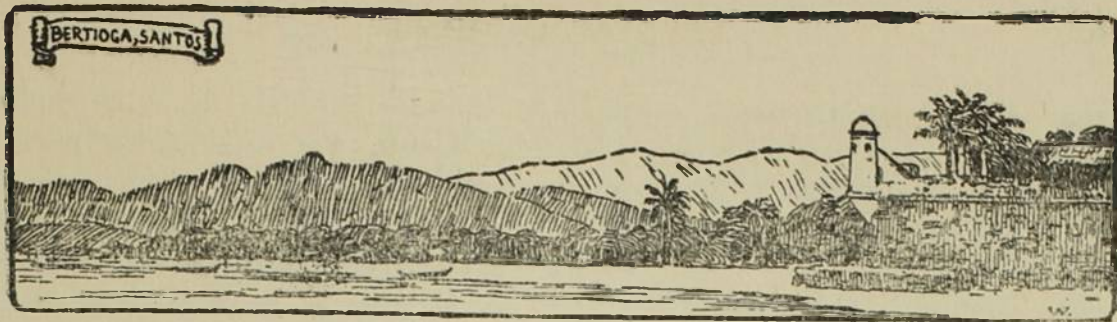
Renan, na correspondencia de Berthelot, referindo-se á religião de Napoles, para a qual os santos não são modelos de virtude e moral, mas thaumaturgos, especies de magicos sobrenaturaes, por cujo meio póde a gente sahir-se de um embaraço qualquer como livrar-se de uma molestia, conta ter visto numa das capellas *ex-votos* em que se representava o ladrão solto pelo santo do meio da policia...

Assim é nossa politica de alfenim e de «illusões lyricas», uma quasi religião diplomatica, pela qual encaramos a Norte America não virilmente como um paiz igual, que nos propuzessemos imitar, modelo de actividade e perseverança, de energia moral e força constructora, mas como um thaumaturgo — uma especie de magico internacional —, á cuja sombra viva a nação na indolencia, e por cuja intervenção possamos livrar-nos de um susto qualquer... ainda que, a preço da libertação, venhamos a ficar envolvidos nos *braços transatlanticos* de Tio Sam, a quem bem longe está o Brasil de afigurar-se algum osso, que se lhe possa atravessar na garganta.

Ha cousas, dizia Veuillot, que não se vêm nem se avaliam bem senão com olhos que já choraram. E uma d'estas, por certo, é o sentimento de independencia, cujo valor parecemos incapazes de comprehender, emquanto a experiencia, que é uma cicatriz, nos não inocule o espirito de altivez ou o instincto de conservação, que faria ao coração do mexicano bater de desconfiança, e ao nosso, de entusiasmo pueril, ao resfolegar dos monstros nadantes ou ao ranger das carrêtas, em que se apoia a diplomacia da poderosa Republica norte-americana.

FERNANDO DE AZEVEDO





## UM ALBUM DE ELISA LYNCH

*Com estes capitulos, o sr. Affonso d'E. Taunay encerra a serie de artigos que lhe suggeriu a leitura do «Album» deixado pela amante de Lopez, e nos quaes foram arentados e esclarecidos diversos pontos ainda pouco estudados da historia sul-americana em relação á guerra do Paraguay.*

### XVI

No *Diario do Exercito*, resenha quotidiana das operações de guerra, redigida pelo Visconde de Taunay, então Secretario do General Chefe das forças alliadas, o Conde D'Eu, varias referencias se encontram relativas a Mac-Mahon: acerbos queixas de sua parcialidade.

Quando, a 4 de Junho de 1869, Lopes convidou o Principe de Orléans a prohibir o uso da bandeira paraguaya pela legião dos seus compatriotas, auxiliar dos alliados — isto sob a ameaça de novas crueldades contra os prisioneiros brasileiros — officiou Mac-Mahon ao nosso generalissimo incitando-o a que obtemperasse ao pedido do dictador, e a tal proposito estendeu-se em considerações, a que o Conde respondeu peremptorio pelo officio de 13. Agradecendo-lhe o incitamento generoso, recusou comtudo o accordo e retrucou-lhe: «A missão que me foi confiada pelo governo Imperial sendo puramente militar, devo abster-me de acceitar a discussão que V. Excia. quer estabelecer sobre a legitimidade do governo do marechal Lopez.»

A 30 solicitava o ministro uma audiencia do Principe, e sendo-lhe esta concedida, com elle conferenciou no Quartel General de Pirajú, em presença de muitos officiaes do Estado Maior, o que só lhe permittiu falar sobre assumptos geraes, circumstancia que muito o irritou. Logo depois denunciava o desejo de voltar ao seu paiz e pedia passagem pelas nossas linhas avançadas. No dia seguinte retirava-se levando grande bagagem «quarenta e cinco fardos, dos quaes oito eram visivelmente cunhetes com dinheiro em moeda ou valores metallicos, denunciado, não só pelo peso como



tambem pelo tinido,» narra o *Diario do Exercito* em data de 2 de Julho. Certamente parte das economias de Elisa Lynch, que a precavida mulher tratava de pôr a bom recato, por intermedio do diplomata...

Ainda, no *Diario*, com data de 4, lê-se o seguinte: «o general Mac-



Mahon tem praticado em Assumpção diversas tropelias indignas do seu character official, não só negando-se a pagamento da moradia em que se acha, por pretender ser ella de propriedade do paraguayano Jara que o acompanha, como consentindo que este homem ande publicamente fallando a favor de Lopez, no sentido de alliciar gente. Os paraguayos têm sido os proprios denunciantes destes factos, mostrando-se indignados contra as propostas daquelle embaixador.»

A 6, pela tarde, embarcava o plenipotenciario a bordo do vapor *Eduardo Eweret*. «O dinheiro que levava na bagagem, relata o *Diario*, fôra convertido em letras passadas por Lesica, Lanes e Molina e montava no valor de vinte e cinco mil patacões.»

«As irregularidades que em Assumpção praticava, commenta ainda o documento official, haviam

de provocar qualquer medida; por isso não pouca satisfação causou a sua retirada.»

Indignado com tal procedimento fôra o chefe do Estado Maior da nossa esquadra a bordo do *Eweret* «fazendo ao ministro sentir sua descortesia (*falta de etiqueta*) em deixar bruscamente e sem participação ás autoridades brasileiras, a praça de Assumpção, e o porto ainda sujeito ao bloqueio.»

E como para lhe vigiar os passos partira a corveta *Belmonte* até o Cerrito, a escoltar o *Eweret*.

Sahi portanto Mac-Mahon do Paraguay furioso com as autoridades brasileiras. Chegando aos Estados Unidos, fiel aos rancores e ás amizades, procurou fazer o maior mal ao nosso governo. Já porém Washburn fallara largamente. «traçando um quadro horripilante, mas exacto, do que vira», na phrase de Von Wersen, e assim muito poucos lhe prestaram attenção. Tanto mais quanto, logo depois, surgia o terrível depoimento constituido pelos *Seven eventful years in Paraguay*, de Masterman — victima mila-



grosamente escapa, após mil martyrios, ás garras do tyranno. — Curiosamente leu o publico anglo-saxonio esta descripção apavorante e singela das atrocidades lopezcas. «Não se pejou Mac-Mahon, comtudo, de affirmar pela imprensa que Lopez era o mais liberal dos governantes sul-americanos», affirma Von Wersen na sua *Historia da Guerra do Paraguay*. «Falsos os actos de crueldade a elle attribuidos; assim mostrou-se indignado que a imprensa ingleza publicasse as calumnias propaladas pelos Alliados.»

Declara o autor prussiano que provavelmente agia o diplomata de inteira boa fé. Na curta permanencia no Paraguay «nunca tivera occasião de conhecer a realidade das cousas.»

Deixando a diplomacia, voltou Mac-Mahon á advocacia e á politica. Foi em 1872 nomeado thesoureiro da municipalidade de New-York e de 1885 a 1889 exerceu, sob o governo de Cleveland, a chefia de policia da enorme urbs. Senador, em 1892, pelo estado de New-York dispunha de enorme prestigio nos meios politicos da grande cidade e occupou elevados cargos em diversas associações notaveis. Falleceu em 1906. Jamais perdoou ao nosso governo imperial o attricto de 1869. Assim nos lembramos que em 1892 a nossa imprensa se referiu a um discurso seu, pronunciado num grande banquete, e em que, acerca dos nossos generaes e homens politicos do Imperio, exarou desagradaveis apreciações, calorosamente felicitando então o Brasil pelo facto de haver expulso a dynastia bragantina.

Da sua sympathia pelo tyranno paraguay e sua amasia resta mais um documento literario até agora inedito: as dez estrophes que transcrevemos. Revelam um versejador de estro facil cheio do arroubo dos trinta annos, mas sem grande envergadura poetica. «Homem de bello talento e superiores qualidades de acção, possuia grande magnetismo pessoal» exprime-se a seu respeito um biographo. Deixara-se quiçá dominar pelos dotes hypnoticos da bella irlandeza, apesar do «magnetismo» que lhe era attribuido.

## XVII

Depois dos desastres de Perebebuy e Campo Grande, quando a fuga para o Norte assumira as proporções de completa derrocada, dias terriveis deve ter vivido Elisa Lynch. Por mais insensivel fosse ao soffrimento alheio, não é possivel que lhe não abatesse o animo o martyrio das hordas em debandada de soldados, prisioneiros e *destinados* tangidos para a fronteira boliviana pela epilepsia do dictador, allucinado na sua obstinação ferrea e selvagem.

No dia 25 de outubro entregara-se prisioneiro o seu costureiro, referindo novas e hediondas barbaridades lopezcas e — circumstancia curiosissima — que mesmo então, apesar de tudo, de todas as privações, sustos e perigos, não conseguiu a antiga lorette esquecer as violentas inclinações das mulheres da sua condição pela toilette; o alfaiate a acompanhava sempre, a cortar-lhe novos vestidos.

A 7 de novembro narrava outro prisioneiro, o sargento Pedro Decoud,



que o coche de Elisa Lynch, por falta de animaes, era frequentemente puxado por homens, entre os quaes muitos officiaes. A 14 libertavam nossas forças numerosas senhoras das principaes familias de Assumpção, reduzidas já se vê. á mais hedionda penuria; a 29 muitas outras, entre ellas a conhecida Madame Lasserre, a escriptora da odyssea pavorosa dos *Destinados* de Lopez.

No dia 13 de janeiro de 1870, relatava o alferes Angelo Benites, recém capturado, que o dinheiro entregue ao general Mac-Mahon, além de seiscentas onças de ouro, cerca de dezeseis kilos deste metal, orçava por 28.000 patacões. Outros 20.000 tinham ainda ficado em poder de Lopez. Outrora verificara elle, Benites, que o Marechal enviara a certo Gregorio Benites, em França, vinte mil patacões.

Quando se deu a catastrophe de Primeiro de Março estava Elisa Lynch, como se sabe, ao lado do amante. «O numero de prisioneiros feitos sobre a 244, refere a parte official do Visconde de Pelotas, entre os quaes se acham os generaes Resquin e Delgado, quatro coroneis, dezenove majores, tres medicos, oito padres, e um escrivão. Mme. Lynch e quatro filhos entram no numero dos prisioneiros e são tropheus preciosos deste triumpho. Ao lado do carro em que ella pretendia fugir, foi dispersa a escolta que a guardava e morto o coronel Lopez, filho do dictador, que não quiz render-se.»

Sobre os pormenores de Aquidaban ha excellente apanhado do eminente historiador paraguayo, dr. Juan Silvano Godoy na sua *La muerte del Mariscal Lopez*. Refere uma serie de cousas que o nosso publico desconhece e que porisso, aqui transcrevo.

Na refrega soffreu Elisa as maiores emoções. Se já devia estar archicansada de Lopez e desejosa de se libertar de sua companhia, teve a dôr de assistir á morte do seu primogenito, do seu querido Pancho e ver outro filho, Henrique, rapazito de nove annos, atirado do cavallo abaixo com uma coronhada na cabeça desfechada por um dos nossos cavallarianos. O coronel Silva Paranhos e o major Floriano Peixoto, percebendo de quem se tratava, apressaram-se em cercar o carro «*de la odiada compañera del Mariscal Lopez*», para lhe garantirem a vida, a dos filhos e demais parentes.

Deu-se então repugnante e macabro incidente: «quando regressaba a piè al antigo cuartel general paraguayo para tomar el camiño de Concepcion, la señora Lynch con sus hijos, sus servidumbres, los señores Paranhos y Peixoto deran con los restos del Mariscal Lopez, traídos de onde murió, enterrado a flor de tierra, rodeado de un gentio de mujeres y hombres, y un soldado brasileño bailando e haciendo piruetas sobre la barriga del cadaver que estava cubierto. La señora Lynch ante este espectáculo, dandose cuenta de lo que sucedia, apesar de que acompañantes procuraban distrairla con su conversación, se lanzó hacia el lugar, se abrió paso y desalojó el soldado de un empujón, dije con viveza dirigiendose al coronel Paranhos y mayor Peixoto: «y es esta, caballeros, la civilisacion que nos han traído a cañonazos?» El mayor Peixoto afugentó los profanadores que eran personas de color.



Se desenterró el cadaver. La fosa fué alargada y aprofundada. Lynch compró por tres onzas una sábana blanca en la cual envolvió cuidadosamente el cuerpo del Mariscal estaba cómpletamente desnudo y depositó a su lado izquierdo el del malogrado joven coronel Juan Francisco.»

Só depois de haver verificado que a inhumação estava perfeitamente segura e bem assignalado o local da sepultura é que a mãe infelicitada continuou a sua marcha.

Rapidamente passou Elisa Lynch, após o episodio do Aquidaban, pelos antigos dominios, em demanda de Buenos Aires, de onde partiu para a Inglaterra e onde teve com Heitor Varella o encontro que já narrei.

Julgava-se multimillionaria e a vida lhe sorria, livre do pesadelo paraguayo. Bem sabia que as quantias passadas por Lopez em seu nome ascendiam a alguns senão muitos mil contos, sem contar que a esta somma se devia ajuntar o valor de muitos milhares de arrobas de matte a ella consignadas na capital argentina.

Da desgraçada e impavida nação para cuja ruina tão contribuíra iria tranquilla e faustosamente usufruir os despojos, e isto quando no territorio do povo muito graças a ella dizimado, não existia — já não se falla em bois, cavallos e carneiros — não existia uma só gallinha! repara energica e frisantemente o escriptor paraguayo citado.

Enganava-se porém. Das centenas de milhares de libras esterlinas depositadas em sua conta corrente do Banco da Escossia, mais de 200.000 se haviam volatilizado!!... Accusa o Dr. Godoy ao medico inglez Dr. William Steward do furto desta enorme quantia. Fôra o Dr. Steward o dedicadissimo chefe do corpo de saude do exercito paraguayo a quem, durante a campanha, prestara inexcusaveis serviços; casara-se no Paraguay e angariara a amizade e a maior confiança do dictador e sua companheira. Após a queda de Assumpção quizera o governo provisorio confiscar-lhe os bens, mas o Visconde do Rio Branco, attendendo sobretudo ao facto de que o cirurgião se mostrara sempre altamente humanitario para com os prisioneiros brasileiros, obstará a que se levasse a cabo tão violenta medida.

Masterman, no appendice do seu livro, explica o facto, minuciosamente.

Era o Dr. Steward «tão rico quanto caridoso e poucos corações jamais houve tão bem formados quanto o seu» affirma num depoimento que se coaduna com a justificativa da acção do Visconde do Rio Branco, perfeito avaliador de grandezas d'alma.

Em 1866, sentindo-se Lopez doente, convencera-se de que o cirurgião britannico pretendia envenenar-o e um bello dia dissera-lhe os maiores insultos acenando-lhe com atrozes ameaças. Fôra Steward, apavorado, ter com Elisa Lynch e desta ouvira: «oh! Dr. receio muito que o presidente faça alguma cousa que eu nunca lhe possa perdoar!» Cada vez mais apprehensivo, não pudera o medico recusar um pedido de emprestimo (?) de 4000 esterlinos que a favorita lhe extorquirá, dinheiro este sobre cuja sorte jamais ousara, como era de esperar, pronunciar-se.

Em 1868 obrigara ainda Lopez o Dr. Steward a remetter pela canhoneira inglesa *Beacor* mais onze mil libras a um correspondente de Lynch.



Aprisionado em Lomas Valentinas pouco depois, soubera o facultativo que o tyranno a titulo de represalia (?) mandara commetter toda a sorte de perversidades com sua mulher e filhos pequenos, do que resultara a morte de uma das creanças. Além disto ordenara uma «razzia» geral dos bens do medico, que além das joias da mulher, da prataria e dinheiro, perdera, só em gado, mais de vinte mil esterlinos.

Assim, partindo para a Inglaterra, procurara obstar o pagamento das onze mil libras que um agente do seu antigo perseguidor, certo francez, chamado Gelot, pretendia realizar.

No processo que a Lynch lhe moveu depôz Masterman, cujas palavras tiveram a confirmação plena de personalidades notorias como o honesto ex-consul francez no Paraguay, Cochelet, do coronel Thompson, o antigo commandante de Angostura, de varios officiaes inglezes, do engenheiro Valpy, etc.

Provou o Dr. Steward que ao irmão, residente na Escossia, escrevera pedindo que agisse afim de se não effectuar o desconto de suas letras. Creio que os tribunaes inglezes lhe deram sempre razão.

Depois de 1870 viveu Elisa, algum tempo em Boulogne-sur-mer, conta Von Wersen. Diz-nos o Dr. Godoy que mais tarde transferiu a residencia para Paris. Apesar dos grandes prejuizos (?) ainda muito lhe restava, mau grado o confisco que dos bens de raiz averbados em seu nome e no de Lopez fiezra o novo governo paraguay por decreto de Maio de 1870.

Em Paris consumiu os restos dos despojos roubados ao infeliz e heroico Paraguay. a quem havia sido inenarravelmente funesta, e alli falleceu, em fins de 1888, nas visinhanças dos sessenta annos.

«Murió completamente pobre, después de haber despildorado los injentes recursos que le entregó Lopez, relata o historiador paraguay, pues apesar de las docientas mil libras esterlinas que le robó el medico Guillermo Steward ella quedaba todavia con una fortuna que non fué capaz de conservar para sus hijos. La señora Lynch poseia propiedades en Paris: una soberbia casa en la que daba regias recepciones samanales. Mas tarde realizó suntuosos viajes per el Oriente, etc....»

Assim, acima de tudo, cortezã até a raiz dos cabellos, dominada pelo conjunto desses sentimentos que formam a alma obscura das hetairas, tão cupida quanto prodiga, megalomaniaca e despreocupada da sorte dos seus, ferozmente egoista, insensivel ao remorso, sectaria irreductivel do *après moi le déluge*, coube a Elisa Lynch uma ultima prova de carinho do insondavel destino.

Desappareceu, exactamente, quando os recursos pecuniarios lhe iam inteiramente faltar e um ultimo trecho de vida se lhe antolhava terrivel para quem, como ella, tinha descommunaes appetites de dinheiro e ostentação.

Versada nas literaturas como era não lhe seria certamente desconhecida o famoso livro precautorio de philosophia balzaciana sobre o esplendor e a miseria das mulheres de sua categoria. Apesar de tudo, jamais pudera re-frear os instinctos ... Assim lhe veio a morte poupar muito desgosto e muita humilhação insupportavel...

AFFONSO d'E. TAUNAY.





## CINCO ANNOS NO NORTE <sup>(1)</sup> DO BRASIL

Notas á margem do Relatorio do  
Dr. Arthur Neiva sobre o Norte.

*«Já na Historia Naturalis Brasiliae, de Piso e Marcgravius se encontram referencias á grande quantidade de plantas das rejiões secas e, á pag. 262 da edição de 1648, acham-se alusões aos rios sêcos, em contraste com o «Flumen unicum nobile est in hisce regionibus, vulgo Rio S. Francisco», etc., o que talvez constitúa o primeiro documento alusivo á sêca.» Dr. Neiva, pag. 78.*

A «secca» em o nordeste brasileiro, é uma questão secular, e que se não pode prever até quando durará. Até hoje, quasi todo o trabalho feito para minorar um mal tamanho, tem sido em vão. A razão é simples: num problema, como este, em que o bater do malho deveria ser a nota predominante, ouve-se o rabiscar da penna: em vez de trabalho — burocracia.

A «secca» de 77», para não falar em outras, foi uma calamidade. Maior parte, senão todos os cearenses grisalhos que conheço nos Estados limitrophes ao Ceará, como por exemplo, Piauhys, quando se lhes pergunta de onde são, respondem: «Cearense: sou de 77». Isto significa: Sou um dos desgraçados que ainda tiveram a feli-

---

(1 Vide numeros de Janeiro a Maio.



cidade de escapar áquella grande tragedia, em que se morria de fome pelas estradas, onde se encontravam os filhinhos sugando os seios das suas mães já cadaveres.

Depois de 38 annos, o flagello se repete! Que fizemos, nesse longo periodo de quasi 4 decadas, para eviitar, ou ao menos attenuar as enormes proporções da hecatombe? Nada, ou quasi nada! Uma cousa, em verdade, fizemos, e foi gastar muito dinheiro. Emtanto, muito poderiamos ter feito, pois, diante do trabalho continuo e bem orientado, poucos são os problemas que se não podem resolver.

Os norte-americanos transformaram grande parte das regiões aridas da California, em sólo productivo; sanearam a ilha de Cuba, dando um golpe de morte á famigerada febre amarella e finalmente ligaram os dous oceanos — o Atlantico e o Pacifico. Alguem dirá: «os norte-americanos têm muito dinheiro, e por isso, tudo se lhes torna mais facil». Se sommarmos o que já se gastou com a «secca», veremos que é uma chuva de ouro.

Os ultimos dias de 1914, com o céu limpido, de um lindo azul, começaram a encher de inquietação os moradores da «zona secca». Em março de 1915, fui visitar o Ceará. Quando no céu apparecia uma nuvem, todos os olhos se dirigiam para ella, supplices, á espera de uma pouca d'agua. De repente ella se desfazia e o céu se mostrava, outra vez, serenamente azul, então, o cearense credulo, com seu «bentinho» pendurado no pescoço, cerrava os punhos, com os olhos fitos na aboboda celeste, estremecia todo num gesto colerico, como se lhe passasse pelos musculos uma corrente electrica, e arremessava uma imprecação contra Deus e sua obra! Vinha em breve o arrependimento e com os olhos razos de lagrimas, contricto, pedia perdão, e cifrava a sua esperança na «passagem do equinoxio»...

Vã esperança de um povo desolado: a «secca» continuava na sua marcha progressiva.

Quiz ver o que estava fazendo, que serviços estava prestando, o gigantesco açude do Cedro, e dirigi-me para a cidade de Quixadá. De Baturité, em diante, tudo indicava que a «secca» estava em pleno dominio: naquella paisagem de galhos seccos, somente as folhas verdes do joazeiro diziam que a vida ainda ali era possivel.

Já cansado de ver tantas arvores mortas, consolava-me com a idéa do quando havia de ver em Quixadá. Um dos maiores açudes do mundo, que é o açude do



Cedro, em Quixadá, certamente estava, naquella momento angustiosos, derramando as suas aguas sobre vastas áreas de terra cultivada. Dura desillusão: quando cheguei á cidade que se orgulha de ter tal obra d'arte, encontrei pouca terra cultivada, pouquissima mesmo. Emtanto, a falta de forragem estava matando as proprias vaccas dos estabulos. É para cumulo, um rego d'agua transbordava atravez da cidade... Perguntei ao distincto collega e intimo amigo Grover Pyles, que riacho era aquelle; e elle respondeu: — não é riacho, é o rego d'agua do açude!

Muitas fazendas já haviam «fechado a porteira», e os proprietarios, alguns, de mil cabeças de gado, eram levados, uns ao suicidio, outros á loucura. Na pharmacia da cidade tive occasião de falar com um fazendeiro que estava desesperado: «Estou plantando capim dia e noite, lucto desesperadamente, e no emtanto o meu gado está morrendo». Perguntei-lhe: é agora que o senhor está plantando o capim para o gado prestes a morrer de fome? Bem sei que não é este o momento mais propicio para conselhos, mas, permitta-me que lhe diga: «no tempo das vaccas gordas, é que se deve lembrar do das vaccas magras.» Se ha tres mezes, o senhor tivesse tomado essa resolução, talvez, agora o seu prejuizo fosse muito limitado.

Este facto mostra bem a psychologia do povo daquellas regiões. Esperar a «secca» ahi, deveria ser a coisa mais natural deste mundo, pois, ha seculos que a «secca» vem flagellando o nortista, e apezar disso, o «inverno sem chuva» apanha sempre o homem desprevenido — é uma supreza.

Notando a grande área inculta que pode ser irrigada pela agua do açude do Cedro, disseram-me que pertencia a pessoas ricas, e que não a cultivavam e não a queriam vender. Este caso deveria ser resolvido pelo governo de Fortaleza, pois é um crime deixar incultas áreas enormes, quando ha necessidade de alimento para o povo e agua armazenada, que custou uma fortuna, sem ser aproveitada. O hectare de terra não cultivado que pudesse ser irrigado pelo açude, ou melhor, pelos açudes do Ceará, pagaria um imposto tal, que o proprietario ou o venderia, ou então, o tornaria productivo.

O papel que os açudes representam, não é aquelle para que foram construidos. No rigor da «secca», os desgraçados camponios emigram para os açudes e se installam em torno delles, ali pescam, lavam roupa e fazem tudo emfim naquella agua represada, dando isso, como resultado final, a infecção da agua, que se transforma



em vehiculo de molestias infecciosas, e que de mãos dadas com a «secca», vae fazer tombar sem vida aquelles corpos depauperados.

Em junho de 1915, tive a oportunidade de encontrar um «bando de retirantes» piauihyenses, de Picos, em demanda de logares onde o céu fosse mais clemente. A's 7 horas da noite passei por elles: estavam «arranchados», os pobres retirantes, debaixo de umas arvores, á beira de uma lagôa. Os homens «tarrafeavam» na lagôa, as mulheres accendiam o lume e as creanças choravam de fome... Nesse «pouso» enterraram uma creança.

Quando a fome e a impunidade do sertão, justificariam um assalto ás cargas que eu trazia, humildemente limitaram-se a pedir uma esmola. Fiz o que pude. No dia seguinte, a um e dois de fundo, irregularmente, marcharam todos, homens e mulheres, a pé, velhos e creanças a cavallo, levantando uma nuvem de pó que encobria os que iam na rectaguarda. Pobre gente! Nunca mais pude me esquecer de tal quadro.

O problema da «secca» em o nordeste brasileiro, deveria ser a maior preocupação dos brasileiros. A não ser assim, então, o governo que prohiba que se habite essa zona, que tantos desgraçados tem feito.

Quem o não conhece, não pode fazer idéa do que seja o Açude do Cedro. Montanhas enormes de pedras, ligadas por diques colossaes, circumscrevem uma grande área formando um reservatorio d'agua que pode figurar entre os maiores do mundo, e que até agora se não encheu completamente. Ponha-se de lado o facto da capacidade ser muito maior do que a quantidade de agua que ahi se poderá collectar; antes perder-se pelo muito do que pelo pouco...

Os paredões são muito bem feitos, luxuosamente bem feitos, chegando mesmo, em pleno interior do Ceará, a dar impressão de que se está vendo o passeio da Avenida Beira-Mar, do Rio. Não lamento que se tenha gasto tanto dinheiro em pleno matto. O que é triste, para quem vê o soffrimento desse povo, é que tudo isso seja quasi imprestavel, sómente por falta de um serviço bem organizado. O açude poderia transformar muitos kilometros quadrados de terra inculta, em roças grandemente productivas; e o Quixadá poderia ser o celeiro de uma boa parte do Ceará. Não conheço os outros açudes, mas a julgar pelo do Cedro, «que é o bicho», o mais importante no Estado, os outros, que é que farão?

Os norte-americanos, em certas zonas aridas da sua



grande patria, viram que só se desenvolvia um arbusto que dava uma pequena flôr. Pois bem: elles favoreceram de tal forma o desenvolvimento, a propagação do arbusto que, em breve tempo, cobriram aquellas feias regiões com um tapete lindamente florido. Qual o vegetal que resiste aos longos periodos de «secca»? E' o joazeiro. Nesse caso, já deveria haver em diversos pontos do Ceará, (quem diz Ceará, diz tambem zona em que as condições climáticas são as mesmas) hortos florestaes modestos, afim de se cultivarem e distribuirem aos interessados, mudas de joazeiro, faveiras e de cactus.

Se uma floresta de joazeiros, tão sómente de joazeiros, cobrisse o sólo que agora está vestido de vegetação arbustiva, outro, muito outro, seria o futuro do Ceará. Em Quixadá vive um horto florestal fundado pelo notavel botanico Dr. Löefgren, quando por lá passou, estudando o problema das «seccas». Não quero discutir se o referido horto preenche os fins para que fôra creado; mas direi que elle deveria ter fomentado a cultura daquelles campos que encontrei incultos, ensinando a molhar as plantas com a agua do açude.

Em vez de se preocupar com o problema zootechnico, inopportuno, teria sido muito melhor que espalhasse cactus, eucalyptus, de que lá havia uns canteiros, e sobretudo, tratasse de cultivar o joazeiro, e que distribuisse mudas de todos, amparado por uma lei que obrigasse o fazendeiro a plantar um certo numero de pés.

A cultura das cactaceas, como por exemplo, a do genero «*Opuntia*», é de uma importancia que salta aos olhos. O que admira é como ainda se não sahiu do terreno das experiencias nos hortos. O proprio director do horto florestal de Quixadá, num artigo publicado no «Brazil Agricola», de junho de 1917, diz textualmente: «Por pratica e pelas informações, tenho visto pés de «*Opuntia*» produzirem, nos climas considerados mais propicios, de vinte a trinta kilos de forragem por planta em dois annos; no Ceará encontrei o clima tão favoravel a essa cultura que, como se pode verificar, sobre cem plantas, setenta produziram 190 kilos de palmas cada uma, dentro de dois annos, deixando ainda grande quantidade de palmas boas para reproducção. O clima do Ceará, quero dizer, o clima das zonas creadoras do Nordeste, é o mais indicado para esta cultura e não ha clima no mundo mais favoravel. As nossas experiencias o demonstram.»

Porque, então, essas «zonas criadoras», já não estão cobertas de «*Opuntia*»?



Percorrendo o norte, tenho notado que ha um mau aproveitamento do auxilio que a União dispensa áquellas regiões. A malfadada politica penetra em tudo, inutilizando esforços que poderiam redundar em beneficios seguros para o povo. Apparelhos, machinas para a perfuração de poços e construcção de açudes encontram-se completamente abandonados, comidos pela «ferrugem».

E' muito commum isto: chega uma commissão contra isto ou contra aquillo, numa dada villa ou cidade nortista. Nos primeiros dias ha grande animação e trocas de visitas; os jornaes dão longas e esperançosas noticias. Os mecanismos sahem das caixas e vão para o campo. A installação é quasi sempre mal feita, porque os funcionarios, com raras excepções, não têm competencia: são afilhados de politicos da terra, ou daquelles que estão com assento nas casas do Congresso. Ha um simulacro de trabalho; de repente, sem o povo saber porque, tudo pára. Falta de verba na Delegacia? Pois o governo não sabe que a patriotica commissão está no campo de acção? E' o chefe que precisa dar andamento aos papeis, aprontar o relatorio? Como quer o governo que a commissão «chupe canna e assovie ao mesmo tempo»? Emfim, a commissão que tanto desejava trabalhar, arruma as malas, e lá ficam as machinas abandonadas, soffrendo a acção do tempo, como uma eloquente prova de que mais um esforço foi perdido.

Na agricultura é o mesmo, ou peor; mas é preciso que se diga que a culpa, em grande parte, cabe á burocracia de certa repartição que deveria ser puramente practica, e não o é. Installa-se um horto florestal, por exemplo: muitas machinas e funcionarios. Se o director não tem muito enthusiasmo, deixa-se lá ficar até que o horto soffra uma reforma, ou seja extincto no anno seguinte, por falta de verba, sem nada ter produzido. Quando o director se interessa, tem que lutar sobretudo com a falta de verba na Delegacia que, ás vezes, não tem dinheiro para pagar, ou quando o tem, aguarda aviso do Rio, que não chega. A oportunidade, em agricultura, como em outras coisas da vida, é uma grande coisa. Alguem já a definiu assim: «Hoje, um fructo sazonado, amanhã, podre e não presta mais». E muitas vezes ella é perdida, e lá se vae um anno de trabalho, só porque a verba não chegou na occasião da sementeira, ou por falta de approvação, da parte do Ministerio, de medidas urgentes. Como resultado final, vem a completa descrença, da parte do povo, por tudo quanto cheira a serviço do governo.



Os funcionarios que andam pelo interior, quantas vezes têm que ouvir dictos maliciosos dos que se estão burlando da acção do governo federal.

A primeira vez que sahi para o Norte, fazendo parte de uma commissão que ia trabalhar no Piahy, em palestra com o commandante do vapor do Lloyd Bras., tive de lhe ouvir as mais asperas recriminações ao Ministerio da Agricultura — «Para que servem os hortos florestaes, porque o governo está gastando tanto dinheiro com isso?» Deixei que S. Exc. se expandisse á vontade. Depois retruquei-lhe: — «E' verdade, senhor commandante, tem V. Exc. muita razão. Os hortos florestaes não valem mesmo nada, e nem mesmo podem valer, pois uma repartição federal, que se deveria interessar pelo progresso da nossa patria, que tem homens como V. Exc. que se mostram indignados pelo desperdicio do dinheiro publico — o Lloyd Brasileiro, traz a bordo de um seu navio (e aponteij, indicando o lugar) umas mudas de essencias florestaes, que o Horto Botanico do Rio, produziu gastando muito dinheiro, justamente no peor ponto, junto á chaminé, e até agora não receberam uma só gotta de agua, a não ser da salgada pela manhã, quando a maruja faz a baldeação! E' por isso, que nada dá resultado em nossa patria.» O grupo que escutava essa palestra, lançou um olhar ás mudas de eucalyptus, e um silencio, um pouco prolongado, parece que veio dar razão ás minhas palavras.

E' por falta desse patriotismo que o nordeste é barbaramente flagellado pela «secca», com todo o cortejo das desgraças que assaltam os pobres habitantes do norte.

O norte offerece problemas importantes, taes como «secca», vias de communicacão e transporte, que dependem dos cofres do Thesouro Nacional; culturas do algodão, mandioca, industria pastoril, fibras e aproveitamento das sementes oleaginosas, que representam maior fortuna que o café em S. Paulo.

Só a exploração dessas ultimas — fibras vegetaes e sementes oleaginosas, poderia contribuir para os gastos que se tenham de fazer em beneficio do Norte.

Se o governo reservar metade do dinheiro destinado á immigração em proveito do nosso sertanejo, com alguns annos de acção continua, terá fixado o trabalhador agrícola, melhorando as suas condições de vida, tornando-o um factor do progresso nacional. Por que gastar dinheiro com trabalhadores estrangeiros, quando os temos aqui, bons e fortes, simples, disciplinaveis, e que só não prestam serviço porque jazem no mais completo abandono?



Geralmente os paes têm carinhos especiaes para os filhos desprotegidos da fortuna; o áleijadinho, o rachitico, têm, mais do que os outros que são fortes, os cuidados extremos dos corações de seus paes. Assim tambem deveria fazer o governo da União: a sua constante preocupação deveria ser o Norte.

Os Estados do Sul, como por exemplo S. Paulo, podem prescindir das constantes vistas da União, pois, o progresso nelles têm tal velocidade, que continuará a correr por si mesmo, em marcha acelerada, sob os cuidados de seus estadistas.

FRANCISCO IGLEZIAS.





*São Paulo visto de aeroplano*

(PARTE CENTRAL)



Photographia do tenente observador  
Dorsaud, a primeira a ser obtida de  
um aeroplano sobre a capital paulista

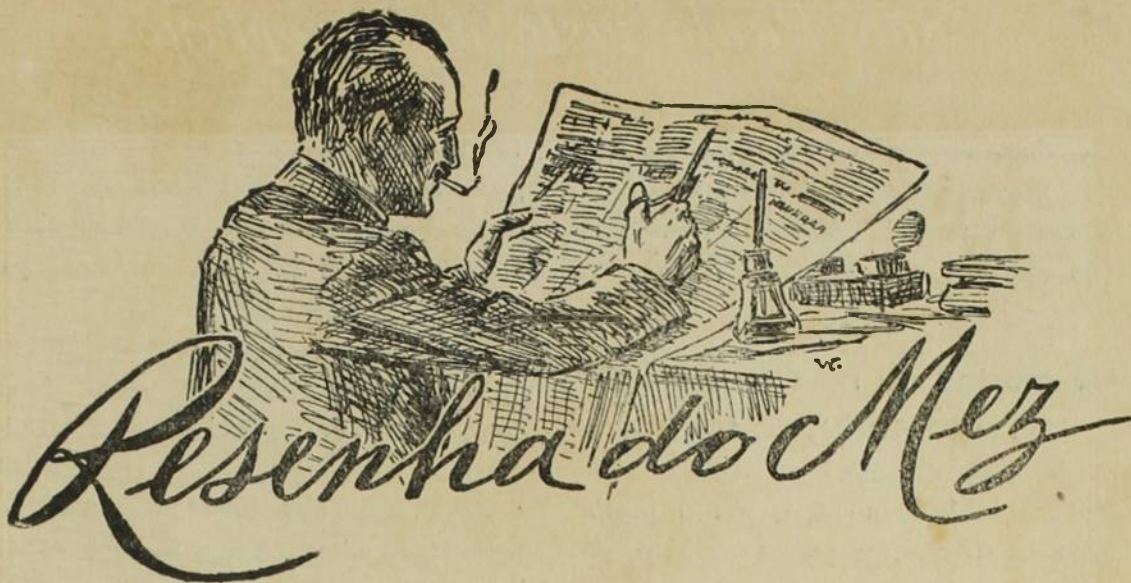


*São Paulo visto de aeroplano*



Photographia do tenente observador Dorsaud, quando voou sobre S. Paulo a bordo do aeroplano pilotado pelo Capitão Verdier.





## VIDA NACIONAL

De 15 a 15

*Maio, 15* — Foi eleito presidente da Academia Brasileira de Letras o sr. Domicio da Gama.

*17* — Em sessão da Associação Commercial do Rio de Janeiro ficaram definitivamente assentadas as bases de um Tribunal Arbitral, para decidir as duvidas na interpretação dos contractos mercantis.

*19* — Chegou á ilha Fernando de Noronha a Divisão Naval Brasileira, que estivera em operações de guerra. — O Tribunal de Contas autorizou o registo do credito de 500 contos para obras contra as seccas no Nordeste.

*20* — O Prefeito do Districto Federal mandou que fossem dados á publicidade todos os documentos da Independencia existentes no Archivo Municipal, entre os quaes está o celebre *auto do «Fico»*.

*21* — Foi publicada a proposta orçamentaria da Republica, para 1920, dando uma receita geral de..... 107.613:049\$440, ouro, e ..... 394.597:000\$000, papel.

*23* — Foi lida, na Camara Federal, uma representação da Camara Ecclesiastica favoravel á revogação ao artigo do Codigo Civil que prohibe o casamento de tios com sobrinhos.

*24* — O sr. Ruy Barbosa realizou no Rio a sua annunciada conferencia ás Classes Militares.

*25* — Falleceu o sr. ministro Canuto Saraiva, do Supremo Tribunal Federal.

*28* — O governo federal concedeu permissão a Andley Page Ltd. para estabelecer o serviço de transporte de passageiros e cargas por meio de aeroplanos e hydroplanos, entre as principaes cidades do Brasil.

*30* — Foi fundada no Rio a primeira filial das «girl guides».

*31* — A Academia Nacional de Medicina realizou uma sessão em homenagem á memoria de Miguel Pereira.

*Junho, 1* — Falleceu o marechal Bernardino Bormann.

*2* — Realizou-se na Academia de Letras a recepção do novo academico dr. Miguel Couto.

*4* — Rebentou um movimento anarchista na Bahia.

*5* — A Academia Brasileira de Letras realizou uma sessão de saudade a Olavo Bilac.

*7* — O presidente da Republica decretou luto official por tres dias, em virtude da morte do presidente do Paraguay.

*9* — Fundeou na Guanabara a Divisão Naval Brasileira que estivera em operações, na Europa.

*10* — O secretario da Fazenda de



S. Paulo poz á disposição da União, em nome do governo paulista, os fundos provenientes da indemnisação que o Estado terá de receber da Allemanha em virtude do tratado de paz.

...

### Os mortos do mez

**MINISTRO CANUTO SARAIVA** — O Ministro Canuto Saraiva, fallecido a 25 de Maio, no Rio, era o prototypo do juiz e, no dizer de seus intimos e collegas, nascera para ser magistrado, e, de facto, conseguiu fazer o seu nome respeitado como o de um dos mais integros e cultos expoentes da carreira que abraçou.

De uma feita, em Araraquara, expoz a vida para evitar o lynchamento de um réo confiado á sua guarda.

O saudoso estadista Prudente de Moraes, quando desejava qualificar a importancia de uma questão, dizia: — «Esta é uma causa para ser julgada por um Canuto Saraiva.» E Campos Salles, quando presidente de S. Paulo, para informar-se da justiça em certos feitos, perguntava: — «Como votou o Canuto?»

Amigo intimo de Piza e Almeida, que foi Juiz de Direito na comarca de que o illustre morto foi Juiz municipal, substituiu-o no Supremo Tribunal Federal, a convite do Presidente Affonso Penna que, pouco antes, nomeara para identico cargo o Ministro Pedro Lessa.

Filho legitimo do Major Joaquim José Saraiva e d. Leopoldina Maria Saraiva, nasceu o Ministro Canuto Saraiva a 23 de Setembro de 1854, em Arêas, Estado de São Paulo. Formou-se em Direito, em S. Paulo, em 1875, iniciando nesse mesmo anno, em sua terra natal, a advocacia, sendo pouco depois nomeado promotor pu-

blico de S. José dos Campos. Em 1877, passou a exercer o cargo de juiz municipal de Piracicaba até 1881, sendo então, nomeado vereador, eleito vice-presidente da Camara Municipal daquela cidade.

Nomeado em 1887 juiz de direito de Araraquara, exerceu essas funcções até 1892, quando foi nomeado membro do Tribunal de Justiça de S. Paulo. Em 1908, quando se achava na presidencia desse Tribunal, foi convidado para o cargo de Ministro do Supremo Tribunal Federal, cargo que occupou até a sua morte.

...

**MARECHAL BORMANN** — Perdeu o Exercito Nacional uma das suas figuras de maior destaque, o Marechal Bernardino Bormann.

José Bernardino Bormann nasceu a 4 de Maio de 1844, e falleceu a 1.º de junho, com 75 annos, portanto, depois de uma vida activa e brilhante, tendo-se salientado por actos de bravura nas batalhas do Paraguay.

Assentou praça aos 11 de Fevereiro de 1862. Aos 18 de Janeiro de 1868, com vinte e quatro annos, foi feito 2.º tenente e aos 14 de Abril 1871 foi promovido, por bravura, a 1.º tenente. Em 1871, passou a capitão graduado e em 1872 a effectivo. Em 1885 recebeu os galões de major e em 1890 os de tenente-coronel. Coronel graduado em 1892, foi confirmado como effectivo em 1893 e, em 1899, recebeu as estrelas de general de brigada. Em 1908 foi provido a general de divisão e, em 1911, reformou-se no posto de marechal. Pertenceu ao estado-maior, na Escola Militar cursou mathematica e sciencia physica, e se bacharelou nessas materias.

Na guerra do Paraguay, de que foi



depois dos mais documentados historiadores, foi um herói. Ferido gravemente em Curupaity, recebeu as medalhas de mérito militar, a da campanha do Paraguay pelo Brasil, Argentina e Uruguay, a da rendição de Uruguayana, a de serviços prestados á humanidade e a de ouro por serviço militar. Foi também cavalleiro das Ordens de Rosa, de Christo e S. Bento de Aviz.

Exerceu importantes missões militares, tendo ido em commissão diversas vezes á Europa. Na presidencia do Sr. Nilo Peçanha succedeu na direcção do Ministerio da Guerra ao Sr. Marechal Carlos Eugenio de Andrade Guimarães e assim foi ministro de 16 de Outubro de 1909 a 15 de Novembro de 1910.

Era também escriptor e historiador. Publicou um romance historico, *Os Annaes de D. João III de Portugal*, estudos sobre o *Marechal Duque de Caxias*, sobre *Photographia Militar*; mas as suas obras mais importantes, que serão sempre consultadas, são as que dedicou á guerra com o Rosas e á guerra do Paraguay. Ha nesses livros muita observação, e muita documentação, além de um ponto de vista exclusivamente brasileiro e de reminiscencias pessoas muito interessantes.

...

### Artes e artistas

A. NORFINI — Alfredo Norfini é um dos raros aquarellistas que expõem no Brasil, onde o genero commum da pintura é o «a oleo», mais tentador dos principantes, porque mais facil, e mais proveitoso aos artistas feitos porque nelles podem dar largas aos effeitos de *atelier*, para o grande publico.

Bastaria este particular de insistir

num genero de pintura difficil e delicado, para que Norfini se recomendasse como um artista sincero, capaz de estudos de verdadeira arte.

Na sua ultima exposição figuraram alguns trabalhos dignos, realmente, dos melhores encomios. *Agua Funda, Paisagem Paulista* e *O Gigante Morto* são quadros de uma belleza rara, já pela harmonia da composição, já pela execução aprimorada. Na *Paisagem Paulista* ha demais, talvez, as figurinhas do segundo plano, que o deixariam melhor ausentando-se dalli; nas outras aquarellas citadas, porém, ha uma viveza de transparencia de colorido como poucas vezes se vêem em pinturas do genero. Em *Gigante Morto* ha ainda a notar-se a força suggestiva que dá ao observador a grande arvore arrancada que lhe serve de thema.

Destes principaes quadros de A. Norfini damos algumas reproducções nas gravuras do texto.

...

### A alma de Arinos

A obra de Affonso Arinos é a representação perfeita da sua alma. Doutrina Descartes que a alma é o penadouro, diria que a alma é o insamento e assevera Bergson que é a memoria; eu, se não temesse o paconsciente. As excitações, externas ou internas, á medida que são sentidas, deslizam para um tabernaculo, onde também vêm se agrupar as que não chegam ou quasi não chegam á percepção, e umas e outras ahi jazem por tempo indefinido, no limar da inconsciencia, como esquecidas ou dormentes. Que não morrem prova, entre milhares, o seguinte caso registado por Carpenter: uma menina abandonada é recebida por caridade na casa de um pastor protestante, que tinha o habito de passear de meio a meio de um corredor, lendo em voz alta textos gregos e hebreus da biblia, ao que ella prestava a mesma attenção que



nós lhe prestariamos; pois um dia, já adulta e vivendo em outras paragens, é presa de alta febre, e eil-a agora em delirio a declamar fragmentos desses trechos, tão mal ouvidos e tantos annos hybernados. Em Jorge Soares, typo admiravel de paranoico, Coelho Netto se aproveita do mesmo conceito para desenvolver as alluinações da psychose. E' este vasto fundo do inconsciente, o qual pela quietação parece antes um sepulchro, que governa os actos mais conscientes, mais deliberados, mais voluntarios e os juizos mais seguros; é elle que guarda o segredo das nossas inclinações e corporifica a nossa personalidade psychica; nelle se nutrem os sentimentos e se amassam as idéas, a tal ponto, que seria licito dizer que estas sobem quasi elaboradas do subliminal á consciencia, e que a propria imaginação creadora não passa de mera metamorphose. Neste subconsciente dynamico, accumulador de material e fonte de energia, reside o ser authenticico, muito cioso do seu livre arbitrio, mas realmente escravo de todas as suas antigas sensações sedimentadas. Fóra disto só ha os individuos morbidos e os artificiaes, os de romances, como as diversas personagens do bovarysimo, ou esse gentleman feito ás pressas, Monsieur Jourdain, todo atrapalhado no ensaio da sua declaração *Bel-le marquise, vos beaux yeux me font mourir d'amour*.

Que são em Arinos as suas fugas para o Interior, as suas deambulações irrenniveis senão actos de um automatismo psychologico mal policiado, e que é a sua obra capital senão a revivescencia das sensações exclusivas e iteradas, vertidas dia a dia no seu eu subconsciente, por longo tempo isento de outras? Quando novas, de genero diverso, vieram chegando pelo estudo, pela experiencia, pela observação activa, já aquelle se achava, por assim dizer, acogulado, e era uma força occulta que dirigia esses estudos em um dado sentido, isto é, no seu sentido. Como todo homem de letras, Arinos devorava livros pro diversão e gaudío do espirito, mas de facto só cultivou com afincio a Historia do

Brasil... colonial, porque era essa a vibração externa que afinava com a interior, mysteriosa, profunda, impalpavel, e só do unisono resultante lhe poderia advir a emphoria moral que todos procuram no trabalho.

Dahi nasceu a tradição do seu patriotismo excepcional, do seu nacionalismo obsidente, jungida ao seu nome como um synonymo e tão indiscutivel como um verseto. Que fez Arinos para o amarrarem a essa lenda? Cantou e contou, como ainda ninguém, os sertões de sua terra, — como se o Brasil estivesse exclusivamente nas suas seivas e nos seus campos e não tambem nas suas cidades e nos seus mares, e como se o ideal de uma patria grande, prospera e invejada se realizasse no Brasil crystalizado nas suas mattas e nas suas furnas, nos seus indigenas e nos seus caboclos! Não, não façamos esta injustiça a Affonso Arinos; o seu sertanismo estava sómente na sua subconsciencia, e não penetrava no pallium augusto senão para receber a fórmula lapidaria da sua prosa, e lá da velha Europa, onde costumava se acolher, tendo da patria a essa distancia uma visão espherica, como diria Mario de Alencar, elle só a desejava cada vez mais espessa na crosta de civilização que a reveste. Sem admittir com Flaubert, que o pensador não deve ter nem crenças, nem patria, nem nenhuma especie de convicção social, estou em affirmar que se a obra de Arinos obedecesse a uma segunda intenção, por muito digna como a do patriotismo, mas subtrahida da espontaneidade fecunda que lhe deu o sopro, certamente não seria essa que admiramos. Patriotismo é cada um trabalhar no seu officio com a maior fé; tão bom patriota é o soldado que dá á patria o sangue, como o operario que lhe dá o suor, o sabio, cujo nome se projecta na sua historia, como o lavrador para sempre ignorado, o artista que a envolve no seu genio como o escriptor que sóbe com ella aos visos do pensamento. Arinos parece maior patriota porque servindo á patria com as suas letras a serviu com tão intenso amor, que ao cabo, tanto



elle se orgulhava della, quanto ella do seu filho; e se o regionismo atravessa toda a sua obra é que nunca lhe abandonou o cerebro aquella menina de Carpentier a avivar nelle o hebraico e o helenico das sensações da sua infancia.

Uma vez, numa das suas romarias de longas jornadas, acompanhado de rhapsodos e tocadores, deparou já ao cahir da noite um enorme jequitibá, — a que chamava a cathedral das florestas—, em cujo tronco se abrira uma grande cava; então o bardo Catullo, nella penetrando, declamou plangentemente uma ode heroica á natureza mater, emquanto o violeiro Pernambuco, — entre todos os da fama famosissimo — dedilhando as primas e o bordão, improvisava um hymno á lua, que vinha timida, esquiva, vagarosa, se esgueirando por traz das frondes do arvoredor. Era demais; descobrindo-se e pedindo silencio, Arinos cahio numa especie de extase, que durou emquanto não se perdeu além das serranias o ultimo eco do improvizo ceremonial.

Este sentimento arrancava tão profundamente da sua alma, que, por mais infantil que parecesse, a todos infundia respeito; nem elle era capaz de brincar ou consentir que brincassem com estas cousas. Como todo o cren-te, desejava impôr a sua crença á força de propicial-a. Dias depois da série de conferencias sobre lendas e tradições brasileiras, numa das quaes fez representar em scena aberta o auto da Nau Catharineta, offereceu no seu palacete á alta sociedade paulistana um baile da maior sumptuosidade e requintada opulencia, e a meio da noite, quando os salões regorgitavam das mais bellas damas, cujos alvos colos nus desappareciam sob roças de perolas em constellações de diamantes, e homens enfarpelados em irreprehen-siveis casacas se hombraavam, entrou uma turma de legitimos e retintos caboclos, de chapéos na cabeça e sem collarinhos, para dançar o verdadeiro, o classico, o incorrupto *cateretê*, e ao se retirarem deste quadro, no qual não sei se o poeta das Georgicas ainda acharia que «a purpura d'As-

syria não altera a brancura das lãs», elle proprio, com aquella sua linha finamente aristocratica, os conduzio até ao tope da escada, apertando a mão de cada um. Neste aperto de mão ia uma renuncia ostensiva, um repto de despreso do fiel ao chamado respeito humano.

Amando por esta fórma o sertão, tendo o estudado tanto e ainda melhor o descripto, ninguem jámais viu Arinos, nos seus livros, nos seus artigos, nas suas conferencias, defender ou, sequer, insinuar uma idéa de progresso para essas terras abandonadas e essas gentes primitivas. Era medo que pegasse. Ramalho Ortigão repetir-lhe-ia a apostrophe que lhe coube na deleitosa ficção de *Fradique Mendes*: «Você é um monstro, Fradique. O que você queria era habitar o confortavel Pariz do meiado do seculo XIX, e ter aqui, a dous dias de viagem, o Portugal do seculo XVIII, onde pudesse vir regalar-se de pittoresco e de archaismo... Confesse que é o que você queria.» Na Europa occupada palmo a palmo pelo homem, Arinos se consolava da monotonia do bulicio percorrendo velhas cathedraes e afundando-se nos museus e antiguidades, que são como florestas lardeadas nas civilizações; mas, aqui, sem seu sertão integral, desde o indigena silvano até o solo agreste, onde desabafar as suas tristezas? onde afogar as suas saudades? onde se defender dos homens? onde reconstruir o seu altar? Se elle o sonhasse, esse sonho seria um pesadello, do qual sahiria em atordoamento onirico para tomar o seu fegoso Sultão, e a toda brida atravessar cidades e cidades infindas, chorando a catastrophe suprema e irremediavel.

DR. MIGUEL COUTO (Do discurso de recepção na *Academia de Letras*).

...

## Revistas e Jornaes

### Psychologia brasileira do caracter

Que é, no Brasil, um bom caracter? Antes de tudo, cumpre assignalar que no Brasil é difficil encontrar um cidadão que reuna quanto aos



seus attributos moraes a unanimidade das acclamações que, ás vezes, cerca o seu talento. Reina entre nós a abusão de que é raro o homem de grande talento que tenha bom character. Como corollario disto, tem-se até estabelecido que não ha espirito superior que possa servir para governo. De uma maneira geral, o que nós prezamos e preferimos na direcção dos negocios publicos é o temperamento ponderado, a mediocridade serena e polida, as virtudes medidas e seguras. Escreve-se com frequencia que os homens de grande valor têm provado mal na administração. Com o auxilio da logica mais comesinha se verifica quanto têm de pueril esses postulados, pois a tarefa de governar não pode deixar de exigir entre nós, como exige nos outros paizes, talento, visão alta e larga, força de alma e cultura. Havemos de concluir, porém, como tenho concluido de uma longa e silenciosa observação, que a noção popular desse apparente dissidio entre o talento e o character corresponde a um modo de raciocinio particularmente brasileiro, talvez herdado de Portugal. Vem desde a monarchia. Já nos seus começos, Bernardo Pereira de Vasconcellos deu pretexto a que os seus admiradores dissessem delle — «é quasi um genio — mas que character!». Anteriormente, José Bonifacio não chegara a resistir á campanha que de todos os lados se levantava contra a sua «prepotencia» e a sua «crueldade».

No reinado de Pedro II dominou o espirito publico um incontido horror por tudo que não fosse no temperamento dos homens reserva, circumspecção, soturna precaução de gestos, sobrececho triste, labios cerrados, movimentos lentos e pausados. Montezuma, uma das maiores cabeças que teve o Brasil, o homem que, no meu entender, mais claro viu na comprehensão dos problemas brasileiros, de cujas indicações e synthese tirou mais tarde Tavares Bastos muitos dos elementos de que compoz as suas prophcias e lições, nunca teve grande prestigio porque era sujeito alegre, conversador, dizedor de «boutades», ardente, brilhante, varonil. Não era bom

«character», no sentido brasileiro da expressão.

Apesar do systema parlamentar se prestar mais do que o nosso ao dominio da intelligencia, note-se que, não obstante a necessidade de haver quem discutisse os assumptos e fizesse discurso, sempre se procurou conciliar as aptidões intellectuaes e oratorias com aquelle commedimento a que alludi acima.

José de Alencar, que, na minha opinião, foi o maior genio da littera brasileira, homem politico corajoso e audaz, pamphletario mordente, nunca teve valor official, nunca logrou organizar gabinete e, para falar com franqueza, pouco foi tomado a sério como homem de Estado.

Para não citar outros exemplos, basta lembrar o retrahimento que até á ultima phase do Imperio sempre inspirou Ferreira Vianna, por seu feitio independente, pouco convencional, de ironico recalcitrante.

Que na Republica Joaquim Murtinho tenha sido ministro é um milagre difficil de explicar. A presidente é claro que não chegaria jámais. Não era um «character» na accepção que damos aqui a esta palavra.

O que convencionámos chamar «bom character», no Brasil, é o homem anodyno, quasi sempre sem gosto litterario ou artistico, que não briga, não tem opiniões proprias, não toma responsabilidades, sorri gravemente, cumprimenta com austeridade, procura ganhar sua vida sem aborrecer os outros, logrando na sombra de uma apparente doçura irritar o menos possivel, não suscitar reacção, seguindo caminhos abertos pelos outros, ou ficando no seu canto, com boa cara e postura socegada. Lutou, perdeu o character. Sujeito que fale, discuta, arremetta contra a injustiça e o que lhe pareça errado, seja humano, capaz de paixões humanas, esse, já se sabe, não será nunca, salvo excepções que circumstancias especiaes explicam, catalogado entre os homens verdadeiramente sérios, que a nossa gente sinceramente acata e respeita.

Emfim, o homem de character, segundo o conceito popular no Brasil,



é de uma maneira geral o homem do meio-termo, da medida curta da proporção razoavel, do equilibrio perfeito, homem com quem Molière convive e Ibsen pintou na figura daquelle bailio que fez opposição a Brand.

A razão disto, se me permittem dizer, está em que em nosso paiz não se observa devidamente uma cousa: é que na mediocridade, brilhando pouco as intelligencias, pouco brilham tambem os defeitos. No tenue crepusculo em que se esbatem os raios tibios de um espirito mediano se escondem e se dissimulam tambem as manchas do character. E' raro que conheçamos as falhas de homens obscuros. O publico sempre se esquece de que sendo humanos, esses homens obscuros têm tambem os seus vicios. Mas como os descobrir na densidão da sombra em que as suas personalidades estão envoltas? — GILBERTO AMADO (Da *Gazeta de Noticias*, Rio).

### Colonia ou nação soberana?

Eu não sei muito bem si nós figuramos na Conferencia da Paz, como uma nação soberana ou como um appendice dos Estados-Unidos, uma especie de mal disfarçada colonia!

Quando se diz ignorar tal ou qual couza, ás vezes ha nisso um simples recurso retorico, que serve para chamar a atenção sobre o ponto que se finge ignorar. Aqui, porém, quando eu digo que não sei qual a orientação de nossos delegados em Paris, o que confesso é uma real e completa ignorancia. Nenhum jornal norte-americano dá a confiança de se ocupar com as opiniões dos brasileiros...

O importante é que não continuemos a fazer poezia com a chamada Doutrina de Monroe... O cazo não é, nem de filozofanças politicas, nem de erudição diplomatica. Só quem esteja nos Estados-Unidos, agora, verá bem qual é a orientação geral a esse respeito. E essa orientação faz medo...

O sentimento de uma nação antes e depois de qualquer guerra não é nunca o mesmo. Seria absurdo crêr que a guerra passou pelo povo norte-ame-

ricano sem lhe cauzar a menor alteração do modo de pensar e de sentir.

Em todo cazo, nós devemos tomar como pedra de toque para verificar si o tratado que se vai assinar merece a nossa aprovação, a resposta a estas perguntas:

«Si o Brazil ou qualquer outra nação da America quizer apelar, nas suas diverjencias, para qualquer nação da Europa, não o poderá fazer?»

Si o Brazil tiver alguma questão internacional com os Estados-Unidos, fica sem o direito de recorrer a outra nação?»

Si a resposta fôr negativa, é de crêr que a dignidade nacional nos leve a repellar o tratado. Ele fará de nós uma verdadeira colonia norte-americana. E é esta, no fim de contas, a mais generalizada das interpretações da Doutrina de Monroe, segundo o afirmou uma personalidade, que não se pode ter como inteiramente insignificante: o Prezidente da Universidade de Harvard! — MEDEIROS E ALBUQUERQUE (Do *Estado de São Paulo*).

### O Brasil não poderá assignar o Tratado da Paz?

Por força do art. 88 da Constituição Federal não póde o Brasil, em caso algum, empenhar-se na guerra de conquista, directa ou indirectamente, por si ou em alliança com outra nação.

O preceito da nossa constituição está de accôrdo com a declaração da Conferencia de Washington de 1889, de que ficava abolido no direito publico americano o principio de conquistas e de que eram nullas as cessões de territorio feitas durante o tempo em que vigorasse o tratado de arbitramento, desde que se realisassem sob a ameaça de guerra ou pressão de força armada.

Segundo a melhor doutrina, e tal é a seguida por Despagnet, professor da Universidade de Bordeaux, nem sequer é admissivel a conquista baseada no principio das nacionalidades, como fariam os escriptores allemães, isto é, não se justifica a própria conquista pela qual se faculta a uma população



reunir-se á maioria dos individuos da mesma nacionalidade.

Finalmente, nem o proprio Estado, ou aos proprios Estados, aos quaes se fez uma guerra injusta (é o caso da ultima guerra européa declarada injustamente peios imperios centraes á França, Russia, etc.) é permittido annexar ao seu territorio, territorios das nações provocadoras da guerra, e vencidas afinal. (Despagnet, n. 389, do «Curso de Direito Internacional Publico»).

Ora, pelo «Tratado de Paz» se realisa a annexação prohibida. E' indubitavel que pelo menos as colonias e possessões ultramarinas da Allemanha passaram para algumas das nações vencedoras.

Consequentemente o «Tratado de Paz», assignado «ad referendum» do Congresso (art. 48, n. 16 da Constituição), não poderá ser approved definitivamente pelo Congresso Nacional (art. 34, n. 12).

A propria «Liga das Nações» não é compativel com a nossa Constituição, que no art. 34, n. 17, declara competir privativamente ao Congresso Nacional «fixar annualmente as forças de terra e mar.» O «Conselho da Liga das Nações» deverá elaborar projectos para e redução dos orçamentos, os quaes serão submettidos a revisão de dez em dez annos. E' evidente, a antinomia entre as duas normas. Aceitando a «Liga», ficará o Congresso por esse acto seu privado de exercer uma faculdade constitucional? Poderá o «decreto legislativo» que resolver definitivamente á cerca da «Liga» revogar o preceito constitucional? Se não, a que fica reduzida a competencia privativa do Congresso para fixar «annualmente» as forças de terra e mar, quando só de dez em dez annos se póde alterar o numero dos nossos soldados de terra e mar?

Já se vê que mesmo a «Liga das Nações», tal qual foi organizada, «verdadeiro conto do vigario», posta em logar da promettida «Sociedade das Nações», não póde ser aceita pelo Brasil sem a reforma da Constituição Federal. — DR. PEDRO LESSA (Do *Jornal do Brasil*, Rio)

### O quarto de hora de Nogi

A victoria sportiva hontem obtida por um grupo de rapazes brasileiros em luta leal e porfiada com as delegações de athletas argentinos, chilenos e orientaes despertou em toda a cidade — pode-se mesmo dizer: em todo o paiz — interesse e enthusiasmo sem precedentes. O «match» foi esperado com verdadeira anciedade e teve concorrência prodigiosa; não houve sacrificios de dinheiro, de tempo e de conforto, que desanimassem os curiosos; no dizer dos populares os tres «stadia» regorgitavam — porque Zé Povinho já considera que ha tres «stadia» no Rio de Janeiro: — o do Fluminense, o do morro, que lhe fica a cavalleiro e o da Avenida, onde já é preciso chegar cedo para apanhar «logar bom» e ler facilmente os boletins dos jornaes, descrevendo o jogo. Ao anoitecer a noticia da victoria brasileira espalhou-se com a rapidez de um relampago, suscitando manifestações delirantes, em todos os bairros; o elemento mais popular da assistência, o pessoal que observa as pugnas de longe, do alto da collina vizinha, trouxe a boa nova á cidade, desfilando a pé até a avenida Rio Branco com o pavilhão nacional, que arvorara no seu observatorio improvisado.

Havia puerilidade nesse interesse? Exaggero nessas manifestações? Não. A victoria de hontem, a conquista do «Campeonato Sul-Americano de Football», tem, especialmente para o Brasil, significação muito mais elevada e auspiciosa do que a de uma simples gloriosa sportiva. Dada a nossa situação de raça ainda mal conhecida e, sobretudo, dadas as condições em que foi alcançado o triumpho sobre a «équipe» detentora da taça, elle tem o aspecto de uma prova em que damos, pela primeira vez em um certamen internacional, a medida de nossas qualidades physicas e moraes, do nosso instincto patriotico, do sentimento que já temos intenso e profundo de nossos deveres em face do Destino, da capacidade que possuímos de comprehender e realisar empresas, que dependem de longo e paciente preparo, de coopera-



ção disciplinada, de esforço sem interesse pessoal, qualidades que ha bem poucos annos nos eram negadas e que muitos dentre nós mesmos consideravam incompativeis com o caracter nacional.

Só por isso, pelo desmentido de uma legenda desanimadora e injusta, a victoria nesse campeonato deve ter para todos os brasileiros o valor de incentivo, de um programma para o futuro, de um marco magnifico de onde partiremos com novo alento para a conquista de outros e mais valiosos louros.

Na verdade, esse mez de athletismo foi todo elle grandemente lisongeiro para os que se interessam pela formação de nossa nacionalidade e a educação de nossa raça.

Nos «sports» nauticos, exactamente os que exigem organismos mais perfectos e resistentes, obtivemos todas as victorias sobre nossos irmãos do Uruguay e da Argentina. Em natação, que os mestres hygienistas consideram o «sport» por excellencia, os dois maiores premios foram levantados por um homem de quarenta annos e um rapazola de dezeseite.

No «scratch» de «players», que logrou, com formidavel esforço, arrancar aos uruguayos o titulo de campeão da America do Sul, ha veteranos como Pindaro de Carvalho e novatos como Agostinho Fortes; ha um medico, um academico de engenharia, um estudante de preparatorios, empregados de bancos, de usinas e de casas commerciaes; ha descendentes de portuguezes, de francezes, de italianos, de allemães e de africanos. Mas todos alli eram «sportsmen», animados pelo ardor de vencer pelo Brasil, submissos voluntariamente á mesma disciplina severa e attenta para vencer; trenados no mesmo regimen de hygiene e esforço, para vencer; resolvidos a enfrentar todas as difficuldades, a supportar todos os golpes, a resistir, a todas as fadigas, para vencer.

Gloria sportival — dirão os pessimistas, os criticos a todo o transe. Que importa se essa victoria revelou nos rapazes brasileiros de hoje as mesmas qualidades, a mesma dedicação, a

mesma robustez de corpo e de alma, com que se disputam e alcançam outras victorias mais preciosas?

E é preciso attender ás circumstancias que cercaram esse campeonato. Os outros foram por nós perdidos por falta de preparo; todos os competentes estão accordes em affirmar que nossos «scratches» foram a Buenos Aires e Montevideu, organisados á ultima hora, sem treino, sem uma selecção criteriosa.

O desaparecimento desses males foi a melhor de nossas victorias, porque foi um triumpho sobre nós mesmos, sobre nossos habitos de descuido, sobre nossa antiga incomprehensão da necessidade do esforço conjunto e preparado com pertinacia. Desta vez, tivemos na arena, para defender nosso nome e as côres de nossa bandeira, um conjunto homogeneo, adextrado, com pratica de agir com disciplina e methodo.

Mas, não foi o bastante. Os que nos enfrentavam tinham tambem por si todas essas vantagens e mais a de possuil-as ha mais tempo do que nós. As forças estavam quasi equilibradas e se havia desproporção sensivel, era em proveito de nossos brilhantes adversarios. Então, entrou em jogo um novo elemento: — a resistencia phisica e mais ainda a resistencia moral.

Para decidir a victoria hesitante era preciso ter a coragem de esperal-a; esperal-a, resistindo, lutando, mantendo a defesa energica e a offensiva impetuosa.

O primeiro tempo do jogo deixou-nos intactos diante dos adversarios igualmente intactos; passou o segundo tempo, e uns como outros mantiveram suas posições; mais meia hora de luta, e ainda as duas «équipes» estavam invulneraveis; duas horas de jogo não tinham trazido solução ao embate. Era preciso mais outro encontro, e foi nesse que vencemos.

Dois dos maiores cabos de guerra de nosso tempo, Nogi e Foch, estabeleceram para os encontros sangrentos de guerra um mesmo principio, e-nunciado em termos diversos, segundo as raças que os produziram. O vencedor da segunda batalha do Marne disse: «O general vencido é aquelle que primeiro acredita na sua propria der-



rota.» O conquistador de Porto Arthur usou de outra formula, dizendo: «O vencedor é aquelle que tem a coragem precisa para soffrer um quarto de hora mais do que seu adversario.»

No espirito de um e outro desses grandes conductores de homens a idéa evidente é uma só. Para vencer é preciso resistir sem desanimo, até o ultimo momento.

Foi na ultima prorogação que o nosso «scratch» triumphou, revelando os mesmos dotes com que os soldados de Nogie Foch se cobriram de gloria immorredoura. Cabe aos educadores e aos governos cultivarem essas qualidades magnificas e aproveitá-las para as lutas que o Destino nos reservar na paz como na guerra. — (D'O *Imparcial*, Rio).

### Sete vaccas gordas

Certo individuo encontrou, um dia, á beira de um rio, um ovo de crocodilo. Metteu-o na algibeira, atravessou kilometros de terra firme, e, ao fim da viagem, escondeu na areia do quintal a minuscula reliquia trazida de longe. Do ovo nasceu um crocodilo, que se desenvolveu e acabou, uma tarde, comendo o homem.

Ha pequenos incidentes que são, como esse, origem de grandes acontecimentos. E é desse numero, segundo alguns historiadores, o que deu ensejo, ha cincoenta annos, á guerra do Paraguay.

Nos gloriosos tempos da conquista hespanhola, Domingo Martinez de Irala, fundador de Assumpção, entendeu que a prosperidade do Paraguay dependeria, no futuro, da criação do gado.

— Quiero ir a la costa del Brasil a traer vacas! — disse.

A precedencia não coube, entretanto, mas a Ruiz Diaz de Melgarejo, que mandou buscar da capitania de S. Vicente, no littoral brasileiro, sete vacas e um touro, recebendo o vaqueiro, um tal Gaeta, pelo trabalho, uma das vaccas que conduziu.

Pouco depois estava a manada de Gaeta de tal maneira multiplicada, que o capitão Martin de Orné temia a invasão do povoado pela ganadaria da vi-

sinhança, queixando-se aos interessados:

— Hay tantas vacas, cabras, ovejás, yeguas, y puercos, que es menester alejarlos del pueblo, por que van en crecimiento.

Nos fins do seculo XVIII possuia o Paraguay tres milhões de cabeças de gado vaccum; e em 1865, cerca de quinze milhões, — sendo essa fartura de recursos, na opinião de alguns commentadores, um dos elementos que mais animaram Lopez a declarar guerra ao Brasil.

E ahi está como sete vaccas brasileiras, multiplicadas no estrangeiro, concorreram para que o seu paiz de origem se empenhasse na mais violenta guerra da America.

Era o crocodilo do caminheiro, que, após o seu desenvolvimento, se voltava, terrível, contra aquelle que o tivera nas mãos. — MICROME GAS (D'O *Imparcial*, Rio).

### S. Paulo no Centenario

... O sr. prefeito no meio de uma papelada que estava a estudar, — re-latorios, plantas, requerimentos, — recebeu-me com a maxima gentileza... E mal lhe expressei a intenção de conhecer o que pretende fazer em S. Paulo para a commemoração da independencia, s. exa. logo me responde:

— A commemoração, como sabe, não é nem deve ser feita sómente por S. Paulo, mas por todo o Brasil. E' brasileira e não paulista a data, de sorte que nós não podemos cogitar em realisar, por nossa conta exclusiva, as festas commemorativas. Não ha duvida que o Ipiranga é um bairro da nossa cidade, mas o feito excepcional que alli se deu interessa a todo o paiz, e a todos os brasileiros, portanto, é que competirá a commemoração.

— Sim; é verdade. No Rio já se está tratando das festas nacionaes. Mas não faremos aqui nada para commemorar a independencia?

— Decerto que sim, mas isso não toca á Prefeitura, nem ao governo do Estado, o qual, de resto, já começou a tratar do assumpto. O que a Pre-



feitura tem a fazer é apresentar con-  
dignamente a cidade, que com certeza  
terá de receber innumerables forasteiros.  
E isso, posso garantir-lhe que será  
feito...

— E v. exa. pretende realizar muitas  
reformas na cidade?

— Não, nem ha recursos para tanto  
e eu não faço reformas sem ter o di-  
nheiro na gaveta. Mas, só com a ter-  
minação de algumas obras de embel-  
lezamento já iniciadas, e com os reto-  
ques necessarios, aqui e alli, sobre-  
tudo no calçamento, S. Paulo — que  
já é, incontestavelmente, uma bonita  
cidade — estará em condições de of-  
ferecer um bello scenario ao que se  
fizer aqui. Como sabe, o governo já  
iniciou a construcção da Avenida In-  
dependencia, a qual irá do monumento  
do Ipiranga até o ponto de intercessão  
com o canal, onde começará a Ave-  
nida dos Estados, esta por conta ex-  
clusivamente da municipalidade.

— E é folgada a situação financeira  
do municipio?

— Folgada, muito folgada, não. Mas  
a nossa despesa vae diminuindo bas-  
tante, os nossos titulos estão com uma  
cotação excellente, a renda municipal  
augmenta sensivelmente, sendo de mais  
de 11.000 contos, e já não temos  
«deficits» no orçamento...

— E além da Avenida dos Esta-  
dos, o que pretende a Prefeitura fa-  
zer?

— O Parque da Varzea do Carmo,  
que não custará um vintem á Pre-  
feitura, e constituirá o mais bello jar-  
dim da cidade, ligando-se com o do  
Anhangabahu', e terminando ambos no  
Piques, onde em breve se farão obras  
em torno do obelisco, de modo a  
pô-lo em grande destaque, a aformo-  
seando o local. A Avenida S. João  
estará completamente acabada, até a  
rua dos Tymbiras, tendo no inicio,  
na Praça Antonio Prado, uma bella  
fonte monumental, que disfarçará a  
ladeira. O esculptor Zani já tem prom-  
pta a «maquette» para esse monumen-  
to que ha de ser de granito, marmore  
e bronze, e de lindo effeito. Tambem  
a rua Libero Badaró ficará, até 1922,  
inteiramente concluida, e até lá espero  
igualmente fazer a Praça de Santo An-

tonio, tão necessaria para desafogar o  
centro. Parece-me que, com isso, e  
com os reparos de que já lhe falei,  
teremos a cidade á altura das festas  
que aqui se fizerem... — P. (*D'O Es-  
tado de S. Paulo*).

### Jaurès

Vi-o, frequentemente, de perto. Este  
grande homem mostrava-se, na intimi-  
dade, simples e affectuoso. Era a  
mesma doçura e bondade.

De todas as faculdades que lhe con-  
cedeu a natureza, a de amar foi tal-  
vez a que elle exerceu de um modo  
mais completo. Ouvi essa voz terrivel  
que enchia o mundo com os seus  
echos formidaveis, fazer-se, para mim,  
cordial e acariciadora.

Seu saber, profundo e seguro, es-  
tendia-se além do largo circulo das  
questões sociaes, sobre todas as cou-  
sas do espirito.

Algumas semanas antes da guerra,  
fndo visitá-lo á sua casa em Passy, tão  
modesta e gloriosa, encontrei-o lendo  
no original uma tragedia de Euripides.  
Seu espirito immenso repousava do  
estudo com o estudo e de uma ta-  
refa com outra. Na serenidade de uma  
consciencia pura, perseguido por odios  
encarniçados, alvo de calumnias homi-  
cidas, não odiava a ninguem. Ignora-  
va os seus inimigos.

Esses odios com que os povos ás  
mais das vezes pagam a seus mais  
fieis servidores, a seus melhores ami-  
gos e mais sabios conselheiros, não  
se extingue logo após a morte dos  
grandes homens que perseguem, porque  
os grandes homens não morrem com-  
pletamente e deixam após si seu pen-  
samento vivo e fecundo, á mercê das  
facções.

Será em vão que o erro e o odio  
hão de tentar obscurecer o tulgurante  
patriotismo de Jaurès. Pois o amor  
da patria e o amor da humanidade  
não podem arder no mesmo coração?  
Podem; devem. Direi mais: si não se  
ama a humanidade não se poderá amar  
verdadeiramente a patria que é um  
membro della, e de que se não pode  
destacar sem fazel-a sangrar, soffrer  
e morrer.



Jaurés amava a França. Queria-a justa, pacífica e forte.

A segurança de seu paiz foi uma das mais constantes e das mais fortes preocupações do seu grande espirito. Elaborou com rara energia um projecto de milicias que punha um immenso e vigoroso exercito ao serviço da autonomia nacional. O genio é prophético e esse grande homem lia no futuro quando preconisava a organização da nação armada.

O serviço de tres annos, que prevaleceu não nos livrou da invasão. Salvou-nos a nação armada.

A guerra, elle a receava para o seu paiz e para a humanidade. Não a temia nem pela sorte de seu partido, nem pelo successo de suas ideas. Prevvia, na verdade, que a França victoriosa pagaria com sua liberdade o triumpho das armas; mas sabia tambem que esse resgate não levaria muito tempo a lhe ser exigido e que a revolução, explodindo de começo entre os vencidos, levaria em pouco o incendio aos vencedores. Elle sabia que esta guerra não seria um passatempo de principes como as de Luiz XIV ou de Frederico, ou uma grande aventura, como as conquistas de Napoleão; que ella não consistiria somente nesses choques de exercitos que, espelhando as searas, deixam intactos os alicerces dos Estados, mas que, oriunda de rivalidades industriaes, até hoje inauditas e abrangendo povos inteiros, ella seria social e que ao esforço quasi universal dos combatentes succederia o esforço universal dos trabalhadores.

Os acontecimentos lhe dão razão e ninguém nesta hora é bastante insensato para crêr que as ondas humanas levantadas por tão violenta tempestade venham a voltar tranquillamente ao leito e retomar o curso antigo. Não! Não! a terra está profundamente perturbada; muitos vales se cavaram, abysmando altas planicies; elevaram-se montanhas, para que as novas gerações possam escoar-se suavemente pelas encostas de onde se despenharam as anteriores. Ora, as condições economicas das nações estão radicalmente transtornadas, delapidadas as suas riquezas; o furor imperialista e capita-

lista tudo devastou, entre vencedores como entre vencidos; e quereis que o trabalho se submeta ás mesmas leis que o sujeitavam no velho mundo que em quatro annos de guerra se tornou um cháos monstruoso e uma ruína irreparavel!

Jaurés bem sabia que a guerra dos povos amadureceria o socialismo, libertaria o proletario, o qual se tornaria soldado e conheceria ao mesmo tempo a sua força e a demencia dos seus patrões.

Jaurés bem sabia que, no dia em que os povos se penetravam mutuamente a ferro e a fogo, abriam emfim passagem, atravez desses caminhos sangrentos, á idéa internacional pacífica.

Espiritos clarividentes souberam prever esse esforço suprehendente com que uma guerra de rivalidades economicas prepararia pelo seu partido. Mas não queria comprar por semelhante preço o progresso das mais caras das suas ideias.

Tocou á sua alma, bella como a paz, o destino de morrer com ella.

Que ella reviva em nós mais brilhante que nunca com a paz renascida e que seu pensamento luminoso nos guie.

Não exijamos que elle seja vingado. A vingança nunca se aninhou em seu coração. Não lhe rendamos honras vãs, que elle teria recusado com todas as forças da sua grande alma; mas esforcemo-nos por ser, seguindo o seu exemplo, humanos e generosos.

Quanto a mim, que tenho a magoa de sobreviver-lhe, já no termo de minha vida, quero que as minhas ultimas palavras, como as delle, sejam palavras de justiça e de amor. — ANATOLE FRANCE (De *L'Humanité*, Paris).

...

## Notas Scientificas

### O casamento consanguineo em face da Eugénia

Dentre as muitas theorias sobre a hereditariedade nenhuma é mais completa, e se concilia mais com a logica do que a de Weissmann. Esta é a opinião geral dos scientistas que se dedicam a esta transcendente questão biologica. Baseado nella vamos consi-



derar o seguinte:

Existem no organismo animal duas sortes de células: somáticas e germinativas. As somáticas constituem o organismo e representam, mal comparando, o *cabide* das germinativas ou sexuaes, que são os elementos nobres por excellencia, dada a sua função de perpetuadora das espécies. Estas ultimas células de reprodução são por sua vez de duas variedades: machos e fêmeas. Ambas contêm todos os elementos proprios de uma célula completa e como principal a — *chromatina* — que representa, na expressão de Duval, o *substratum* material da hereditariedade.

A chromatina da célula macho (espermatozoide) como a da célula fêmea (ovulo) trazem em si as propriedades biologicas dos dois seres donde provieram. Fundindo-se as duas células, no phenomeno da reprodução as duas chromatinas se conjugam e origina-se o ovo, que vae posteriormente dar nascimento a um novo sêr identico aos ascendentes.

Antes, porém, dos dois elementos reproductores se fecundarem, as chromatinas de ambos soffrem caryocineticamente um processo de eliminação, denominado — *eliminação dos globulos polares*. Esta constitue, como que uma redução de metade dos seus valores quantitativos e qualificativos, para que se faça a união de duas metades e resulte uma unidade. Se assim não fosse, cada fecundação representaria a somma de duas unidades, o que daria em resultado uma multiplicação infindavel de chromatinas.

Não só para isso se dá a eliminação parcial, ou eliminação dos globulos polares. Admitte-se, e sensatamente, que este processo eliminativo é de ordem selectiva. Os chromosomos da chromatina, ou melhor, os determinantes, ou melhor ainda, os bioforos se entrecrocão, lutam entre si, seleccionam-se, eliminando-se com o globulo polar os mais fracos, os inferiores e persistindo nos pronucleos resultantes os mais aptos, os mais fortes.

Este *modus operandi* desenvolvido na theoria de Weissmann ou theoria da selecção germinal completa a theoria de Darwin, isto é, da selecção en-

tre individuos e a theoria de Roux ou da selecção histonal.

A selecção germinal representa um grande passo no estudo do aperfeiçoamento das espécies, porque vem demonstrar que mesmo nas células germinativas se dão lutas, que o que se desenrola no microcosmo é essencial para a perpetuação biologica, isto é, que o *match* entre os determinantes é questão essencial de vida.

Se na eliminação dos globulos polares fica assegurada a perpetuidade dos determinantes e portanto dos bioforos optimos e sendo estes os vehiculadores da vida, os representantes dos caracteres, é certo que nas células pronucleares se encontrarão representados os melhores a transmittir ao novo individuo.

Dito isto, fica esclarecido o seguinte: a célula germinal, de um individuo tarado, contêm tantas espécies de bioforos quantos caracteres existiam no individuo de onde proveio; portanto, terá bioforos bons e inferiorizados, que serão eliminados com os globulos polares; se porém estes forem em quantidade superior é certo que a expulsão delles não sendo total, muitos figurarão no pronucleo. Ora, se este facto se der, tanto no ovulo, como no espermatozoide, está patenteado a inferioridade do producto resultante da combinação das duas células.

Em outros termos, se os pronucleos fêmea e macho são bons, o producto será optimo e o novo sêr delles oriundo um typo forte; se os pronucleos contêm elementos chromaticos impregnados de taras, o producto será por sua vez tarado, e o ser resultante, um inferiorizado. Se, finalmente as taras forem excessivas o producto da fusão originada consistirá numa monstruosidade ou não chegará ao seu desabrochamento.

A isto somos levados, para chegar a seguinte conclusão bem simples: quando se casam dois individuos consanguineos fortes, os filhos tambem o serão e mesmo poderão receber as qualidades optimas herdadas em ampliação. Se porém o pae e a mãe trazem na sua organização um vicio, uma tara, homogenica ou não, o que



é muito commum, o filho receberá os males dos progenitores nos seus multiplos.

Muitas vezes, v. g. um individuo é portador de uma tara nevropathica minima, a qual passa completamente despercebida e a mulher consanguinea em condições identicas recebe-o como esposo. O producto de duas facções nevroticas sommadas originará fatalmente uma psychose de maior quilate que irá se patentear na victima descendente.

Estas considerações servem como base para chegarmos á seguinte conclusão:

— *A consanguinidade tanto serve para exaltar boas qualidades, o que é raro, na especie humana, como para multiplicar as más, o que é a regra.*

Na minha fraca opinião entendo, pois que, sob o ponto de vista eugenico deve ser mantido o artigo do nosso Codigo Civil que considera impedimento o parentesco de «irmãos legitimos ou illegitimos, germanos ou não e os collateraes, legitimos ou illegitimos até o terceiro grau», e, que seja criado um novo artigo, no qual se estabeleça a exigencia do exame prenupcial.

Nestas condições proponho que seja levantado um protesto contra o projecto da alteração do artigo 183 do Codigo ou a suppressão do impedimento nelle previsto para o casamento entre o tio e sóbrinha ou sobrinho e tia. — DR. RENATO KEHL.

...

## Variedades

### Um livro a proposito do Centenario

Fiel ao seu programma do mais puro nacionalismo, a «Revista do Brasil» projecta a publicação de uma valiosa e interessantissima obra commemorativa do Centenario da Independencia nacional.

Esse livro, para cujas paginas estão sendo recolhidos documentos em todo o paiz, não terá feição nem o espirito de simples polyanthéa, mas será o mais interessante e o mais vivo attestado da nossa cultura, pois,

além do character expositivo e documentario, reflectirá as modalidades da critica historica e social por parte da élite pensante brasileira.

Para isso, valendo-se não só da sua diffusão em todos os Estados, mas tambem do intelligente aparelho de informações que organizou com ramos em todas as capitães brasileiras onde tem directores regionaes, a «Revista do Brasil» acaba de abrir um important-concurso-inquerito para fazer convergir á obra projectada a attenção e o trabalho de todos os estudiosos.

Por esse concurso-inquerito, destinado a uma enorme repercussão em todos os meios nacionaes, a Revista deseja ver tratados os seguintes assumptos:

**PRELIMINARES** — Quaes são os verdadeiros factores sociaes, politicos e economicos que determinaram effectivamente a independencia? Até que ponto se prende esse movimento nacional á corrente libertadora que determinou a emancipação dos outros paizes da America?

**THESE** — Com que contingente para a Independencia entrou cada um dos antigos nucleos de colonização do paiz e como evolveram o sentimento e a consciencia nacionalista nos ultimos cem annos em cada um delles?

As contribuições não devem exceder de trinta paginas, que deverão ser enviadas em duas cópias á redacção da «Revista do Brasil».

O concurso-inquerito fica aberto até 7 de setembro de 1921, e para o melhor trabalho a «Revista» offerece o premio de um conto de réis.

Dos trabalhos que lhe forem enviados até 7 de setembro deste anno, a «Revista» publicará um no fasciculo correspondente a esse mez.

Além de monographias sobre os assumptos em concurso, serão recebidos e aproveitados quaesquer trabalhos ou apontamentos que se refiram ao magno acontecimento da nossa historia. A redacção da «Revista do Brasil» responderá pressurosamente a todas as cartas que lhe forem dirigidas, solicitando outras informações referentes ao presente concurso-inquerito, que é, no genero, o primeiro realizado no Brasil.



## CARICATURAS DO MEZ

### Apagando o Facho...



*Um sul-americano — Parece-me que ficamos às escuras.*

*Outro — Pois você não viu logo que é este o fim da Conferencia da Paz?!*

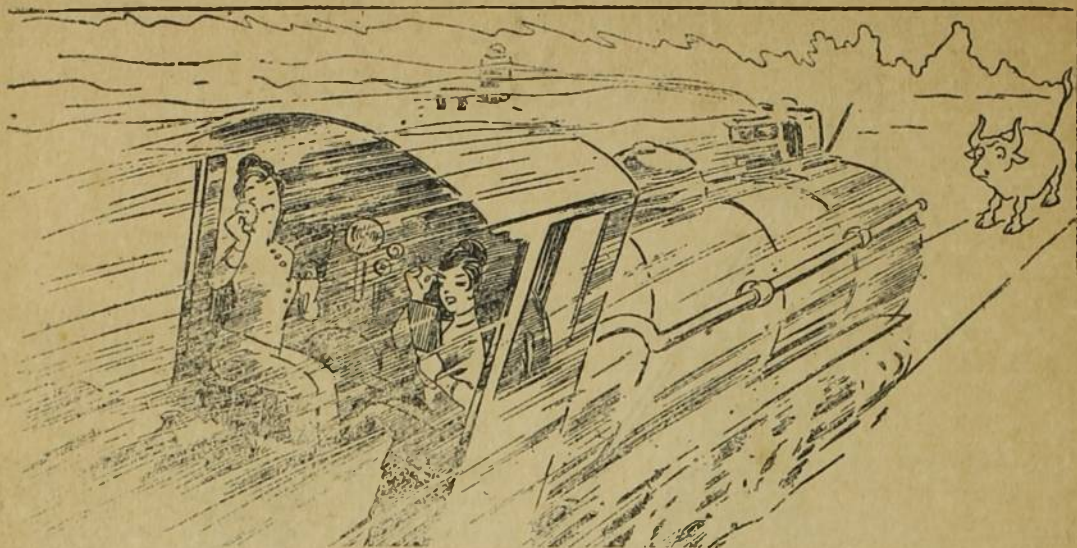
*(Storni - D. Quixote - Rio)*



## O FEMINISMO MARCHA...

A 60 k, por hora

O director da Central do Brasil resolveu autorizar a inscripção de senhoras no concurso a realizar-se em junho proximo naquella estrada.



Se a moda chegar ao trafego e a mulher entrar nos trilhos... isso  
vae ser uma beleza de hortaliça. (Kulisto - D. Quixote Rio)

## O FUTRICA



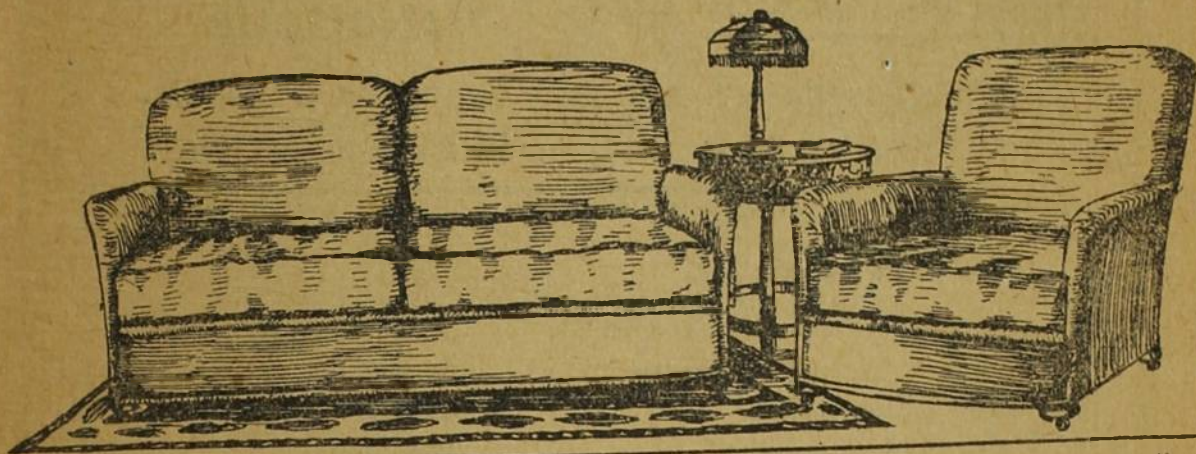
- Não gosta do jogo de foot-ball?
  - Gosto sósinho. Jogo todos os dias, em casa, com a almofada da sala de visitas.
- (Raul - D. Quixote - Rio)



**MAPPIN STORES**  
SOCIÉDADE ANÔNIMA INGLEZA

# MOVEIS DE COURO

□ □ □



*Fabricamos estes moveis pelo mesmo  
systema usado para os sofás e poltro-  
nas dos "Clubs" Londrinos. ::*

*São empregados couros dos melhores  
cortumes inglezes e todos os outros  
materiaes, de primeira qualidade. ::*

*Exposições na Secção de Moveis*

## MAPPIN STORES

RUA 15 DE NOVENBRO, 26 - S. PAULO



# Wilson Sons & Co. Limited

R. B. Paranapiacaba, 10 - S. PAULO

Caixa Postal 523

ENDEREÇO TELEGRAPHICO :  
" ANGLICUS "

Armazens de mercadorias e depósitos de carvão  
com desvios particulares no BRAZ e na MOÓCA

## AGENTEE DE

|                                                |                                   |
|------------------------------------------------|-----------------------------------|
| Alliance Assurance Co. Ltd., Londres . . . . . | <i>Seguros contra fogo</i>        |
| J. B. White & Bros. Ltd., Londres . . . . .    | <i>Cimento</i>                    |
| Wm. Pearson Ltd., Hull . . . . .               | <i>Creolina</i>                   |
| T. B. Ford Ltd., Loudwater . . . . .           | <i>Mataborrão</i>                 |
| Brocke, Bond & Co. Ltd., Londres . . . . .     | <i>Chá da Índia</i>               |
| Read Bros. Ltd., Londres . . . . .             | <i>Cerveja Guinness</i>           |
| Andrew Usher & Co., Edinburg . . . . .         | <i>Whisky</i>                     |
| J. Bollinger, Ay Champagne . . . . .           | <i>Chompagne</i>                  |
| Holzapfels, Ltd., Newcastle-on-Tyne . . . . .  | <i>Tintas preparadas</i>          |
| Major & Co. Ltd., Hull . . . . .               | <i>Preservativo de Madeiras</i>   |
| Curtis's & Harvey, Ltd., Londres . . . . .     | <i>Dynamite</i>                   |
| Ghotham Co. Ltd., Nottingham . . . . .         | <i>Gesso estuque</i>              |
| P. Virabian & Cie., Marselha . . . . .         | <i>Ladrilhos</i>                  |
| Platt & Washburn, Nova York . . . . .          | <i>Oleos lubrificantes</i>        |
| Horace T. Potts & Co., Philadelphia . . . . .  | <i>Ferro em barra e em chapas</i> |

## Unicos depositarios de

Sal legitimo estrangeiro para gado marca "LUZENTE"  
Superior polvora para caça marca "VEADO" em  
cartuchos e em latas

Anil "AZULALVO" o melhor anil da praça.

## Importadores de

Ferragens em geral, tintas e oleos, materiaes para  
fundições e fabricas, drogas e productos chimicos  
para industrias, louça sanitaria, etc.



# Etablissements **Bloch**

---

:: Société  
Anonyme

au Capital de 4.500.000 francos. ::

---

Fazendas  
e Tecidos

---

Rio de Janeiro  
116, R. da Alfandega

S. Paulo - Rua Lib. Badaró, 14

Paris - 26, Cité de Trévise



# ALMEIDA SILVA & Cia.

Importadores de FERRAGENS, LOUÇAS, TINTAS e OLEOS

End.: Telegr. "AMSDIAS" - Código Ribeiro

Caixa Postal, 840 - Telephone N. 1002 Central

Rua General Carneiro, 13

SÃO PAULO

## Obras de philosophia de Henrique Geenen

Compendio de Psychologia Experimental. 2. edição

Compendio de Logica. 5. edição

Obras elogiadas por Pedro Lessa, Franco da Rocha,  
Osorio Duque Estrada, e outros homens de  
responsabilidade.

Preço: 5\$000

A' venda em todas as Livrarias

## CASA FREIRE -

Louças, LIVROS e

Objectos de arte

*José da Cunha Freire*

Rua de São Bento, 34-b

Caixa do Correio 235 - S. PAULO - Telephone N. 867

# 3\$000

é quanto paga a Administracção da **Revista do Brasil** por exemplar do N. 26 ou do N. 29, de fevereiro e maio de 1918, respectivamente, que lhe fôr enviado para a Caixa, 2-B S. Paulo, Rua da Boa Vista N. 52



# CASA EXCELSIOR

Ferragens, Tintas, Louças e Crystaes - Especialidade

em Artigos Domesticos e artigos para Encerar :: ::

**P. R. AMARAL** IMPORTADOR

Largo do Arouche, 83 - Tel. N. 1978 Cent.- S. PAULO

Phosphoros

**Segurança**

Marca

OS UNICOS QUE



**Casa Nathan**

S. Paulo

**"Trevo"**

SE EXPORTAM

## LOTERIA DE S. PAULO

Em 18 de Julho

**60:000\$000**

por 7\$000

Decimos a 700 réis

OS BILHETES ESTÃO A' VENDA EM TODA A PARTE



## INDICADOR

### ADVOGADOS:

DRS. SPENCER VAMPRE',  
LEVEN VAMPRE' e PEDRO  
SOARES DE ARAUJO — Traves-  
sa da Sé, 6, Telephone cent. 2150.

DRS. ROBERTO MOREIRA,  
J. ALBERTO SALLES FILHO e  
JULIO MESQUITA FILHO —  
Escriptorio; Rua Boa Vista, 52  
(Sala 3).

### MEDICOS:

DR. RENATO KEHL — Espe-  
cialista em syphilis e vias urina-  
rias (molestias dos rins, bexiga,  
prostata e urethra). Cons. Rua  
Liberio Badaró, 118. Tel. Cent.  
5125. Res.: rua Domingos de Mo-  
raes, 72. Tel. 2559.

DR. SYNESIO RANGEL PES-  
TANA Medico do Asylo de Ex-  
postos e do Seminario da Gloria.  
Clinica medica especialmente  
das crianças Res.: R. Bella  
Cintra, 139. Consult.: R. José Bo-  
nifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. SALVADOR PEPE Es-  
pecialista das molestias das vias  
urinarias, com pratica em Pariz.  
— Consultas das 9 ás 11 e das  
14 ás 16 horas. Rua Barão de  
Itapetininga, 9, Telephone 2296.

### TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE  
PROTESTOS DE LETRAS E TI-  
TULOS DE DIVIDA, NESTOR,

RANGEL PESTANA, tem o seu  
cartorio á rua da Boa Vista, 58.

### CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corre-  
tor official — Escriptorio: Tra-  
vessa do Commercio, 7 — Tele-  
phone n. 393.

GABRIEL MALHANO — Cor-  
retor official — Cambio e Titulos  
— Escriptorio Travessa do Com-  
mercio, 7. Telephone 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FI-  
LHO — Corretor Official — Es-  
criptorio: Travessa do Commercio  
5 — Teleph. 323 — Res.: Rua Al-  
buquerque Lins, 58, Teleph. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COM-  
MERCIAL E BANCARIA LEONI-  
DAS MOREIRA — Caixa Postal  
174. End. Teleg. "Leonidas", São  
Paulo. Telephone 626 (Central)  
— Rua Alvares Penteado — São  
Paulo.

### COLLEGIOS:

EXTERNATO DR. LUIZ PE-  
REIRA BARRETO — Admissão  
aos cursos superiores da Repu-  
blica para ambos os sexos —  
Rua Carlos Gomes, 50 — Acacio  
G. de Paula Ferreira.

### ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO. —  
Emilio Rocco. — Novidades em  
casemira ingleza. — Importação  
directa. Rua Amaral Gurgel, 20,  
esquina da rua Santa Izabel, Tel.  
3333 cidade — S. Paulo.

### LIVRARIA DRUMMOND

Livros Escolares, de Direito, Medicina, Engenharia,  
Litteratura - Revistas - Mappas - Material Escolar.

### ED. DRUMMOND & COMP.

RUA DO OUVIDOR, 76 - TELEPH. NORTE, 5667 - End. Tel. "LIVROMOND"  
CAIXA POSTAL, 785 - RIO DE JANEIRO

### LEBRE FILHO & COMP.

Agentes da Companhia de Seguros ALLIANÇA DA BAHIA  
Correspondentes do "BANCO ALLIANÇA" e depositarios dos afamados  
Charutos Poock.



GOSAR  
É  
FUMAR

37

MISTURA  
DA  
MODA

## A' Illuminadora



Artigos Electricos em geral

Motores electricos para  
machina de costura e  
para outros fins.

Lampadas Economica e 1½  
Watt

Candelabros e Abat-Jours  
de seda para Electricidade

47, Rua da Boa Vista - S. PAULO

*Foagerie - Horlogerie - Bijouterie*

MAISON D'IMPORTATION

**BENTO LOEB**

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galeria)

Pierres précieuses - Brillants - Perles - Orfèvrerie - Argent - Bronzes et  
Marbres d'Art - Services en Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 - RUE DROUOT - 30



# LIVRARIA ACADEMICA

Largo do Ouvidor 5-B S. Paulo

Dr. Affonso Dionysio Gama - *Da Antichrese* (Theoria e pratica). Estudo completo, unico no direito nacional, comprehendendo legislação, doutrina, jurisprudencia, formulario, a antichrese no direito patrio, a antichrese no direito estrangeiro e um indice alphabetico e remissivo de toda a materia. Um bello volume em 4.<sup>o</sup>, de 333 pags., br. 12\$000, enc. . . . . 15\$000

Dr. Manoel Pacheco Prates (Lente da Faculdade de São Paulo) - *Theoria elementar da posse*. Exposição clara e precisa dos principios essenciaes; indica e resolve todas as hypotheses praticas sobre aquisição e perda de posse. Um volume brochura 4\$000, encadernado . . . 6\$000

Estudo de Direito Civil - Lições professadas na Faculdade de Direito. Direitos Reaes. Propriedade. Dominio. Casamentos. Desquite. Successão. Acções. 1 vol. br. 5\$, enc. 7\$

Grande variedade de livros de direito brasileiro e portuguez literatura, educação e ensino, sciencias sociaes, etc. Envia-se o catalogo dos livros de direito a quem o pedir.

## GRATIS! OFFERTA EXCEPCIONAL

Quem angariar QUATRO assignantes novos para a REVISTA DO BRASIL terá a sua assignatura gratuita. Se angariar apenas uma terá 3\$000 levados a credito; angariando duas terá 6\$000; tres, 9\$000, e assim por diante. Estas verbas, creditadas em livro especial, serão applicadas na reforma das assignaturas dos que já forem assignantes, ou na aquisição das obras editadas pela revista.

:-: BOLETIM A ENCHER :-:

Illmo. Snr. Gerente da "Revista do Brasil"

Junto seguem \$..... importancia das assignaturas abaixo, angariadas por mim:

|                    |                    |
|--------------------|--------------------|
| (Nome) .....       | (Nome) .....       |
| (Residencia) ..... | (Residencia) ..... |
| (Nome) .....       | (Nome) .....       |
| (Residencia) ..... | (Residencia) ..... |

Peço-lhe, pois, que me credite a importancia de \$.....  
..... de ..... de 19.....

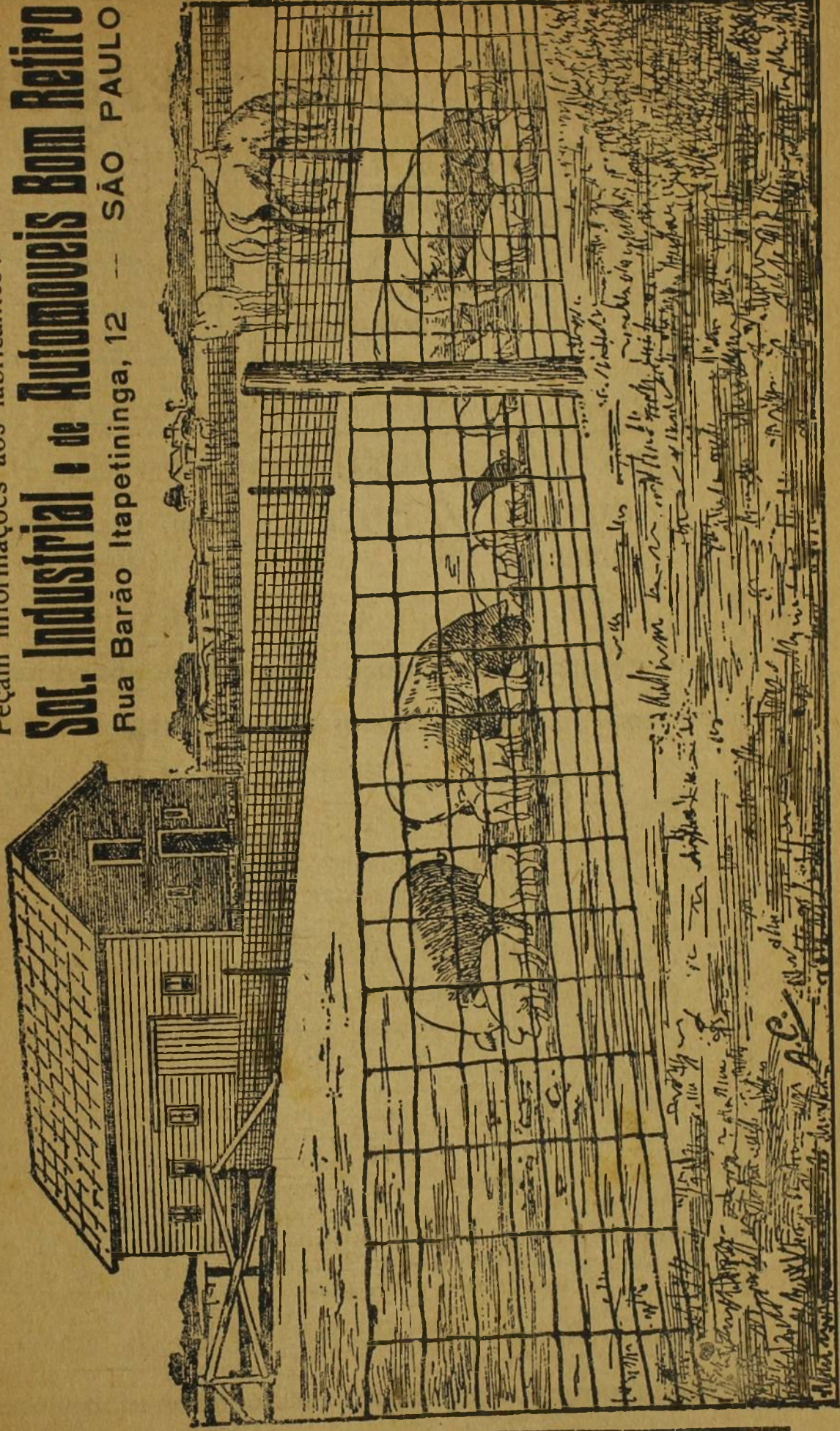


# Cerca de Tecido "PAGE"

Peçam informações aos fabricantes:

**Soc. Industrial e de Automoveis Bom Retiro**

Rua Barão Itapetininga, 12 -- SÃO PAULO





# João Dierberger

FLORICULTURA

S. PAULO

SEMENTES,

PLANTAS,

BOUQUETS,

DECORAÇÕES

Caixa Postal, 458

TELEPHONES:

Chacara, cid. 1006

Loja, central, 511

*Estabelecimento de primeira ordem*

FILIAL:

*Campinas  
Guanabara*

LOJA: Rua 15 de Novembro, 59-A

CHACARA: Alam. Casa Branca  
(Avenida Paulista)

:: Peça<sup>m</sup> Catalogos ::

## CASA DE SAUDE

Exclusivamente para doentes de  
Molestias nervosas e mentaes

**Dr. HOMEM de MELLO & C.**

Medico consultor Dr. FRANCO DA ROCHA Director do Hospicio de Juquery

Med. interno - Dr. TH. DE ALVARENGA Medico do Hospicio de Juquery  
Medico residente e Director Dr. C. HOMEM DE MELLO

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro  
ALTOS DAS PERDIZES em um parque de 22.000 metros quadrados, constan-  
do de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com  
separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece  
aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração  
de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo  
Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem  
de Mello, proximo á Casa de Saude (Alto das Perdizes)


Caixa do Correio, 12 S. PAULO Telephone, 560 :-:



**AGUA INGLEZA**  
 TONICA  
 FEBRIFUGA E APPERITIVA  
**GRANADO**

INDICADA NA ANEMIA, DEBILIDADE,  
 IMPALUDISMO E CONVALESCENCAS

**EXIJAM A**  
**NOSSA MARCA**  
**RECUSEM AS IMITAÇÕES**



QUINIUM. CARNE.  
 LACTO PHOSPHATO DE CAL.  
 PEPSINA E GLYCERINA.

**VINHO**  
**RECONSTITUINTE**  
**GRANADO**

**TONICO E NUTRITIVO**  
 Na tuberculose,  
 anemia, fraqueza,  
 neurasthenia, etc.



  
 EXIJAM A NOSSA  
 MARCA

**URIDINA** O MELHOR DISSOLVENTE do acido urico.  
 O MAIS ACTIVO dos antisepticos das vias urinaes.

Cura RHEUMATISMO, ARTHRI-  
 TISMO, GOTTA, AREIAS, CYSTI-  
 TES, PYELITIS, OBESIDADE, etc.

Granulado effervescente de Urotro-  
 pina, Lycetol, Neo-Sidonal e Lithina.

**GRANADO & C. — Rua 1.º de Março, 14, 16 e 18 — Rio de Janeiro**



As machinas

# *Lidgerwood*

*para Café, Mandioca, Assucar,  
Arroz, Milho, Fubá.* :-:

São as mais recommendaveis para a  
lavoura, segundo experiencias de ha  
mais de 50 annos no Brasil. :-:

**Grande stock** de Caldeiras, Motores a  
vapor, Rodas de agua, Turbinas e acces-  
sorios para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de zinco -  
Ferro em barra - Canos de ferro gal-  
vanizado e mais pertences.

**CLING SURFACE** massa sem rival pa-  
ra conservação de correias.

**Importação directa** de quaesquer  
machinas, canos de ferro batido galvani-  
sado para encanamentos de agua, etc.

---

Para informações, preços, orçamentos, etc. dirigir-se a  
**Rua São Bento, 29-c - S. Paulo**